



**“SE A MÍDIA ESTÁ A CRITICAR, É PORQUE FOI BOM”:
O DISCURSO DE JAIR BOLSONARO NA 75ª ASSEMBLEIA GERAL
DA ONU SEGUNDO A IMPRENSA PORTUGUESA**

CARLOS ALEXANDRE MACHADO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM JORNALISMO


Orientadora:
Professora Doutora Maria Inácia Rezola
Professora-Adjunta da Escola Superior de Comunicação Social
Instituto Politécnico de Lisboa

Agosto 2021

Declaração anti-plágio

Declaro ser o autor do presente trabalho de investigação, condição necessária para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo. Atesto que a presente dissertação – “Se a mídia está a criticar, é porque foi bom”: o discurso de Jair Bolsonaro na 75ª Assembleia Geral da ONU segundo a imprensa portuguesa – é um trabalho original, nunca submetido (no seu todo ou em qualquer das suas partes) a uma instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou de outra habilitação. Declaro, ainda, que todas as citações aqui incluídas se encontram devidamente identificadas, e acrescento ter consciência de que o plágio pode levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Agosto de 2021

A handwritten signature in blue ink, reading "C. Machado", is written over a horizontal line.

Carlos Alexandre Machado

Agradecimentos

Ao companheirismo de minha esposa, Svetlana Pastukhova, que sempre deu o suporte necessário para que os objetivos sejam alcançados, entre eles a conclusão deste mestrado, e do nosso pequeno Geleia/Jam, por fazer a casa ter mais alegria e leveza.

À minha mãe, Carmem, pelo apoio em todos os momentos de minha vida e por me lembrar que jamais devo desistir de buscar os meus sonhos, mesmo que isso crie cada vez mais distância (geográfica) entre nós.

Aos meus queridos amigos brasileiros de Porto Alegre.

À minha orientadora, Maria Inácia Rezola, que sempre esteve pronta a ajudar e elucidar com sua sabedoria e conselhos. Maria Inácia não é só a melhor professora do curso, como é uma orientadora exemplar. Estou profundamente grato de tê-la ao meu lado nesta fase final do curso.

Resumo

Tradicionalmente, desde 1955, o Brasil é o primeiro país a discursar na Abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU). O posto foi alçado porque nas primeiras sessões nenhum país se voluntariou para iniciar os trabalhos e ficou definido que o representante brasileiro abriria as discussões entre as nações. Assim, seguindo um *script* não oficial, em 2020, o presidente Jair Bolsonaro foi o primeiro chefe de Estado a falar. Em um ano completamente atípico, onde o temor com a pandemia de Covid-19 fez com que a ONU tomasse medidas de segurança e realizasse a sua 75ª Assembleia Geral de forma virtual pela primeira vez na história, o presidente brasileiro usou o seus 15 minutos para defender a condução do governo brasileiro na gestão da pandemia e para minimizar os efeitos do desflorestamento e das queimadas nas regiões da Amazônia e do Pantanal. O discurso de Bolsonaro teve repercussão na mídia internacional e contrastou com as críticas que o governo do Brasil vinha recebendo de líderes de outros países, de organizações internacionais e de entidades de proteção aos Direitos Humanos e ao Meio Ambiente. Dessa forma, o objetivo desta dissertação é analisar os enquadramentos e os discursos produzidos pela imprensa escrita portuguesa sobre a participação de Bolsonaro na abertura do evento das Nações Unidas em 22 de setembro de 2020. Serão estudados dez textos, sendo seis produzidos pela Agência Lusa e os outros quatro de autoria de jornalistas do *Expresso*, *Correio da Manhã*, *Público* e *Diário de Notícias*.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro, Assembleia Geral das Nações Unidas, imprensa portuguesa, enquadramento (*framing*), discurso.

Abstract

Traditionally, since 1955, Brazil is the first country to address the annual General Debate of the United Nations General Assembly (UN). The position was gained because in the earliest General Assemblies no country wanted to speak first, except Brazil and it was defined that the Brazilian representative would open discussions between the nations. So, following an unofficial script, in 2020, President Jair Bolsonaro was the first head of State to speak. In a completely atypical year, in which Covid-19 pandemic forced the UN to take security measures and to hold its 75th General Assembly virtually for the first time in history, the Brazilian president used his 15 minutes to defend the Brazilian government's leadership in managing the pandemic and to minimize the effects of deforestation and fires in the Amazon and Pantanal regions. Bolsonaro's speech had repercussions in the international media and contrasted with the criticism that the government of Brazil had been receiving from leaders of other countries, international organizations and entities that protect Human Rights and the Environment. Thus, the objective of this dissertation is to analyse the framings and speeches produced by the Portuguese written press about the participation of Bolsonaro in the opening of the United Nations event on September 22, 2020. Ten texts will be studied, six produced by Agência Lusa and the other four written by journalists from *Expresso*, *Correio da Manhã*, *Público* and *Diário de Notícias*.

Keywords: Jair Bolsonaro, United Nations General Assembly, Portuguese Media, framing, speech.

Índice

Introdução	1
1. O enquadramento e sua contribuição para a construção da realidade	6
1.1. As diferentes formas de enquadramento	12
1.2. O poder do enquadramento das imagens	14
1.3. As marcas discursivas dentro dos enquadramentos	16
1.4. O campo político dentro do campo jornalístico	19
2. Objetos de estudo - apresentação	23
2.1 Jair Messias Bolsonaro	23
2.1.1. Das Forças Armadas à política	25
2.1.2. Bolsonaro: uma vida de constantes polêmicas	28
2.2. Agência Lusa	31
2.3. Jornal de Notícias	33
2.4. Expresso	35
2.5. Correio da Manhã	36
2.6. Público	36
2.7. Diário de Notícias	38
3. O discurso de Bolsonaro na visão da imprensa portuguesa: uma comparação entre a Lusa e os principais jornais do país	40
3.1. Os enquadramentos produzidos pela Lusa	42
3.1.1. “Bolsonaro diz que se imprensa criticou discurso na ONU é porque ‘foi bom’”	44
3.1.2. “Covid-19: Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater a pandemia”	45
3.1.3. “Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha brutal de desinformação sobre Amazónia”	46

3.1.4. “Políticos acusam Bolsonaro de ‘mentir’ na ONU sobre auxílio durante pandemia”	47
3.1.5. “ONG consideram ‘delirante’ e ‘constrangedor’ discurso do Presidente do Brasil na ONU”	48
3.1.6. “Bolsonaro elogia Trump e diz que aproximação com Israel e árabes é nova política do Brasil”	49
3.2. O discurso de Bolsonaro nos jornais portugueses	51
3.2.1. A superficialidade do <i>Expresso</i>	52
3.2.2. O grande resumo do <i>Correio da Manhã</i>	54
3.2.3. As contradições de Bolsonaro no <i>Público</i>	55
3.2.4. <i>Diário de Notícias</i> afirma que Bolsonaro mentiu	58
Considerações Finais	63
Referências	68
Anexos	77

Introdução

Deputado federal por 28 anos, Jair Bolsonaro já era bastante conhecido dos brasileiros quando, em 2018, foi eleito presidente da República em meio à uma crise democrática pela qual o Brasil passou e que traz reflexos até os dias atuais. Uma crise resultante da falta de legitimidade das instituições e de credibilidade dos sistemas políticos.

Desde 2013, quando milhares de pessoas foram às ruas protestar em todo o país pelos mais variados motivos – como o uso de dinheiro público na preparação da Copa do Mundo de Futebol de 2014, o preço do transporte público e até pela alteração nas nomenclaturas dos cursos de graduação em Medicina (o governo brasileiro queria padronizar a nomenclatura em “Bacharel em Medicina”) – o Brasil entrou em um ciclo de várias crises: política, econômica e social.

A turbulenta reeleição de Dilma Rousseff (PT), em 2014, com pouco mais de 51% dos votos válidos no segundo turno, mostrou um país dividido. Ao longo do ano seguinte, às crises política e econômica juntou-se o aceleração das investigações da *Operação Lava Jato*, que trata de casos de corrupção envolvendo agentes públicos (políticos e estatais) e grandes empresas privadas, sobretudo da área da construção civil.

O aumento do descontentamento popular e a grande ausência de maleabilidade política de Dilma Rousseff foram cruciais para a abertura de um processo de *impeachment* contra a então presidente (condenada politicamente por usar dinheiro de Bancos Públicos para maquiagem as contas do governo e publicar decretos de alteração da programação orçamentária do governo). Uma grande parcela da população estava sedenta por justiça contra os corruptos desvendados pela *Lava Jato*.

A operação da Polícia Federal era noticiada diariamente pela imprensa brasileira ao mesmo passo que crescia o descontentamento popular não só contra a presidência da República, mas, também, contra o sistema político como um todo. Neste contexto, como afirma Leonardo Avritzer, surgiu no país a antipolítica, que é

a principal concepção de política que surgiu no Brasil na década passada como reação tanto à crise do governo de esquerda quanto aos escândalos de corrupção do sistema político. A antipolítica possui dois elementos principais: o primeiro deles é a contraposição à ideia de que o Estado e as políticas públicas são relevantes e que as últimas têm de ser implementadas na interseção entre os técnicos com o sistema

político. Esta concepção ganhou espaço em um cenário político dominado por discussões em torno de corrupção e de privilégios corporativos (Avritzer, 2020: 148).

Este cenário de antipolítica e de crise institucional foi propício ao aparecimento de novas lideranças, que abraçaram as ideias desta parte da população que estava cansada do sistema instituído. Falando o que o povo queria ouvir, o então deputado federal do Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro, rompeu o seu reduto eleitoral e começou a ganhar notoriedade nacional.

Bolsonaro soube aproveitar a visibilidade que vinha recebendo desde 2011 – por participar de programas de humor, como o *CQC* (TV Bandeirantes) e *Pânico* (então na Rede TV), e de entrevista de futilidades, como o *SuperPop* (Rede TV) – para alavancar as suas redes sociais, que foram cruciais para conversar diretamente com o eleitor nos anos seguintes e afrontar adversários. Assim, o crescimento das mídias sociais trouxe junto a ascensão deste líder populista de direita, que usou o espaço *online* para espalhar notícias falsas em benefício próprio, para “atacar o sistema político, o STF [Supremo Tribunal Federal] e até mesmo o carnaval do Rio de Janeiro” (Avritzer, 2020: 151).

Embalado pelas redes sociais, pela prisão de Luiz Inácio Lula da Silva (ex-presidente que liderava as pesquisas de intenção, mas que havia sido condenado pela *Lava Jato*) e pelo atentado à sua vida que sofreu um mês antes do primeiro turno do pleito de 2018, Bolsonaro foi eleito presidente da República do Brasil. A sua plataforma político-ideológica tinha como principais características

o antipetismo, o antibolivarismo – revisitações do anticomunismo da década de 1950 –, a exaltação da ditadura militar, e até a negação de seu caráter autoritário, a antipolítica, expressa no discurso moral de indignação contra a corrupção sem limites, o conservadorismo (defesa da família tradicional e patriotismo), a guerra contra o crime, a oposição à introdução de cotas raciais e de gênero nas universidades e, para completar, o Estado mínimo, a sociedade de mercado, a liberdade de empresa e o fim do Estado de bem-estar social – elementos centrais do pensamento neoliberal (Gentile, 2020: 87-8).

De acordo com o cientista político António Costa Pinto (2021), Bolsonaro tem um discurso autoritário e que tenta promover a revisão sobre o legado da Ditadura Militar (1964-1985). O presidente brasileiro ganhou espaço nos cenários político e midiático com o aparecimento de uma nova vaga populista de direita nas últimas décadas. Estes novos populistas (que englobam, além de Bolsonaro, Donald Trump nos Estados Unidos, Viktor Orbán na Hungria e Andrzej Duda na Polônia, entre outros) apresentam três pontos distintos: “a oposição

entre ‘o povo’ e a ‘elite corrupta’; o discurso em nome do povo e da sua ‘vontade’; o facto de terem uma ‘ideologia fina’, ou seja, sem coerência, eclética, e por vezes contraditória e mutante” (Mudde & Kaltwasser, 2017 *apud* Pinto, 2021: não paginado).

Como presidente, Jair Bolsonaro passou a ser o representante do Brasil nos encontros de blocos, como G20, Brics e Mercosul, e nos principais eventos que reúnem os líderes políticos mundiais, como a Assembleia Geral das Nações Unidas, que acontece anualmente em Nova York, nos Estados Unidos.

Tradicionalmente, desde 1955, o Brasil é o primeiro país a discursar na Abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU). O posto foi alçado porque nas primeiras sessões nenhum país se voluntariou para iniciar os trabalhos e, assim, ficou definido que após os discursos do secretário-geral da ONU e do presidente da Assembleia, o representante brasileiro abriria as discussões entre as nações.

Em 2020, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro foi o responsável pelo início das discussões pela segunda vez. Em um ano completamente atípico, onde o temor com a pandemia de Covid-19 fez com que a ONU tomasse medidas de segurança e realizasse a sua 75ª Assembleia Geral de forma virtual pela primeira vez na história, o presidente brasileiro usou o seus 15 minutos para defender a condução do governo brasileiro na gestão da pandemia e para minimizar os efeitos do desflorestamento e das queimadas nas regiões da Amazônia e do Pantanal. O discurso de Bolsonaro contrastou com as críticas que o governo do Brasil vinha recebendo de líderes de outros países, de organizações internacionais e de entidades de proteção aos Direitos Humanos e ao Meio Ambiente.

A imprensa mundial repercutiu as declarações polêmicas do político. Em Portugal – que tem uma forte ligação histórica com o Brasil e onde vivem mais de 150 mil imigrantes brasileiros (legalizados), segundo o *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (RIFA)* de 2020 – os principais órgãos de comunicação destacaram o discurso de Bolsonaro, dando ênfase aos trechos contraditórios.

Dessa forma, aproveitando o vasto material produzido na imprensa portuguesa, sobretudo na mídia impressa, sobre o acontecimento, a pergunta a ser respondida nesta dissertação é: “Quais os enquadramentos e os discursos produzidos pela imprensa escrita portuguesa sobre a conferência do presidente brasileiro Jair Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas?”.

Serão analisadas seis peças jornalísticas produzidas pela agência Lusa e quatro peças produzidas pelos jornais *Expresso*, *Correio da Manhã*, *Público* e *Diário de Notícias*. O *Jornal de Notícias* não produziu uma peça original e utilizou material da Lusa. No entanto, a forma como o *JN* utilizou a peça também será objeto de uma breve análise.

O objetivo geral desta dissertação é analisar os enquadramentos e os discursos produzidos pela imprensa escrita portuguesa sobre a conferência do presidente brasileiro Jair Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 22 de setembro de 2020.

Os objetivos específicos deste trabalho são: 1) Identificar, através da comparação dos materiais produzidos, os enquadramentos que a imprensa escrita de Portugal escolheu para relatar o discurso de Jair Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral da ONU; 2) Relacionar os pontos convergentes e divergentes nas publicações sobre o fato em questão; e 3) Perceber, através do mapeamento nos textos, se houve posicionamentos na elaboração dos materiais.

As bases teóricas deste trabalho serão apresentadas no primeiro capítulo: “O enquadramento e sua contribuição para a construção da realidade”. Nesta parte serão apresentados conceitos importantes que nortearão o trabalho, como *enquadramento*, *discurso*, *campo político* e *campo jornalístico*.

No capítulo dois serão enunciados “Os objetos de estudo” desta dissertação. Iniciaremos pelo personagem principal do acontecimento: Jair Bolsonaro. Será feito um resgate histórico da carreira política do presidente brasileiro e do trajeto percorrido por ele entre as Forças Armadas e o Parlamento, além das mais polêmicas declarações feitas por ele ao longo de mais de 30 anos de vida pública. Na sequência, ainda neste capítulo, procederemos a uma breve caracterização dos órgãos de comunicação analisados.

A análise do material será feita no capítulo três: “O discurso de Bolsonaro na visão da imprensa portuguesa: uma comparação entre a Lusa e os principais jornais do país”. Inicialmente, detalhar-se-ão as peças produzidas por cada um dos órgãos de comunicação. Em seguida, será feita a análise de cada uma delas.

Por fim, nas Considerações Finais, faremos uma apreciação geral do trabalho procurando relacionar e identificar os pontos convergentes e divergentes das peças jornalísticas, além dos enquadramentos e discursos produzidos pela agência e pelos jornais.

Faz-se necessário clarificar, ainda, que esta dissertação é escrita seguindo as normas brasileiras da Língua Portuguesa e que, muitas vezes, os conceitos são diferentes dos utilizados em Portugal. Por exemplo, no Brasil “imprensa” é sinônimo de todo órgão ou veículo de comunicação jornalístico, reportando-se à imprensa escrita (jornais, revistas, sites de notícias), à televisiva, à radiofônica e à *online* (que atualmente abarca as anteriores). Ou seja, “imprensa”, no Brasil, é sinônimo de mídia jornalística.

Há ainda outras palavras que eventualmente podem causar estranhamento aos portugueses, como “fato”, que, no Brasil, é sinônimo de acontecimento, além do uso dos acentos circunflexos ao invés do acento agudo. “Amazônia” é um exemplo.

Contudo, apesar de optar por escrever na versão brasileira da Língua Portuguesa (PT-BR), as citações dos autores e a transcrição de trechos das peças jornalísticas serão mantidas na escrita original, no Português de Portugal (PT-PT).

1. O enquadramento e sua contribuição para a construção da realidade

Selecionar, recortar e enquadrar as partes de um acontecimento e transmitir/traduzir isso ao público é o trabalho de um profissional do jornalismo. Contudo, no que diz respeito às intervenções de líderes políticos, por exemplo, geralmente nem toda a declaração é de interesse do público, ainda que fragmentos do discurso sejam extremamente importantes para a compreensão da mensagem e para perceber o que aquela mensagem – ou o recorte dela – está realmente a dizer.

O enquadramento – ou *framing* – é de suma importância para o entendimento dessas mensagens e para a compreensão do que um órgão de comunicação quer transmitir acerca de um fato real. Por exemplo, por que o fato A foi preferido para noticiar? Ou por que o fato B foi preterido? Em que medida isso influencia a construção da notícia? Ou, ainda mais importante, quando isso influencia para a percepção de um acontecimento por parte do público?

Num exemplo voltado a esta dissertação é possível analisar o porquê da imprensa escrita portuguesa dar preferência a um trecho, e não outro, do discurso de Jair Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral das Organização das Nações Unidas, em 2020. O que levou a estas escolhas e não a outras?

Para compreender melhor essas opções faz-se necessário estudar os enquadramentos noticiosos no jornalismo, pois eles são essenciais para a compreensão de que realidade está sendo construída para a sociedade. Como afirma o professor Telmo Gonçalves, “é o enquadramento da situação que organiza a estrutura de sentidos das mensagens e ações” (2005:158). Ou seja, a forma como a informação é passada ao público é que vai colaborar para a construção de uma realidade e a sua compreensão.

De acordo com Mafalda Pereira, “os 'enquadramentos' são recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão, etc.) que constroem uma determinada interpretação dos fatos nas audiências” (Pereira, 2018: 127). Ou seja, os enquadramentos têm a função de organizar a realidade através de eixos de apreciação, como explica Danilo Rothberg:

Na prática jornalística, um enquadramento (*framing*) é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a acontecer (Rothberg, 2010: 54)

Para Rothberg, o enquadramento representa uma ideia central de um fato que tem o objetivo de organizar a realidade, levando em conta eixos de apreciação e de entendimento de um acontecimento. Conforme o autor, esses enquadramentos envolvem o uso de expressões, estereótipos, sintagmas, dentre outros processos, que servem para contextualizar o público (Rothberg, 2010).

Para que essa contextualização seja melhor percebida pelo leitor/espectador, o jornalista precisa selecionar e ressaltar determinados aspectos, conforme explica Robert Entman:

To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described¹ (Entman, 1993: 52).

De acordo com Entman (1993), o enquadramento determina se a maior parte do público entende e como ele percebe um problema, da mesma forma que ele analisa e escolhe agir sobre um acontecimento. A resposta à audiência não é linear e pode ser diferente entre as pessoas deste público receptor. “The notion of framing thus implies that the frame has a common effect on large portions of the receiving audience, though it is not likely to have a universal effect on all”² (1993: 54).

Desde que o texto de Entman foi escrito, em 1993, as formas de comunicação mudaram e se ampliaram em largas proporções. Atualmente, aliado às diferentes interpretações que os indivíduos podem ter acerca de um enquadramento, a massificação das informações através das redes sociais contribui para um amplo leque de opiniões, de enquadramentos e de diferentes percepções.

Neste trabalho serão analisadas peças jornalísticas, que foram escritas a partir de um acontecimento. Para Gonçalves, “as notícias são o próprio enquadramento [do mundo], pois é através delas que construímos grande parte da nossa percepção do mundo e da nossa relação com ele (2005: 159). O autor faz um paralelo com as ideias da socióloga norte-americana Gaye

¹ Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e ressaltá-los em um texto comunicativo, de modo a promover uma definição de problema particular, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (tradução livre deste autor).

² “A noção de enquadramento, portanto, implica que o enquadramento tem um efeito comum em uma grande parte do público receptor, embora não seja provável que tenha um efeito universal em todos” (tradução livre deste autor).

Tuchman, que afirma que “News is a window on the world”³ (Tuchman, 1978: 1). Ou seja, através das notícias é que o cidadão pode ver o mundo, conhecê-lo e entender o que se passa nele. Em suma, as notícias são, também, construtoras de uma realidade.

Contudo, Tuchman (1978) deixa claro que o enquadramento noticioso deve ser considerado de uma forma ampla e deve ser problematizado de acordo com o contexto:

The view through a window depends upon whether the window is large or small, has many panes or few, whether the glass is opaque or clear, whether the window faces a street or a backyard. The unfolding scene also depends upon where one stands, far or near, craning one’s neck to the side, or gazing straight ahead, eyes parallel to the wall in which the window is encased⁴ (Tuchman, 1978: 1).

Para a investigadora Anabela Gradim, a janela, referida por Tuchman, é uma metáfora, que é utilizada pela autora estadunidense para delinear e enquadrar “aquilo que focam, num processo que não é de todo transparente, embora permaneça, em geral, invisível” (Gradim, 2016: 47). Para Gradim, o enquadramento,

seleciona e ilumina certa informação, tornando-a mais saliente, e é utilizada para construir argumentos sobre causas da situação, avaliação e solução. Chama a atenção sobre certos aspectos da realidade, obscurecendo outros (Gradim, 2016: 47).

Na obra *Framing, o enquadramento das notícias*, Gradim desenvolve o conceito e explica os contributos de diferentes áreas de estudo (Sociologia, Ciências da Comunicação, Linguística, dentre outros) para a evolução dos estudos dos enquadramentos. A autora dedica uma parte do livro para falar sobre a construção das notícias e sobre como a fabricação dos enquadramentos é consubstancial ao discurso jornalístico. Segundo Gradim,

Reportar é construir um tipo de história, selecionando, organizando e descrevendo um “acontecimento” [...] através de técnicas narrativas específicas destinadas a evidenciar a “objetividade” da narração e, e que ao fazê-lo criam um discurso muito específico, o discurso jornalístico (Gradim, 2016: 60).

³ As notícias são uma janela para o mundo (tradução livre deste autor).

⁴ A vista através de uma janela depende se a janela é grande ou pequena, tem muitos ou poucos vidros, se o vidro é opaco ou transparente, se a janela está voltada para uma rua ou um quintal. A cena que se desenrola também depende de onde se está, longe ou perto, esticando o pescoço para o lado, ou olhando para frente, olhos paralelos à parede em que a janela está encerrada (tradução livre deste autor).

A pesquisadora afirma, também, que a prática profissional jornalística contribui para a construção da realidade, destacando fatos, ocultando e ignorando outras partes dissonantes a partir das percepções seletivas, que são características do profissionalismo da área (Gradim, 2016).

Sobre as percepções que a sociedade constrói acerca de uma notícia/um fato, Carlos Carvalho afirma que “O enquadramento está centrado em reflexões acerca dos modos de como é possível, a cada indivíduo, identificar a situação diante da qual se encontra em presença” (Carvalho, 2009: 3). Ou seja, a interpretação de um fato se dá através da percepção do indivíduo sobre o enquadramento que ele recebeu acerca de um acontecimento jornalístico. Para o pesquisador,

[...] narrar um acontecimento, transformando em notícia, dando-lhe um enquadramento, consiste, à primeira vista, na seleção de aspectos que deem à narrativa sobre ele inteligibilidade, a partir de estruturas cognitivas e quadros de referência que conduzirão a uma determinada visão, dentre uma série de outras possíveis, relativamente ao que é apresentado ao fruidor da informação daí resultante (Carvalho, 2009: 5).

Os estudos sobre enquadramento, segundo Elton Antunes, surgiram há mais de 40 anos e a ideia é “derivada de uma sociologia preocupada em compreender como os indivíduos classificavam e organizavam suas experiências de vida para a elas atribuir sentido” (Antunes, 2009: 87).

Conforme Antunes, quando se estuda os enquadramentos noticiosos é preciso levar em consideração duas etapas: o momento da construção e o do ajuste. O primeiro momento,

o “*frame-building*”, diz respeito aos fatores internos que influenciam as qualidades estruturais de enquadramento das notícias, em particular as concepções e entendimentos com as quais operam a comunidade profissional e as organizações produtivas, e aos fatores externos, que dizem respeito ao contato e interação do campo do jornalismo com os outros atores e agentes sociais [...]. Já o segundo momento, o do *frame-setting*, trata-se da relação entre essa moldura engendrada no campo midiático e os meios de interpretação e avaliação das notícias acionados pelos agentes sociais (Antunes, 2009: 88).

Carlos Alberto de Carvalho apresenta um ponto importante para o entendimento de como funcionam os enquadramentos dentro de um texto jornalístico: eles “podem variar, transformando-se em realidades múltiplas” (Carvalho, 2009: 8). É possível perceber essa

variação tendo por base o objeto desta dissertação, que é o discurso proferido pelo presidente brasileiro Jair Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas, ocorrida em setembro de 2020. A Agência Brasil – órgão de produção de notícias vinculado ao governo brasileiro e 100% estatal – destacou a concessão, por parte do governo federal brasileiro, de um benefício, chamado de auxílio emergencial, para os trabalhadores que ficaram sem emprego durante a pandemia da Covid-19. O presidente brasileiro disse que o benefício poderia ser “o maior programa de assistência aos mais pobres” do mundo, relatou a Agência⁵.

Já em outro portal de notícias, o UOL – um dos mais acessados do Brasil e gratuito – destacou os fatos distorcidos do discurso. Entre outros temas, o portal afirma que Bolsonaro faltou com a verdade ao dizer que o governo estava a pagar mil dólares para 65 milhões de pessoas durante a pandemia de Covid-19⁶.

Tendo por base os exemplos acima, pode-se concluir que o jornalismo produz discursos diferentes e que dependem do ângulo abordado, a quem o material é destinado, quem é o produtor do material e, muitas vezes, quem é o proprietário (e isso tem a ver com interesses econômicos, posição ideológica e questões de prestígio) do órgão de comunicação, além de outras diferentes formas que podem interferir no processo de construção da notícia. Como observa Carvalho,

Nessa perspectiva, se uma realidade social se modifica a partir de novos enquadramentos, e se a realidade social é a fonte por excelência de que se vale o jornalismo na construção das suas narrativas sobre as múltiplas facetas da vida cotidiana, em outras palavras, se é na realidade social e em função dela que os acontecimentos se materializam, ou impactam, não é prudente tomar os enquadramentos jornalísticos como imobilizados em torno de quadros de referência imutáveis, ou sujeitos prioritariamente aos constrangimentos institucionais (Carvalho, 2009: 9).

Dessa forma, pode-se afirmar que os enquadramentos estão diretamente ligados à construção de significados resultantes dos textos noticiosos e eles são formas “simplificadas da realidade que ajudam o recetor da mensagem a atribuir um significado inteligível a essa mesma

⁵ Agência Brasil: “Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na 75ª Assembleia Geral da ONU”. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-09/veja-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-75a-assembleia-geral-da-onu>.

⁶ Portal UOL: “Bolsonaro distorce fatos em discurso na ONU”. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2020/09/22/queimadas-auxilio-emergencial-oleo-no-ne-o-que-bolsonaro-disse-na-onu.htm>.

realidade, mediante quadros de referência tipificados que os jornalistas constroem, desde logo, para a compreenderem e a tornarem compreensível” (Mangana, 2018: 45).

Nos estudos jornalísticos, esses significados construídos pelos enquadramentos podem ser mapeados e compreendidos. Contudo, antes desses significados chegarem a ponto de serem estudados, eles têm um forte impacto na sociedade, que é a receptora dessa mensagem produzida pelos jornalistas.

Assim, pode-se dizer que este impacto das notícias na sociedade está relacionado às afirmações de Tuchman (1978), de que as notícias são uma janela para o mundo. Ou seja, a produção de notícias reflete um (ou vários) enquadramento(s) sobre um acontecimento. Para quem está dentro de sua casa e olha para fora, aquela visão de mundo através do marco da janela é uma realidade possível construída pelo indivíduo com base nas informações recebidas.

Dessa forma, pode-se dizer, então, que aqueles significados criados pelos enquadramentos e visualizados pela sociedade através de sua janela são parte de um processo que culmina na construção de uma realidade. Temos aí, uma nova abordagem de estudo: o jornalismo como construtor social da realidade.

Nelson Traquina destaca três pontos importantes para o entendimento dessa abordagem teórica – do jornalismo como construtor da realidade: 1) é impossível distinguir realidade e as notícias que constroem e são construídas por essa realidade; 2) a linguagem não é neutra, então, ela não pode transmitir diretamente os acontecimentos; e 3) as notícias fazem a sua representação dos acontecimentos, de acordo com diversos fatores, como a organização do trabalho, as questões financeiras e a forma como as notícias são tratadas (Altheide, 1976; Epstein, 1973; Tuchman, 1978 *apud* Traquina, 2005).

Tendo por base as três dimensões citadas acima, pode-se compreender como a linguagem e o enquadramento dado pelos órgãos de comunicação podem contribuir para a construção da realidade e da formação de opinião dos públicos. Em resumo, Traquina apresenta pontos importantes para reflexão ao dizer que as realidades “real” e “construída” podem ser distintas. O que pode parecer contradição para alguns, na verdade, são interpretações diferentes de um acontecimento, já que a linguagem não é neutra e que as representações dos fatos podem ser distintas.

Essas variações são resultados de vários fatores, como o ângulo e a abordagem dada a uma notícia, o momento em que a informação foi colhida, quem foi a fonte, etc. Em geral,

segundo Traquina, o enquadramento dado para um eventual acontecimento tem grande importância na elaboração dos signos construídos, pois

[...] as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: quem? O quê? onde? quando?, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento – processo orientado pelo enquadramento escolhido – são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade (Carey, 1986 *apud* Traquina, 2005: 174).

Para o autor, as notícias resultam de complexos processos de interação entre os agentes sociais: “os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da *comunidade profissional*, dentro e fora da sua organização” (Traquina, 2005: 173).

1.1. As diferentes formas de enquadramento

No artigo “O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia”, Danilo Rothberg (2010) traz as ideias de Gamson e Modigliani (1989), que descrevem os enquadramentos como “pacotes interpretativos”, que podem “construir significados ao longo do tempo, incorporando novos eventos aos seus enquadramentos interpretativos” (Gamson e Modigliani, 1989: 4 *apud* Rothberg, 2010: 55).

Para exemplificar essas interpretações, Rothberg (2010) apresenta diferentes processos de enquadramento. São eles: *jogo* (ou corrida de cavalos), *estratégico*, *episódico*, *de conflito* e *temático*. O enquadramento de *jogo* é comum ser utilizado em disputas eleitorais, quando os focos são concentrados nas chances de vitórias e de derrotas dos candidatos. Nesse tipo de enquadramento, as ideias e propostas são deixadas de lado.

Ainda no campo político, o enquadramento *estratégico* é bastante comum, segundo o autor. “As ações e decisões de mandatários, candidatos e pré-candidatos tendem a ser apresentadas como elementos de um cálculo – supostamente ocultado pelo próprio político, mas revelado pelo jornalista – efetuado como parte de uma estratégia” (Rothberg, 2010: 56). Entre esses cálculos ocultados pelos políticos, o autor cita o exemplo de atos que buscam vantagens pessoais, enriquecimento e negociações.

Sobre os enquadramentos *episódicos*, outro tipo muito usado na cobertura política, Rothberg afirma que esse modelo centra-se muito mais no acontecimento, do que nas suas

questões e reações e “apenas acentuam aspectos circunstanciais dos fatos enfocados” (2010: 56). Nos enquadramentos de *conflitos*, “o enfoque jornalístico se dá sobre as consequências dos supostos choques entre opções diferentes para a dinâmica do poder” (Rothberg, 2010: 57). Nas reportagens em que esse modelo de enquadramento é usado, a prática mais comum é ouvir os vários lados. Nestes tipos de reportagens há o uso frequente de fontes anônimas, que fazem parte do contexto noticioso e que não querem se envolver nominalmente. Esta prática é muito usada para a cobertura dos bastidores da política.

Por fim, o autor apresenta o enquadramento *temático*. “Os temas em questão são os aspectos concretos das políticas públicas envolvidas nas escolhas eleitorais, ações e decisões de mandatários, conferências nacionais e internacionais, votações parlamentares, arranjos partidários, implementação de novas medidas legais etc” (Rothberg, 2010: 57). Segundo o autor, o enquadramento temático é uma forma de superar a superficialidade dos outros modelos citados acima.

Considerando os modelos apresentados por Rothberg, pode-se afirmar que cada órgão de comunicação (e cada jornalista) tem a opção de escolher qual modelo vai seguir para relatar um acontecimento. “Algo que se torna perfeitamente visível no facto de os jornais não trazerem todos as mesmas notícias, tratadas da mesma maneira; mas ao mesmo tempo, trazerem muitas vezes as mesmas notícias, tratadas de forma semelhante” (Gradim, 2016: 59).

Cada notícia é uma história e cada história é resultado de um enquadramento, de um recorte. “Esse trabalho, uma espécie de artesanato, é levado a cabo a partir das técnicas tradicionais de redação da notícia, elas próprias funcionando como dispositivos de transfiguração de um em outro, do acontecimento em notícia” (Gradim, 2016: 61).

Há autores que dividem as formas de enquadramento de maneira diferente. Segundo Mauro Porto (2002), existem os enquadramentos *noticioso* e *interpretativo*. O primeiro refere-se a

padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos. No jargão dos jornalistas, este seria o "ângulo da notícia", o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros (Porto, 2002: 15).

Conforme o autor, um dos pontos mais importantes do enquadramento *noticioso* é o fato de ser resultado de escolhas feitas pelos profissionais do jornalismo quando dão destaque a determinado aspecto de um acontecimento e ignoram outros (Porto, 2002).

Já o enquadramento *interpretativo*, de acordo com Mauro Porto (2002), tem o objetivo de avaliar/analisar um fato ou evento, elucidar problemas e avaliar causas, responsabilidades, etc. Para o autor,

Estas interpretações são promovidas por atores sociais diversos, incluindo representantes do governo, partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, associações profissionais, etc. Apesar do fato que jornalistas também contribuem com seus próprios enquadramentos interpretativos ao produzir notícias, este tipo de enquadramento tem origem geralmente em atores sociais e políticos externos à prática jornalista. Trata-se aqui de interpretações oriundas de um contexto mais amplo que podem ser incorporadas ou não pela mídia (Porto, 2002: 15).

Ainda, segundo o autor, a fonte é a principal diferença desses dois tipos de enquadramento. Enquanto os enquadramentos *noticiosos* são criados pelos jornalistas, os *interpretativos* são originados por atores sociais e políticos (Porto, 2002).

1.2. O poder do enquadramento na imagem

As imagens escolhidas para retratar um acontecimento têm um grande poder para a construção da realidade que se quer mostrar. Anabela Gradim (2016) traz os exemplos das manifestações ocorridas em Paris em 11 de Janeiro de 2015 a propósito do ataque terrorista ao jornal satírico francês Charlie Hebdo⁷. Segundo Gradim,

Estas imagens dos media da manifestação de 11 de Janeiro de 2015 em Paris, onde participaram mais de 40 altos responsáveis e chefes de estado europeus, juntamente com a divulgação posterior do dispositivo de segurança montado para protegê-los, constituem não só uma belíssima lição visual sobre o poder do enquadramento na imagem, como quiçá também uma metáfora da relação das elites europeias com seus povos (Gradim, 2016: 25).

⁷ O ataque terrorista aconteceu em 7 de Janeiro de 2015 e deixou 12 pessoas mortas e cinco gravemente feridas. O suposto motivo do atentado foi as sátiras publicadas pelo Charlie Hebdo contra Maomé e o islamismo, considerada um insulto aos muçulmanos.

Ao analisar três imagens dessas manifestações em Paris, percebe-se a importância dos enquadramentos para o recorte das notícias.



Figura 1 - Milhares de franceses foram às ruas para manifestar contra o terrorismo. Foto: Reprodução EuroNews



Figura 2 - Líderes políticos participam dos atos e puxam manifestação. Foto: Julien Warnand (EFE)/El País



Figura 3 - Na verdade, os políticos estavam a alguns quarteirões de onde estavam a população. Foto: Reprodução Jornal Independent.

As imagens acima são apenas um exemplo relacionado a determinado acontecimento. Quem vê a Figura 2 tende a perceber que os líderes políticos participaram da grande manifestação que levou milhares de parisienses às ruas e que impulsionaram os atos contra o terrorismo. Contudo, a Figura 3 mostra que eles estavam bem isolados e longe da multidão.

As perspectivas utilizadas vão ao encontro daquilo que se quer mostrar, mesmo que isso seja apenas uma parte da realidade. Selecionar uma imagem em detrimento de outra revela, também, o enquadramento que o autor da peça quer dar à sua reportagem, à sua história. Isso não quer dizer que outras versões não existam; elas apenas não estão enquadradas na escolha do jornalista.

1.3. As marcas discursivas dentro dos enquadramentos

Quando se escolhe um enquadramento em detrimento de outro para representar um fato, o discurso utilizado direciona para determinados aspectos que dizem respeito a um posicionamento, pois “o enquadramento jornalístico oferta sentidos, organizando discursivamente o conhecimento sobre determinada temática e, por esta relação discursiva, o entendemos como ‘enquadramento discursivo’” (Moraes, 2018: 2).

Para as investigadoras Patrícia Silveira e Lídia Marôpo, o “discurso jornalístico ganha especial relevo, tendo uma relação mais direta com o debate sobre os processos de construção social da realidade” (2014: 9). Dessa forma, o jornalismo pode ser definido como uma forma de comunicação para o discurso público (McNair, 1998 *apud* Silveira e Marôpo, 2014).

E os resultados dessa contribuição do discurso jornalístico para o discurso público remetem para o pensamento de Traquina, que afirma que os profissionais jornalistas não são sujeitos passivos, que apenas observam os fatos. Para o autor, os jornalistas “são de fato participantes ativos na construção da realidade” (2005: 174). E esse conhecimento proporcionado pelo jornalismo tem influência na construção do senso comum (Meditsch, 1997).

Segundo Franciscato, “o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições” (2005: 167). Para o investigador, os profissionais do jornalismo fazem a reconstrução discursiva daquilo que acontece no mundo, trazendo fidelidade dos fatos para o seu público (Franciscato, 2005).

Contudo, para Meditsch, é necessário ser cauteloso nesta apresentação da notícia como sendo a realidade, pois “mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da

realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la, e muito menos ao que foi relegado e omitido por estes critérios” (Meditch, 1997: 11).

Analisar o discurso utilizado dentro de um enquadramento contribui para uma melhor percepção da produção dos sentidos pretendidos. De acordo com Eni Orlandi (2001), o texto tem interpretações que o constituem e que o analista deve compreender. Pois,

[...] a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão está em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura (Orlandi, 2001: 26-7).

Para Orlandi, essas interpretações encontradas em um texto são determinadas pelas “posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (2001: 42). Isso vai ao encontro com as ideias de Márcia Benetti (2007), de que a formação discursiva encontrada no texto está amarrada a uma formação ideológica:

A lógica da AD nos diz que um sentido sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra (Benetti, 2007: 112).

A relação do discurso com as suas ideologias é característica da linha francesa da Análise do Discurso, que foi criada por Michel Pechêux. Orlandi resume o trabalho do autor:

Ele é o fundador da Escola Francesa de Análise de Discurso que teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem. Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação (Orlandi, 2005: 10).

A materialização ideológica do discurso está presente, portanto, em qualquer fala, seja implícita ou explícita. Para Iran Ferreira de Melo, quando se estuda a Análise do Discurso, o objeto não é apenas a língua, mas o que há dentro dessas manifestações estudadas: “relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas” (Melo, 2009: 3).

Michel Foucault (1996), um dos principais teóricos dessa linha, afirma que o discurso não é apenas o uso da linguagem discursiva, mas que pode, ainda, ser o resultado de um conjunto de signos/significados, manifestações, posições e outras tantas diferentes formas de expressão. Segundo o autor, o discurso está longe de ser transparente e neutro. Para Foucault,

o discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (Foucault, 1996: 10).

Pelas palavras de Foucault, pode-se perceber a amplitude do processo discursivo e do poder dos seus significados. Conforme o autor, “[...] o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura [...], de leitura [...], de troca [...], e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante” (Foucault, 1996: 49).

Assim, pode-se dizer que acontecimento, enquadramento de um fato e discurso estão conectados entre si. Maria Betânia Moura diz que

embora sejam possíveis diversas formas de enquadramento do acontecimento jornalístico, que nos possibilitam falar em diferentes níveis de carga enunciativa na notícia, a seleção de um enquadramento específico, embora não represente negação da existência do sujeito-narrador jornalístico, revela “um mundo em que o sujeito já foi, ou está sendo, submergido pelo discurso” (Rouanet, 1996: 13 *apud* Moura, 2008: 5).

Ou seja, segundo a autora, todo o processo de produção da notícia está vinculado e faz a conexão entre o acontecimento, o fato e o discurso produzido. É a mesma lógica apresentada por Foucault, que afirma que o acontecimento

não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais, não é o ato nem a propriedade de um corpo (Foucault, 1996: 57).

Conforme Moura, o acontecimento jornalístico surge a partir de circunstâncias discursivas. E são essas “circunstâncias discursivas que, por extrapolarem o plano da textualidade jornalística, produzem o ‘algo mais dos discursos’” (2008: 3).

1.4. O campo político dentro do campo jornalístico

Quando falamos no campo de uma determinada área, reportamo-nos a um espaço de forças, de poder, de capital e de *status*. Sendo assim, tanto a política quanto o jornalismo se inserem em seus determinados campos e ambos procuram influenciar diretamente um ao outro. Os agentes desses dois campos atuam fortemente em um processo de tentativas de mútua interferência, com sucesso na maioria das vezes.

Um exemplo dessas interferências é a demissão de ministros de um governo após serem reveladas denúncias de corrupção descobertas através de investigações jornalísticas. Ou, também, os recursos financeiros liberados por governos para órgãos de comunicação, seja através de compra de espaço para campanhas publicitárias institucionais, seja por patrocínio direto com o objetivo de ganhar o apoio de uma determinada empresa jornalística. É uma tentativa de simbiose, por parte de governos, que pode ter resultados frutíferos.

No Brasil, por exemplo, o governo de Jair Bolsonaro reduziu drasticamente o aporte financeiro no conglomerado do grupo Globo⁸. A relação entre a empresa e o político é de bastante atritos, principalmente com a cobertura jornalística diária em que o governo é pressionado por resultados no combate à pandemia da Covid-19. Já as empresas menores, e concorrentes do grupo Globo, como SBT, Rede TV e Record, retratam o governo de forma bastante diferente⁹ e o espaço dado para noticiar fatos que o afetem negativamente é bastante limitado. Em contrapartida, houve aumento considerável de aporte de recursos públicos federais para estas empresas de comunicação. Estes são exemplos da interferência entre os campos político e jornalístico.

Sobre o campo político, Pierre Bourdieu (2007) afirma que, atualmente, neste campo estão inseridos os homens políticos e seus interesses nos jogos de poder e de articulação. Ou

⁸ Portal Terra: “Bolsonaro corta 60% da verba publicitária do governo à Globo”. Disponível em <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/bolsonaro-corta-60-da-verba-publicitaria-do-governo-a-globo.c7ebc42e1776e5116ccaa1cbd4be24a1r48101h2.html>

⁹ The Intercept Brasil: “Bolsonaro se diz perseguido pela imprensa. Mas Band, SBT, Record e Rede TV estão ao seu lado”. Disponível em <https://theintercept.com/2020/02/23/imprensa-bolsonaro-band-sbt-record-rede-tv/>

seja, não é um campo passivo, muito pelo contrário. O campo político é muito ativo pela busca e pelo exercício do poder.

Dessa forma, para Bourdieu,

[...] o campo político é o lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de “consumidores”, devem escolher, com probabilidades de mal entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção (Bourdieu, 2007: 164).

Em outro trabalho sobre a mesma temática, Bourdieu afirma que os atores desse campo excluem aqueles que não fazem parte desse jogo e tentam desapropriar aqueles que não são dessa área para que não façam interferências. “Quanto mais o campo político se constitui, mais ele se autonomiza, mais se profissionaliza, mais os profissionais tendem a ver os profanos com uma espécie de comiseração” (Bourdieu, 2011: 197).

O investigador francês definiu igualmente o conceito de campo jornalístico, que, segundo Bourdieu, tem “uma lógica específica, propriamente cultural, que se impõe aos jornalistas através das restrições e dos controles cruzados que eles impõem uns aos outros e cujo respeito (por vezes designado como deontologia) funda as reputações de honorabilidade profissional” (Bourdieu, 1997: 105).

A definição de Bourdieu de campo jornalístico coincide com o que Carlos Franciscato pensa sobre o assunto ao afirmar que este campo possui “regras, princípios e relações de conduta jornalística, bem como um grau de legitimidade frente às demais instituições sociais” (Franciscato, 2007: 5).

Para o autor britânico Jean Chalaby, o campo jornalístico é resultado da produção discursiva promovida pelos jornalistas e pelo discurso jornalístico. Na definição de campo jornalístico, o investigador afirma que o discurso jornalístico tornou-se um gênero textual distinto:

agentes do campo jornalístico desenvolveram as suas próprias normas e valores discursivos, tais como a objectividade e a neutralidade. O modo de escrita jornalística passou a caracterizar-se por estratégias discursivas e práticas que não são de natureza literária nem políticas. Os textos jornalísticos começaram a possuir características filológicas próprias, e esse fenómeno discursivo podia ser identificado nos textos que formavam o discurso jornalístico (Chalaby, 2003: 30).

Conforme Chalaby, outro ponto que define o campo jornalístico é a prática discursiva centrada nos fatos, o que seria uma invenção dos americanos e dos britânicos. “Essas práticas discursivas podem ser identificadas como jornalísticas em virtude do seu uso ser determinado por normas e valores condicionados por aspectos regulares do campo jornalístico que emergiram na segunda metade do século XIX” (Chalaby, 2003: 36).

A relação entre os campos político e jornalístico não é das mais amistosas. Nos grandes órgãos de comunicação surgiu um campo jornalístico que não se deixa inserir pelo campo político e, da mesma forma, oferece resistência a possíveis interrupções (Gomes, 2011). Segundo Gomes, “o Jornalismo político é, por tradição, um sistema bastante hostil em face do campo político, desconfiado com suas artimanhas e dedicado à revelação de fatos que a esfera da política preferiria que permanecessem reservados” (Gomes, 2011: 70).

Ou seja, pode-se afirmar que essa relação de hostilidade que se criou entre os dois campos dá-se porque o campo político é o objeto de trabalho dos jornalistas, que busca desvendar as artimanhas escondidas dentro das gabinetes, nos corredores dos palácios do poder, nas entrelinhas de um discurso. “O jornalista analisa, comenta, exprime opiniões. Observa, interpreta e narra. Gere o acesso ao ‘espaço público’ de outras palavras consideradas ‘legítimas’: actores políticos e sociais, intelectuais, cidadãos em geral” (Mesquita, 2004: 72-3).

O que se percebe nos últimos anos é que, principalmente com a ascensão ao poder de líderes populistas de direita (Donald Trump, Jair Bolsonaro e Viktor Orbán, por exemplo) e de esquerda (Nicolás Maduro e Cristina Kirchner, e mesmo Luiz Inácio Lula da Silva, dentre outros), o jornalismo transformou-se no inimigo declarado desses tipos de políticos. Os profissionais da comunicação começaram a ser atacados por fazerem o seu trabalho: observar, analisar, reportar. São críticas motivadas por propósitos estratégicos e que abalam a já tumultuada relação entre os campos político e jornalístico. Como afirma Mesquita, a tarefa do jornalista é

Informar, narrar e «convencer, sem se limitar a agradar». Poderiam ser assim enunciadas as tarefas a desempenhar pelo jornalismo. Será isso o que se passa à nossa volta? Temos dúvidas... Mas, em época de crise, perante os ataques que visam reduzir a autonomia da informação jornalística, em nome de interesses estratégicos da política e da economia, a melhor defesa do jornalismo consiste em proceder lealmente à sua própria crítica (Mesquita, 2004: 88).

Mesmo tendo sido escrito há cerca de 15 anos, o texto de Mesquita se encaixa perfeitamente no contexto atual de turbulência entre os campos político e jornalístico. Mesmo diante de todas as adversidades, é papel do jornalista informar e, para isso, esse profissional acaba por sofrer as consequências de cumprir com a sua função, que é mostrar a realidade, abrir a janela para o mundo, nem que essa janela seja apenas um fragmento, um enquadramento que pode ser expandido pelo público, se assim este o quiser.

2. Objetos de estudo – apresentação

Este capítulo tem por objetivo apresentar e contextualizar o *corpus* deste estudo. A primeira parte é dedicada ao atual presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro e às singularidades da sua vida pública: um político de carreira que apresentou-se como um *outsider* e alçou o cargo máximo do país com a maior população lusófona e com a 6ª maior população do mundo.

Na segunda parte, serão apresentados os órgãos de comunicação que fazem parte desta análise. Faz-se necessário observar que a *Lusa*, o *Público* e o *Correio da Manhã* são órgãos que foram criados já durante a Terceira República Portuguesa. Já o *Expresso* entrou em funcionamento a fase final da ditadura, um período de efervescência e intensificação da luta pela instauração da democracia em Portugal. Enquanto isso, o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* atravessaram vários períodos, já que ambos foram fundados ainda no século XIX.

2.1. Jair Messias Bolsonaro

Em 28 de outubro de 2018, Jair Messias Bolsonaro chegou ao ápice da sua carreira política ao ser eleito presidente do Brasil. A posse aconteceu em 1º de janeiro do ano seguinte. Com um discurso anti-corrupção, anti-PT (Partido dos Trabalhadores), anti-Lula e favorável ao porte de armas, à diminuição da maioria penal, às privatizações e outras políticas neoliberais, ele conquistou pouco mais de 55% dos votos válidos no segundo turno (segunda volta).

Ao eleitor, Bolsonaro passou a imagem de um candidato anti-sistema. No entanto, ele foi deputado federal por 28 anos (de 1 de fevereiro de 1991 a 1 de janeiro de 2019)¹⁰ e, antes de ocupar o cargo em Brasília, também foi vereador no Rio de Janeiro. Apesar da longa experiência legislativa, Bolsonaro teve baixa produtividade no Congresso Nacional. No período, ele conseguiu aprovar apenas um dos 147 Projetos de Lei Ordinária apresentados¹¹.

¹⁰ Biografia de Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados. Disponível em www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia.

¹¹ *Congresso em Foco*: “Em 27 anos de Câmara, Bolsonaro prioriza militares e ignora saúde e educação”. Disponível em <https://bit.ly/3wgmBvs>

Conhecido pela defesa da Ditadura Militar (regime que vigorou no Brasil de 1964 a 1985) e pelo discurso homofóbico, racista e machista¹², Bolsonaro foi eleito no contexto da onda conservadora que se propagou pelo mundo usando o discurso populista de direita (Pinto, 2021), que diz ter por base os valores cristãos e a família composta pelo casamento entre homem e mulher.

Esses valores defendidos por Bolsonaro foram cruciais para capitanear cada vez mais adeptos em um país cheio de preconceitos, como é o Brasil. Em 10 de agosto de 2019, durante o evento evangélico “Marcha para Jesus”, que aconteceu em Brasília, Bolsonaro disse que “família é homem e mulher porque está na Constituição e na Bíblia”¹³.

A biografia de Jair Bolsonaro na página oficial do governo brasileiro na internet apresenta-o, ainda, como um defensor do voto impresso. A defesa vai na contramão da modernização das eleições no mundo. O Brasil começou a implantar o voto eletrônico nas eleições municipais de 1996. A segurança é atestada por observadores internacionais e pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE)¹⁴, que já divulgou que países europeus – como Inglaterra e Itália – demonstraram interesse em usar, no futuro, um modelo similar à urna eletrônica brasileira. Ainda na biografia do presidente na página do Palácio do Planalto, são apresentadas as suas principais ideias políticas:

Em sua carreira política, defendeu a redução da maioria penal, o direito à legítima defesa e a posse de arma de fogo para cidadãos sem antecedentes criminais. Também atuou em favor de medidas para garantir a segurança jurídica das ações policiais. É o idealizador de uma proposta para tornar obrigatório o voto impresso no Brasil, medida que ele acredita que contribuirá para a realização de eleições mais confiáveis e passíveis de auditoria. Além disso, destacou-se na defesa dos valores cristãos e da família (Planalto, s.d.).

Aliás, a volta do voto impresso no Brasil é pauta constante no discurso da família Bolsonaro (o presidente tem três filhos políticos: Eduardo Bolsonaro, deputado federal; Flávio Bolsonaro, senador; e Carlos Bolsonaro, vereador do Rio de Janeiro). O clã Bolsonaro alega que esta é a única forma de evitar fraude nas eleições.

¹² *Congresso em Foco*: “Treze frases de Bolsonaro de natureza sexual e machista”. Disponível em <https://bit.ly/3hn55RP>

¹³ Portal UOL: “Bolsonaro: família é homem e mulher porque está na Constituição e na Bíblia”. Disponível em <https://bit.ly/3wpDYtA>.

¹⁴ TSE: “Votação eletrônica é realidade em mais de 30 países”. Disponível em <https://bit.ly/2TpAwSD>.

Repetidamente, os homens da família afirmam que o sistema eleitoral brasileiro não é confiável, mesmo após terem sido eleitos repetidas vezes nos últimos 30 anos. Bolsonaro, inclusive, alega que houve fraude no pleito que saiu vitorioso, em 2018, pois ele teria certeza que foi vitorioso já no primeiro turno¹⁵. O presidente diz ter provas que mostram as fraudes. No entanto, ele nunca as apresentou. Recentemente, o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro pediu que Bolsonaro mostre as evidências que ele diz ter. Nada foi apresentado.

2.1.1. Das Forças Armadas à política

Como muitos fatos polêmicos de sua vida, até o local de nascimento de Bolsonaro é controverso. Oficialmente, ele nasceu no município de Campinas, no interior de São Paulo, em 21 de março de 1955. Contudo, vários autores – e inclusive o próprio filho Flávio, na obra *Jair Messias Bolsonaro: mito ou verdade* – afirmam que ele nasceu em Glicério (uma pequena cidade que, atualmente, tem menos de 5 mil habitantes) e foi registrado dias depois em Campinas.

Filho de Perci Geraldo Bolsonaro (dentista prático, isto é, sem formação) e de Olinda Bonturi Bolsonaro (dona de casa), Jair cresceu ao lado de cinco irmãos no município de Eldorado Paulista. Ainda adolescente, aos 15 anos, o interesse pela carreira militar foi despertado em meio a um episódio que envolveu a caça de um guerrilheiro pela ditadura militar.

O primeiro contato de Bolsonaro com o Exército brasileiro teria acontecido em 1970, quando as Forças Armadas procuravam o ex-capitão Carlos Lamarca, que havia desertado do Exército e liderava um treinamento rural contra da ditadura civil-militar, no Vale do Rio Ribeira, nas proximidades de onde Bolsonaro vivia. A passagem dos soldados pelo local teria despertado sua curiosidade e interesse. Ele conta que teria ajudado os militares, prestando, voluntariamente, informações geográficas sobre a região (Dibai, 2018: 73-4).

O trecho acima faz parte do discurso oficial da família sobre como surgiu o interesse de Bolsonaro pelas Forças Armadas. No entanto, o jornalista Luiz Maklouf Carvalho, na obra *O cadete e o capitão: A vida de Jair Bolsonaro no quartel*, contesta esta versão afirmando que nos documentos oficiais sobre o episódio não há informações de que populares teriam ajudado os militares na caçada a Lamarca na região de Eldorado Paulista (Carvalho, 2019).

¹⁵ *Folha de S.Paulo*: “Sem apresentar provas, Bolsonaro diz que houve fraude eleitoral e que foi eleito no 1º turno”. Disponível em <https://bit.ly/3AN0sZc>.

Em 1973, Bolsonaro foi aprovado nos exames para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx) e, quatro anos depois, em 1977,

concluiu o curso de formação de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), localizada em Resende (RJ), e o curso de paraquedismo militar na Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro. Em 1983 formou-se em educação física na Escola de Educação Física do Exército, e tornou-se mestre em saltos pela Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro (CPDOC-FGV).

Em 1986, Bolsonaro já era capitão e servia no 8º Grupo de Artilharia de Campanha do Exército brasileiro. A Ditadura Militar havia terminado um ano antes e o presidente brasileiro na época era José Sarney. Foi neste ano que Bolsonaro se tornou conhecido do público após publicar na seção *Ponto de Vista* da revista *Veja* – a maior do Brasil em circulação – o artigo “O salário está baixo”, que lhe valeu uma pena de prisão:

Para Bolsonaro, o desligamento de dezenas de cadetes da AMAN se devia aos baixos salários pagos à categoria de uma forma geral, e não a desvios de conduta, como queria deixar transparecer a cúpula do Exército. O artigo levou à sua prisão, por infringir o regulamento disciplinar, mas a atitude de seus superiores provocou também a reação de oficiais da ativa e da reserva. Bolsonaro recebeu cerca de 150 telegramas de solidariedade das mais variadas regiões do país (CPDOC-FGV).

A prisão durou apenas 15 dias, mas foi suficiente para dar visibilidade ao líder que estava surgindo dentro dos quartéis. No ano seguinte, em 1987, um novo episódio pôs em xeque a carreira militar de Bolsonaro. Uma reportagem publicada também na *Veja* divulgou detalhes de um plano que tinha o objetivo de explodir bombas em unidades da Academia Militar das Agulhas Negras.

O nome do plano era “Operação Beco sem saída” e teria sido elaborado por Jair Bolsonaro e seu colega, e também capitão, Fábio Passos. “A operação, no entanto, só seria executada caso o reajuste concedido aos militares pelo governo federal ficasse abaixo de 60% e serviria para ‘assustar’ o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves” (CPDOC-FGV).

Os dois capitães negaram o plano, mesmo a revista tendo publicado detalhes manuscritos com a letra de Bolsonaro sobre o uso de dinamites. O ministro do Exército chegou a pedir a exclusão das Forças Armadas dos dois militares citados na reportagem de *Veja*.

Em junho de 1988 o caso foi julgado pelo Superior Tribunal Militar (STM), que decidiu por não afastar Bolsonaro e Passos por insuficiência de provas e de que um laudo teria apontado que não era possível identificar a caligrafia exposta na reportagem. Note-se, no então, que mais tarde, “esse laudo viria a ser desmentido pela Polícia Federal, que confirmou tratar-se da caligrafia de Bolsonaro” (CPDOC-FGV).

Estes dois anos de intensa visibilidade dentro das Forças Armadas rendeu resultados políticos. Em novembro de 1988, Bolsonaro foi eleito vereador da cidade do Rio de Janeiro pelo pequeno Partido Democrata Cristão (PDC). Ao entrar para a política, Bolsonaro deixou a ativa e foi para a reserva do serviço militar com a patente de capitão, utilizada até os dias atuais por seus militantes.

Nos dois anos em que esteve na Câmara Municipal, Bolsonaro apresentou sete projetos de lei. O que deu mais visibilidade ao então vereador foi o que autorizava o transporte gratuito de militares em ônibus do transporte público da cidade.

Ao final do ano de 1990, Bolsonaro alçou voos mais altos e foi eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Foi reeleito nas seis eleições seguintes: em 1994, 1998, 2002, 2006, 2010 e 2014. Nesta última foi um dos candidatos mais votados do Brasil, com quase 465 mil votos.

Ao longo de seus 30 anos de vida pública, Jair Bolsonaro preparou o terreno para a entrada dos filhos na política. Dos três casamentos, nasceram cinco filhos. Do casamento com a primeira mulher, Rogéria Nantes, nasceram Flávio, Carlos e Eduardo, também chamados pelo próprio pai de 01, 02 e 03, respectivamente. Os três ocupam cargos eletivos, como mencionado anteriormente.

Jair Renan, que o presidente chama de 04, é fruto do seu casamento com Ana Cristina Valle. O mais jovem dos filhos homens de Bolsonaro ainda não divulgou suas pretensões políticas, mas virou *influencer* digital e tem quase 500 mil seguidores no Instagram, onde faz publicações de festas, eventos, moda masculina e armas¹⁶.

Nascida em 2010, Laura é a única filha de Bolsonaro. Ela nasceu da relação do presidente com a terceira e atual esposa, Michelle Bolsonaro. Em 2017, uma declaração do então deputado e pré-candidato a presidente da República sobre ter uma filha gerou grande

¹⁶ *Estado de Minas*: “TikTok e política: como Renan Bolsonaro, o '04', virou fenômeno nas redes”. Disponível em <https://bit.ly/3hlbcz7>.

repercussão no país: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”¹⁷. No entanto, esta é apenas uma das polêmicas que envolvem o presidente brasileiro.

2.1.2. Bolsonaro: uma vida de constantes polêmicas

Em 1999, em entrevista ao programa “Câmara Aberta”, da televisão Bandeirantes, o então deputado federal afirmou ser favorável à tortura¹⁸. Em 2011, em outra entrevista à jornalista Daniela Paixão para a TV UOL, ele repetiu: “Você tem que tirar informação dele custe o que custar, empregue os métodos que têm que ser empregados. Tortura é arma de guerra” (Bolsonaro, 2011)¹⁹.

Ao longo dos 28 anos em que atuou como deputado federal, Bolsonaro defendeu a tortura inúmeras vezes e em diferentes ocasiões. Na década de 1990, após entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo* sobre o assunto, o corregedor do Congresso Nacional, deputado Vital Rego, chegou a solicitar à Procuradoria-Geral da República a abertura de uma ação penal “contra Bolsonaro por crime contra a segurança nacional, ofensa à Constituição e ao regimento interno da Câmara” (CPDOC-FGV).

Em 2016, durante o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), Bolsonaro não só votou favoravelmente à cassação da então presidente da República, como dedicou o voto a um conhecido torturador do período da Ditadura Militar²⁰:

Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (Bolsonaro, 2016)²¹.

Declarações machistas, como aquela relativa à sua própria filha, são constantes nas listas de polêmicas de Bolsonaro. Em 2003, em uma discussão nos corredores da Câmara Federal, ele

¹⁷ *Fórum*: “Bolsonaro: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. Disponível em <https://bit.ly/3r5m12N>.

¹⁸ *Poder360*: “Bolsonaro já defendeu tortura para quem pediu para ficar em silêncio em CPI; assista”. Disponível em <https://bit.ly/36nlGig>.

¹⁹ Transcrição nossa.

²⁰ BBC: “Enquanto me dava choques, Ustra me batia com cipó e gritava', diz torturado aos 19 anos”. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419_torturado_ustra_bolsonaro_lgb.

²¹ Transcrição nossa.

disse que não estupraria a deputada Maria do Rosário (PT) porque ela não merecia. Em 2014, após outra discussão com a mesma parlamentar, Bolsonaro repetiu que Rosário “não merecia ser estuprada por ser muito feia” (Bolsonaro, 2014)²². Em 2019, a Justiça o condenou a pagar multa e a fazer uma retratação pública.

Em 2011, Bolsonaro participou do quadro “O povo quer saber”, do programa CQC (Custe o que Custar) da Televisão Bandeirantes. Ao ser questionado pela cantora Preta Gil o que faria se um dos filhos se apaixonasse por uma mulher negra, Bolsonaro respondeu: “Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro este risco porque meus filhos foram muito bem educados”. A resposta do então deputado rendeu-lhe mais um processo. No entanto, a ação foi arquivada, pois o réu disse que a frase foi tirada de contexto.

Durante a pré-campanha para a presidência da República, em 2017, em uma palestra na associação israelita Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, Bolsonaro voltou a tecer declarações pejorativas contra pessoas pretas. “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais”²³, ironizou.

Em 2006, Bolsonaro votou contra o projeto de lei que pretendia instituir a política de cotas no Brasil. A proposta, que foi aprovada, estabelece reservas de vagas em vestibulares de universidades públicas, provas e concursos públicos destinadas a pessoas de origem preta, parda ou indígena. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que mais de 50% da população brasileira se declara preta ou parda²⁴.

No entanto, em 2009, apenas 2,2% das pessoas deste grupo tinham concluído os estudos universitários, informou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-IBGE). Em 2017, após a lei de cotas, 9,3% das pessoas pretas acima de 25 anos tinham concluído a graduação (Licenciatura, em Portugal), um aumento de mais de 300%. Em 2018, pretos e pardos já representavam mais da metade dos estudantes das universidades públicas brasileiras²⁵.

Ao longo de sua trajetória no Congresso Nacional, Bolsonaro também foi contrário a outros importantes projetos, como o que criou o Fundo de Combate à Pobreza, o que proibia o

²² Transcrição nossa.

²³ *Congresso em Foco*: “Bolsonaro: ‘Quilombola não serve nem para procriar’”. Disponível em <https://bit.ly/3qTEkYZ>.

²⁴ *Jornal da USP*: “Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra”. Disponível em <https://bit.ly/3hL1HPW>.

²⁵ *El País Brasil*: “Negros são maioria nas universidades públicas do Brasil pela primeira vez”. Disponível em <https://bit.ly/3wqPDsi>.

nepotismo, o que ampliava os direitos trabalhistas às empregadas domésticas e o que combatia o trabalho escravo (Dibai, 2018).

A comunidade LGBTQ+ também foi alvo de preconceito, através das brincadeiras e ironias da família Bolsonaro. Também na entrevista no programa CQC, o então deputado foi questionado sobre o que faria se tivesse um filho gay. A resposta foi: “Isso nem passa pela minha cabeça porque tiveram uma boa educação, eu fui um pai presente, então não corro esse risco”. Ele foi condenado a pagar uma multa por esta declaração²⁶. Anos antes, Bolsonaro já havia falado que era homofóbico e “com muito orgulho”²⁷.

Por ser um assunto polêmico e midiático, o tema da homossexualidade foi pautado inúmeras vezes por Bolsonaro ao longo das quase três décadas em que ele foi parlamentar:

[...] tal qual ocorreu em 2013 e 2014, quando em entrevistas concedidas a jornalistas, declarou que, assim como ele, os brasileiros não gostavam dos homossexuais, e também que a maioria dos homossexuais o são como resultado de consumo de drogas, enquanto uma minoria já nascia com ‘defeito de fábrica’ (CPDOC-FGV).

Além do PT, de Lula e de um “regime comunista” que estaria assombrando o Brasil²⁸ segundo Bolsonaro, o político também tem os jornalistas e órgãos de comunicação como alvos privilegiados de seus ataques. Em 2014, em uma entrevista na Câmara dos Deputados, ele chamou a jornalista Manuela Borges, da RedeTV, de “idiota” e “analfabeta” após ser indagado sobre o golpe militar de 1964²⁹.

Referindo-se aos acontecimentos de 1964, Bolsonaro afirma até hoje que não houve golpe, mas sim uma revolução democrática para tirar um presidente comunista do poder. O presidente em questão era João Goulart, um grande proprietário de terras que pretendia fazer reformas sociais no Brasil.

Em 2020, ao ser questionado por um repórter do jornal *O Globo* sobre denúncias de corrupção e o depósito em cheques que um ex-assessor teria feito na conta da mulher, Bolsonaro

²⁶ *Jornal do Comércio*: “Jair Bolsonaro terá de pagar R\$ 150 mil por declaração homofóbica”. Disponível em <https://bit.ly/3r2TyKL>.

²⁷ *Catraca Livre*: “‘Sou homofóbico, sim, com muito orgulho’, diz Bolsonaro em vídeo”. Disponível em <https://bit.ly/3r3Cbtq>.

²⁸ TSF: “Bolsonaro afirma que vai “erradicar o comunismo” do Brasil”. Disponível em <https://bit.ly/3xtDowf>.

²⁹ *Na Telinha - UOL*: “Jair Bolsonaro chama jornalista da RedeTV! de ‘idiota’ e ‘analfabeta’”. Disponível em <https://bit.ly/36kZCF1>.

ameaçou o profissional. “Eu vou encher a boca desse cara na porrada. Minha vontade é encher tua boca na porrada”, afirmou aos gritos³⁰.

Ao longo dos anos, foram inúmeros os ataques contra profissionais da comunicação. De acordo com a organização Repórteres sem Fronteiras, apenas em 2020, a família Bolsonaro fez 469 ataques a jornalistas e órgãos de comunicação. Somente o presidente foi responsável por 103, quase dois insultos por semana³¹.

2.2. Agência Lusa

Em seu *site* na internet, a Lusa apresenta-se como a maior agência de notícias em Língua Portuguesa do mundo. A média diária de peças produzidas em 2020 foi de 754, sendo que ao longo do ano foram produzidos 276.076 conteúdos, um aumento de quase 11% em relação ao ano anterior, segundo dados do *Relatório e Contas 2020*. Do total de conteúdos produzidos, destacam-se os sobre Política nacional e internacional (23%), Saúde (17%) e Economia e Finanças (15%). Ainda de acordo com o documento, em 31 de dezembro de 2020, a agência contava com 267 funcionários, sendo 222 jornalistas, o que corresponde a 83,1% do total de trabalhadores.

Para efeitos de comparação, a Agência Brasil produziu cerca de 20 mil matérias jornalísticas em 2020 e todo o material pode ser utilizado gratuitamente pela imprensa. O órgão público, que faz parte da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), tem 99 funcionários, sendo que 68 atuam como jornalistas. Os dados foram obtidos diretamente com o governo brasileiro através da Lei de Acesso à Informação (12.527 de 2011).



Figura 4 - Reprodução do site www.lusa.pt.

³⁰ Fantástico – G1: “Bolsonaro ameaça jornalista: 'Minha vontade é encher tua boca na porrada'”. Disponível em <https://glo.bo/2TPphTx>.

³¹ Portal G1: “Bolsonaro e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG”. Disponível em <https://glo.bo/3wpmbTI>.

A agência Lusa iniciou as atividades em 1º de janeiro de 1987. Com sede em Lisboa, a agência tem correspondentes em todas as regiões de Portugal que estão organizados por editorias regionais (Norte, Centro, Alentejo, Algarve, Açores e Madeira).

A empresa, que é uma sociedade anônima com o capital dividido entre o Estado português e empresas privadas, tem “delegações e correspondentes em países de língua oficial portuguesa (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste)” (Lusa, 2019, 4). Além dos representantes na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a agência tem correspondentes em Bruxelas, onde fica a sede da União Europeia; em Macau, que foi colonizada e administrada por Portugal até 1999; e em outras diversas cidades pelo mundo, como Madrid, Paris, Londres, Nova York e Pequim, dentre outras.

Na apresentação do *Livro de Estilo* da agência, a Lusa se afirma como uma empresa que “assegura uma informação rápida, factual, isenta e rigorosa” (Lusa, 2019: 4). E estas são as bases do jornalismo de agência, que é responsável pela produção de conteúdo para outros órgãos de comunicação.

Sendo assim, a Lusa cumpre os parâmetros definidos no relatório “News agencies: their structure and operation”³², produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1953. Segundo o documento, uma agência de notícia tem o objetivo principal de:

to gather news and news material, of which the sole purpose is to express or present facts, and to distribute it to a group of news enterprises, and in exceptional circumstances to private individuals, with a view to providing them with as complete and impartial a news service as possible against payment and under conditions compatible with business laws and usage (UNESCO, 1953: 24)³³.

Para se ter uma ideia da dimensão da Lusa desde o seu início, um ano após entrar em funcionamento, em 1988, cerca de 50% de toda a produção noticiosa nacional presente nos jornais portugueses era originária da agência. Quando se trata de notícias internacionais, 100% do conteúdo presente na mídia impressa portuguesa tinha a Lusa como produtora (Lusa, 2007).

³² *Agências de notícias: sua estrutura e funcionamento* [tradução do autor].

³³ “recolher notícias e material noticioso, cuja única finalidade seja exprimir ou apresentar fatos, e distribuí-los a um grupo de empresas de comunicação e, em circunstâncias excepcionais, a particulares, com vista a fornecê-los de forma completa e imparcial um serviço de notícias mediante pagamento e em condições compatíveis com as práticas comerciais” [tradução do autor].

Em 1995, a Lusa começou a preparação de uma plataforma digital para distribuir os seus conteúdos. O *site* entrou em operação no ano seguinte com três serviços: Comunidades, Rádios Locais e Imprensa Regional. Enquanto o primeiro era serviço noticioso gratuito direcionado para as comunidades portuguesas no exterior, os demais podiam ser acessados por órgãos de comunicação a preços mais acessíveis. Neste período iniciou, ainda, a conversão dos serviços analógicos para digital da área de fotografia da agência. O atual *site* (www.lusa.pt) entrou em operação em 2002 (Afonso, 2014).

Além de Portugal, atualmente, dezenas de outros países utilizam os serviços da Lusa, principalmente os da CPLP. Dados do *Relatório e Contas 2020* apontam que quase 60% dos subscritores dos serviços da Lusa são órgãos de comunicação portugueses. Os moçambicanos (11,38%) e os angolanos (6,6%) aparecem na sequência, seguidos dos órgãos de comunicação do Brasil (4,22%).

2.3. Jornal de Notícias

O *Jornal de Notícias*, ou simplesmente *JN*, é um dos mais antigos jornais portugueses. Fundado em 1888, no Porto, o periódico tinha um viés político-partidário e entrou em funcionamento no período em que a cidade começava a apresentar “um novo dinamismo em termos de crescimento demográfico e desenvolvimento industrial” (Lima, 2018: 239).

Na sua tese de Doutorado, a historiadora Helena Lima afirmou que o *Jornal de Notícias* cresceu alinhando o seu perfil político à sua identidade local:

Era um diário que procurava articular os interesses dos Regeneradores com uma feição popular. Participou activamente em campanhas partidárias contra os Progressistas, mas também se identificou com causas típicas da cidade quase até aos nossos dias. Essa ligação emotiva à cidade, bem como uma linguagem popular e acessível, fizeram do *JN* o jornal com maior implantação no norte do país (Lima, 2008: 86-7)

Em julho de 1926 – pouco mais de um mês após o golpe de 28 de maio, quando militares e civis antiliberais destituíram a Primeira República Portuguesa – ainda havia dificuldades para a formação do novo governo, o *Jornal de Notícias* publica um artigo de opinião que defende a formação de um nacionalismo português nos mesmos moldes do que estava sendo instituído em Itália e Espanha, como explica José Cardoso Gomes:

Assinado pelo articulista JM o artigo defende a formação duma «nova corrente política (...) verdadeiramente nacional» devendo o «exército mobilizar-se para obrigar os civis a cumprir o seu dever cívico, nem que seja à força» (Gomes, 2020: 172).

Segundo Lima (2008), no início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os textos publicados pelo *Jornal de Notícias* ainda refletiam o apoio inicial dado àquelas ideias políticas de 1926. As peças deixavam patente a simpatia pelo regime de Franco, na vizinha Espanha, e pelo governo nazista alemão de Adolf Hitler, além de artigos de opinião favoráveis a Salazar. A historiadora afirma, ainda, que “esta orientação excessiva do diário terá contribuído para a perda de leitores e para que tivesse entrado num período de dificuldades económicas” (Lima, 2008: 242).

Nos anos seguintes, o *JN* deixou de apoiar o governo e, além da censura ditatorial, começou a ter dificuldades para obter empréstimos financeiros junto aos bancos portugueses. A empresa teve que abrir o capital e com os novos acionistas ficou menos difícil obter créditos. As mudanças editoriais e de abertura de capital trouxeram melhorias. A tiragem diária do jornal passou de menos de 20 mil, em 1946, para cerca de 55 mil em 1965 (Lima, 2008).

Após o 25 de Abril de 1974, o *Jornal de Notícias* foi um dos periódicos que mais se expandiu em Portugal. O jornal – que no processo de abertura de capital durante o Estado Novo havia sido incorporado à Empresa Nacional de Publicidade (ENP) – foi adquirido, em 1990, pela Lusomundo, atual Global Media Group.

Em 1995, o *Jornal de Notícias* lança uma versão *online*, sendo o primeiro matutino português a entrar na era digital. O material disponibilizado na internet era, contudo, apenas “o grosso da edição impressa” (Molinos, Marques e Ferreira, 2006).

Atualmente, considerando os jornais diários impressos, o *Jornal de Notícias* é o segundo com maior tiragem. No último trimestre de 2020, o *JN* teve uma tiragem média de 26 mil exemplares impressos e 5,5 mil *online*, segundo dados da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT).

Conforme o Media Kit do *JN*, 85% dos assinantes *online* são das regiões do Grande Porto, Litoral Norte e Interior Norte. Nestas mesmas regiões, os leitores do impresso alcançam 55%. O público é pertencente, em sua maioria (56% no impresso e 53% no *online*) às classes A, B e C1 (média alta).

2.4. Expresso

Fundado em janeiro de 1973 – pouco mais de um ano antes da Revolução dos Cravos – o semanário *Expresso* chegou às bancas com um propósito de firmar posição política em um período que o país rogava pela reabertura política e democracia. Como recorda José Pedro Castanheira,

O nº 1 sai para a rua no sábado 6 de janeiro de 1973. A tiragem ultrapassa os 60 mil exemplares, impressos na rotativa do "Diário de Lisboa". Com 24 páginas e dois cadernos, o preço é de 5\$00 (€1,33 a preço atual). A manchete é uma sondagem encomendada, que revela que "63 por cento dos portugueses nunca votaram" - para bom entendedor... (Castanheira, 2013).

A oposição ao regime Marcelista foi a marca do início do *Expresso*. A visão pluralista que o semanário pretendia transmitir foi alçada com a criação de um Conselho Editorial, que reunia pessoas de diferentes atividades para discutir e sugerir as novas edições (Baptista, 2012 *apud* Serra, 2018).

Naquele ambiente jornalístico onde se discutia política nasceu, em maio de 1974, o Partido Popular Democrático (PPD), que em outubro de 1976 passaria a se chamar Partido Social Democrático (PSD). Neste ano, “o jornal começa finalmente a poder assumir o papel de contrapoder – no sentido de assumir e respeitar a legitimidade de um poder finalmente democrático e sufragado em eleições livres” (Castanheira, 2003).

O projeto político dos fundadores do *Expresso* concretiza-se nos anos seguintes. O seu primeiro diretor, Francisco Pinto Balsemão, tornou-se ministro-adjunto em janeiro de 1980 e primeiro-ministro no ano seguinte. Outro fundador, Marcelo Rebelo de Sousa assumiu o ministério de Assuntos Parlamentares em 1982.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, o semanário consolidou os seus campos de atuação, tendo a Política como base do caderno principal, a Economia no segundo caderno (*Expresso 2*, que ainda reunia informações de esportes e imobiliário) e a Cultura, com a *Revista*. Em junho de 1997 entra no ar a página do *Expresso* na internet.

No último trimestre de 2020, o semanário tinha uma tiragem de mais de 57 mil exemplares na versão impressa e mais de 46 mil na versão *online*, segundo a APCT.

2.5. Correio da Manhã

O *Correio da Manhã* foi criado em 1979 e é, atualmente, o jornal diário generalista mais vendido em Portugal. De acordo com dados da APCT, a tiragem média nos últimos três meses de 2020 foi de mais de 55 mil exemplares impressos. Em contrapartida, dentre os jornais analisados nesta dissertação, é o periódico com o menor número de assinantes *online*, com cerca de dois mil.

Diferente dos outros periódicos que são objetos deste trabalho, o *Correio da Manhã* não tem uma tradição de cobertura política e está mais voltado às notícias que chamam a atenção e tem proximidade com o dia-a-dia do leitor. Em março de 2004, o jornal *Público* prestou uma homenagem aos 25 anos do *Correio da Manhã* com o título: “O jornal que nasceu para responder às preocupações do ‘homem da rua’”.

"Não ter muita política foi o primeiro factor que ditou o sucesso do 'CM'. Em segundo lugar, foi o primeiro jornal que voltou a publicar-se ao domingo, uma tradição da imprensa portuguesa interrompida pelo 25 de Abril", diz o ex-chefe de redacção adjunto. O "CM" começou, inclusive, a oferecer uma revista a cores nesse dia. "E, em terceiro, conquistou uma posição muito forte nos pequenos anúncios", prossegue Belmiro Vieira (Teixeira, 2004).

Conforme o Media Kit do grupo Cofina (proprietário do *Correio da Manhã*), 77% dos leitores do jornal são das classes C e D. Sendo 51% do sexo masculino e 47% tem entre 25 e 44 anos.

O jornal criou sua página na internet em 2002. Tendo em conta as limitações da época, os assuntos eram reduzidos a quatro seções: nacional, internacional, espetáculo e esportes. Com o passar dos anos, a plataforma do *Correio da Manhã* se reformulou e, atualmente, também utiliza materiais produzidos pela CMTV, um outro braço do grupo Cofina. O *site* www.cmjornal.pt tem, ainda, duas edições: Portugal e África.

2.6. Público

O *Público*, um dos mais prestigiados jornais portugueses, chegou às bancas em março de 1990. O projeto começou a ser idealizado dois anos antes por Vicente Jorge Silva, então ligado ao *Expresso*, que pretendia criar um jornal diário de qualidade.

Não tendo conseguido realizar o projeto dentro do *Expresso*, Jorge Silva conseguiu o apoio do grupo empresarial Sonae e, em 1989, é criada a *Público, Comunicação Social S.A.*, uma empresa pertencente à sub-holding da Sonae. Todo o longo período de preparação tinha um objetivo, que era fazer do *Público* um jornal grande desde o seu início, como relata Nuno Pacheco:

Um jornal que, com a ambição de sair para as bancas logo no início de 1990, quer romper várias regras: formato tablóide e impresso a cores, o que contrariava o cânone dos jornais de referência; com duas edições simultâneas e dois cadernos locais diferentes, em Lisboa e no Porto; e com suplementos integralmente a cores, um por dia: Economia (segunda), Leituras (terça), Videodiscos (quarta), Hoje e Amanhã (quinta), A Semana (sexta), Jogos (sábado) e Magazine (a revista, domingo) (Pacheco, 2018).

A redação começou a trabalhar em novembro de 1989. Deste período até à edição de número 1, em março do ano seguinte, foram feitas algumas edições de número “zero” para acertar os detalhes. A efervescência política internacional daquele período, no entanto, fez desses números “zeros” uma boa forma de mensurar a dimensão do que estava por vir. Nas capas das edições de teste estavam o encontro de Bush e Gorbachov (os dois principais líderes mundiais do período), a libertação de Nelson Mandela após o fim do apartheid (regime de segregação) na África do Sul, as primeiras eleições presidenciais no Brasil após o fim da ditadura militar, dentre outros temas de referência nacional e internacional.

No ano seguinte à sua criação, o *Público* juntou-se ao World Media Network, que é uma associação de jornais de referência em vários países do mundo. Em 1995, começou a transição para as plataformas digitais e, atualmente, é líder de assinaturas *online* em Portugal. O jornal terminou o ano de 2020 com cerca de 35 mil assinaturas digitais, segundo a APCT. A tiragem impressa alcançou 12,6 mil.

Conforme o Media Kit do *Público*, a maioria dos leitores são das classes A e B, segmento em que o periódico é líder em Portugal. Mais de 70% são “quadros médios superiores, trabalhadores especializados e dos serviços administrativos e comércio”.

Desde 2020, o *Público* tem uma parceria com o maior jornal brasileiro: *Folha de S.Paulo*. Os leitores que são assinantes de um desses jornais podem ter acesso ao conteúdo do outro. Os dois periódicos também têm um acordo para a troca de conteúdo entre eles: “Na Europa ou na América do Sul, distinguimo-nos pela aposta num jornalismo baseado no rigor, na independência, no pluralismo, na rejeição do sensacionalismo e na valorização do sentido

de serviço público”, escreveram os diretores Manuel Carvalho e Sérgio Dávila em carta conjunta aos seus leitores em julho de 2020.

2.7. Diário de Notícias

Fundado em 1864, e após duas edições testes nos últimos dias deste ano, o *Diário de Notícias* entrou em circulação oficialmente em 1865. Em seu início, o jornal apresentava-se como um órgão de comunicação que tinha o objetivo de informar todas as classes sociais, do pobre ao rico, de forma direta:

A viabilidade de um jornal que proclamava a sua isenção em termos políticos, recusando por isso a inserção de artigos de fundo, recurso utilizado pelos periódicos de cariz doutrinal, passava fundamentalmente pela capacidade de conquistar um público leitor o mais amplo possível. Este aspecto revelava-se vital para uma publicação que, segundo as próprias informações divulgadas pela administração, não dispunha de apoios financeiros concedidos por outras instituições ou grupos de influência, possuindo como fonte única de financiamento o capital dos seus responsáveis (Nunes, 2002: 26-7).

Os ventos autoritários que começaram a soprar na Europa na década de 1920 também afastaram a isenção jornalística, que era tão propagada pelo *Diário de Notícias*. Após o golpe em 1926, o matutino publicou várias entrevistas com António Salazar. Também foram entrevistados pelo *DN* Benito Mussolini, líder da Itália fascista, e Adolf Hitler, comandante da Alemanha nazista (Gomes, 2012).

Durante grande parte da ditadura, o *Diário de Notícias* foi dirigido por Augusto de Castro, “uma destacada figura política do Estado Novo, mantendo-se à frente do periódico, com alguns interregnos, até 1971” (Gomes, 2012: 370). Se fosse possível resumir a participação do *DN* durante a ditadura, ele seria considerado como “o jornal ‘oficioso’ do regime” (Gomes, 2020: 300).

Com o fim do regime e a nacionalização da banca e dos seguros, parte dos órgãos de comunicação do país passam a ser geridos pelo Estado. O *Diário de Notícias*, que antes tinha a influência do regime, passou por um período de turbulência interna entre os funcionários. Em 1974 assumiu a direção do jornal José Ribeiro dos Santos, próximo ao Partido Socialista.

No início da década de 1990, o *Diário de Notícias* foi privatizado e passou a ser controlado pela Lusomundo, mesma proprietária do *Jornal de Notícias*, que atualmente é a

Global Media Group. A tiragem do jornal foi de, aproximadamente, quatro mil exemplares impressos diários, no último trimestre de 2020. Já a tiragem *online* estava por volta das 2,5 mil, segundo a APCT.

Conforme o Media Kit do *DN*, 57% dos leitores do impresso pertencem às classes A, B e C1, sendo que mais da metade (53%) são das regiões Centro e Sul de Portugal. Os leitores entre 25 e 54 anos representam 66% do total.

3. O discurso de Bolsonaro na visão da imprensa portuguesa: uma comparação entre a Lusa e os principais jornais do país

O discurso do presidente brasileiro Jair Bolsonaro na abertura da 75^a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) foi notícia internacional devido às inúmeras declarações polêmicas proferidas pelo chefe de Estado. Em meio à pandemia de Covid-19 e aos desastres ambientais que assolaram grandes áreas da Floresta Amazônica e do Pantanal, Bolsonaro usou boa parte de seus 15 minutos para defender as ações de seu governo.

Intitulado como um dos líderes da extrema direita no mundo pela agência de notícias Reuters, Bolsonaro abusou da desinformação na sua participação na ONU ao fazer 11 declarações falsas, sete imprecisas, seis insustentáveis, quatro contraditórias e uma exagerada. A contagem está na peça “O que é e o que não é fato no discurso de Bolsonaro na abertura da Assembleia Geral da ONU”, publicada pelo site de checagem *Aos Fatos* em 22 de setembro de 2020. Apenas doze declarações foram consideradas verdadeiras.

Tamanha polêmica, o discurso do presidente do Brasil, país que tem mais de 80% dos falantes de Língua Portuguesa no mundo³⁴, gerou repercussão em Portugal, onde há mais de 150 mil imigrantes brasileiros legalizados. Os órgãos de comunicação social portugueses noticiaram o fato, sobretudo a imprensa escrita, que é o objeto deste estudo.

Somente a agência Lusa produziu seis peças jornalísticas, que foram veiculadas em centenas de outros órgãos³⁵. Para se ter uma comparação com as outras agências noticiosas da Europa, a EFE e a BBC escreveram uma peça cada. A Reuters produziu duas. Já a DW apenas publicou um artigo de opinião. Esta contagem refere-se à produção original feita pelas agências, ou seja, não são levadas em consideração as traduções e as peças feitas em outras línguas que não são as de origem das agências.

Por exemplo, a BBC: a agência britânica escreveu três textos sobre o discurso. No entanto, apenas um foi produzido na língua inglesa. As demais foram escritas para o mercado brasileiro (PT-BR). Este foi o mesmo caso da DW, que produziu três peças em língua

³⁴ Segundo o Instituto Camões, há cerca de 260 milhões de pessoas que falam a Língua Portuguesa no mundo e cerca de 210 milhões são brasileiras.

³⁵ Entramos em contato com a Agência Lusa para obter informações de quantos órgãos de comunicação usaram as peças produzidas pela empresa e quantas vezes cada uma das peças foi reproduzida. No entanto, em 28 de junho de 2021, por telefone, um servidor do setor de Direção Comercial e Marketing da agência comunicou que estas são informações internas e que não seriam divulgadas e que a dimensão poderia ser verificada se fizessemos uma pesquisa no *Google*.

Portuguesa e um artigo de opinião. Apenas o artigo – que foi escrito por um cidadão alemão que mora no Brasil – foi traduzido para a língua Germânica.

Os principais jornais portugueses também destacaram o discurso de Bolsonaro na ONU em suas páginas na internet e nas suas versões impressas. *Jornal de Notícias*, *Expresso*, *Correio da Manhã*, *Público* e *Diário de Notícias* levaram o fato aos seus leitores. De antemão, assinala-se que o *Jornal de Notícias* foi o único dos periódicos analisados que não produziu conteúdo próprio, limitando-se a usar material de agência. Na contramão estão *Público* e *Diário de Notícias*, que produziram peças mais analíticas ao invés de, apenas, relatar o acontecimento.

Levando estes breves pontos em consideração e tendo em conta que o objetivo principal desta dissertação é perceber os enquadramentos e os discursos produzidos pela imprensa escrita portuguesa sobre a participação de Jair Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas, serão analisadas um total de 10 peças, sendo seis produzidas pela Agência Lusa e as outras quatro por *Expresso*, *Correio da Manhã*, *Público* e *Diário de Notícias* (cada órgão produziu um texto original).

Na sequência, apresentamos as peças a serem analisadas:

Órgão de Comunicação	Títulos	Autor
Agência Lusa	1) Bolsonaro diz que se imprensa criticou discurso na ONU é porque "foi bom"; 2) Covid-19: Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater a pandemia; 3) Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha brutal de desinformação sobre Amazónia; 4) Políticos acusam Bolsonaro de "mentir" na ONU sobre auxílio durante pandemia; 5) ONG consideram "delirante" e "constrangedor" discurso do Presidente do Brasil na ONU; 6) Bolsonaro elogia Trump e diz que aproximação com Israel e árabes é nova política do Brasil;	Não são identificados.
<i>Expresso</i>	Negacionismo, "Cristofobia" e um dedo apontado à China. Trump e Bolsonaro já falaram na 75.ª Assembleia Geral da ONU	Ana França
<i>Correio da Manhã</i>	"Brasil é vítima de campanha de desinformação e de interesses", diz Bolsonaro na ONU	Domingos Grilo Serrinha e correspondente no Brasil

<i>Público</i>	Bolsonaro responsabiliza índios por incêndios na Amazônia	João Ruela Ribeiro
<i>Diário de Notícias</i>	"Delírio", "negacionismo": Bolsonaro mentiu dez vezes na ONU	João Almeida Moreira

Quadro 1: Materiais analisados. Fonte: elaboração própria.

Quanto aos jornais, serão analisadas as peças produzidas por jornalistas do próprio periódico. O *Jornal de Notícias*, no entanto, não produziu nenhum texto, apenas utilizou material de agência. Contudo, faremos uma breve explanação da forma como o *JN* utilizou esta peça.

Nesta mesma linha, o *Expresso* e o *Diário de Notícias* produziram materiais próprios, mas também utilizaram as matérias da Lusa. A peça da agência publicada no semanário foi “Bolsonaro diz que se imprensa criticou discurso na ONU é porque ‘foi bom’”. Já o *DN* utilizou a matéria com o título “Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater a pandemia”. Os dois jornais deram os devidos créditos à Lusa.

3.1. Os enquadramentos produzidos pela Lusa

Das seis peças produzidas pela agência Lusa, duas tiveram enfoque no Meio Ambiente, outras duas foram sobre a pandemia de Covid-19, uma sobre os atritos de Bolsonaro com a imprensa e uma última sobre as relações internacionais do Brasil e seu alinhamento ao governo Donald Trump (então presidente dos Estados Unidos) e a Israel.

Nas peças que tinham o mesmo tema, os enquadramentos foram completamente diferentes. Nos textos sobre o Meio Ambiente, um deles é voltado às declarações do chefe de Estado sobre a sua condução da política ambiental e críticas à organizações e governos internacionais (“Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha brutal de desinformação sobre Amazônia”). Já o outro (“ONG consideram ‘delirante’ e ‘constrangedor’ discurso do Presidente do Brasil na ONU”) tem como foco a resposta de organizações protetoras do Meio Ambiente às declarações de Bolsonaro. Em ambas as peças, no entanto, os jornalistas que as escrevem contestam os dados apresentados pelo presidente brasileiro na ONU com informações oficiais.

Situação idêntica aconteceu nas outras duas peças produzidas sobre a pandemia do novo coronavírus. Em “Covid-19: Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater

a pandemia” e em “Políticos acusam Bolsonaro de ‘mentir’ na ONU sobre auxílio durante pandemia” os enquadramentos apresentados são distintos. Enquanto a primeira destaca o discurso, a segunda enfoca as contradições das declarações na visão dos políticos opositores a Bolsonaro.

Em um contexto geral, dos seis textos produzidos pela Lusa, 50% deles apontam que Bolsonaro faltou com a verdade em diferentes momentos do seu discurso. Contudo, em todas as vezes em que foi usada as palavras “mentir”, “mentira” e suas variações, elas foram usadas entre aspas, indicando opinião de outras fontes ouvidas pela peça.

No entanto, a Lusa utiliza outros artifícios para mostrar que Bolsonaro mentiu. Por exemplo, ao refazer os cálculos do auxílio emergencial concedido pelo governo brasileiro e mostrar que o valor final ficou muito aquém dos mil dólares declarados pelo chefe de Estado; ao contrapor o político, afirmando que ele não apresentou provas quando ele negou a existência de incêndios florestais, argumentando que a “floresta é húmida e não permite a propagação do fogo no seu interior”; e por último, ao afirmar que as declarações de Bolsonaro sobre a pandemia contrariam as orientações do próprio Ministério da Saúde do Brasil “que colocam o país entre os mais afetados em número de mortes”.

De forma mais direta, a Lusa apontou que Bolsonaro foi um negacionista e negligenciou os dois maiores problemas que atingiram o Brasil no ano de 2020: a pandemia e as queimadas.

(...) o presidente brasileiro negou os incêndios florestais e afirmou que a Amazônia é uma “floresta húmida e não permite a propagação do fogo no seu interior (Lusa, 2020c).

Bolsonaro, um dos chefes de Estado mais céticos em relação à gravidade da pandemia (...) (Lusa, 2020a).

(...) diante de um país que arde em chamas, o discurso negacionista do presidente (...) (Lusa, 2020e).

(...) defendeu a sua atuação na pandemia, embora o Brasil seja um dos países mais afetados pela covid-19 (Lusa, 2020f).

Para uma melhor compreensão do material produzido pela agência Lusa e seus enquadramentos, na sequência apresenta-se uma análise de cada uma das peças jornalísticas. Os títulos de cada peça produzida pela Lusa são os subtítulos abaixo. Todas as peças foram produzidas em 22 de setembro de 2020, data em que Bolsonaro proferiu o discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas.

3.1.1. “Bolsonaro diz que se imprensa criticou discurso na ONU é porque ‘foi bom’”

A primeira peça jornalística tem como foco a crítica de Jair Bolsonaro aos órgãos de comunicação, tanto durante o pronunciamento do chefe de Estado quanto após a veiculação do discurso, que foi gravado.

“Se a ‘mídia’ [imprensa] está a criticar, é porque o discurso foi bom”, disse o chefe de Estado (...) a um apoiante que tentou estabelecer uma relação entre os discursos de Bolsonaro e (...) Donald Trump (Lusa, 2020a).

O texto destaca que o discurso do presidente brasileiro na ONU foi “polêmico”, principalmente por apresentar dados que contradizem as fontes oficiais sobre a condução da pandemia de Covid-19 e o combate às queimadas na Amazônia e no Pantanal. A peça traz informações de uma agência de verificação de dados brasileira, a Lupa, que fez classificações sobre o discurso de Bolsonaro. Contudo, as classificações foram apresentadas em números (quatro falsas, cinco exageradas, duas insustentáveis e duas verdadeiras), sem fazer referências às declarações, sem contrapô-las e sem explicar ao leitor quais foram as inverdades proferidas pelo presidente brasileiro.

Ao dizer que Bolsonaro foi “cético” sobre a gravidade da pandemia de Covid-19, o texto indica o negacionismo do político, que muitas vezes disse não acreditar nos dados oficiais sobre os números de casos de infectados e de mortes³⁶.

Bolsonaro, **um dos chefes de Estado mais céticos em relação à gravidade da pandemia**, também aproveitou para atacar empresas de comunicação social e jornalistas por problemas ocorridos durante a pandemia (...) [grifo nosso] (Lusa, 2020a)

Ao final da peça, há também a transcrição de curtos trechos do discurso com elogios de Bolsonaro ao então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e à intensificação das relações entre Brasil e EUA.

³⁶ *Correio Braziliense*: “Relembre 15 vezes que Bolsonaro subestimou publicamente a covid-19”. Disponível em <https://bit.ly/3xmk17V>.

3.1.2. “Covid-19: Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater a pandemia”

Esta peça é um resumo do trecho do discurso de Jair Bolsonaro sobre a condução do governo Brasileiro na gestão da pandemia de Covid-19. O texto apresenta os trechos mais contraditórios da conferência.

Nesta reportagem, as declarações do presidente brasileiro são contrapostas com dados apresentados pelo autor do texto, sem a utilização de declarações de outras fontes. Na sequência há exemplos de três trechos em que as declarações de Bolsonaro foram contestadas.

As declarações de Bolsonaro a outros líderes globais sobre o sucesso de sua gestão na pandemia **contrariam dados do Ministério da Saúde, que colocam o país entre os mais afetados em número de mortes, com 137.272 óbitos registrados** - atrás apenas dos Estados Unidos -, e o terceiro em número de casos confirmados, com 4,5 milhões de infecções [grifo nosso] (Lusa, 2020b).

“Somente o insumo da produção de hidroxiquina sofreu um reajuste de 500% no início da pandemia”, declarou Bolsonaro, **citando uma substância que defende para o tratamento do novo coronavírus, que não tem eficácia contra a doença cientificamente comprovada** [grifo nosso] (Lusa, 2020b).

A cloroquina e a hidroxiquina [que tem quase a mesma composição] são usadas no tratamento de doenças como a malária e o lúpus, **sem efeito comprovado contra o vírus que provoca a covid-19** [grifo nosso] (Lusa, 2020b).

No parágrafo terceiro, a peça também destacou os ataques de Bolsonaro às empresas de jornalismo do Brasil. Já no quarto parágrafo reproduziu-se a parte da declaração do presidente sobre o valor de mil dólares concedidos aos brasileiros que ficaram sem renda durante a pandemia. Em nenhum destes parágrafos foram contextualizadas as declarações de Bolsonaro.

Sobre os ataques aos órgãos de comunicação, um levantamento da ONG Artigo 19 – organização não-governamental de direitos humanos que tem a missão de defender e promover o direito à liberdade de expressão e de acesso à informação em todo o mundo – apontou que até 15 de setembro de 2020 (uma semana antes do discurso na ONU), agentes políticos ligados ao governo federal cometeram 449 violações a jornalistas.³⁷

Relativamente ao auxílio emergencial, o valor indicado por Bolsonaro é incorreto e está bem abaixo dos mil dólares divulgados no discurso³⁸. A Lusa produziu uma outra matéria sobre

³⁷ Artigo 19: “Monitoramento inédito: agentes políticos ligados ao governo federal cometeram 449 violações a jornalistas em 20 meses”. Disponível em: <https://artigo19.org/2020/09/15/linha-do-tempo/>.

³⁸ Fórum: “Bolsonaro mente em discurso da ONU e fala em 1 mil dólares de auxílio-emergencial”. Disponível em: <https://bit.ly/3xBaGt2>.

o assunto (como exposto mais adiante). No entanto, para aqueles leitores que terão acesso apenas a esta peça, e não a todos os conteúdos, a informação sobre o valor do auxílio emergencial pode passar por verdadeira, se os dados reais não forem apresentados.

3.1.3. “Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha brutal de desinformação sobre Amazônia”

A peça tem o Meio Ambiente como foco principal e gira em torno das declarações de Bolsonaro sobre queimadas e preservação da Amazônia e do Pantanal. Dividida em 16 parágrafos, seis limitam-se a reproduzir declarações de Bolsonaro (com aspas) e outros seis são de contraposições apresentadas pelo autor:

A declaração de Bolsonaro responde a uma série de críticas que o país sofre **devido às queimadas e o avanço de ações de desflorestação em biomas importantes como a floresta amazônica e o Pantanal**, que se acentuaram no seu mandato [grifo nosso] (Lusa, 2020c).

Segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), **a desflorestação da Amazônia, maior floresta tropical do mundo, aumentou 34% de agosto de 2019 a julho de 2020 em comparação com o mesmo período do ano anterior** [grifo nosso] (Lusa, 2020c).

Este número anual inclui estações de seca e de chuva e também **diz respeito a um período em que a gestão ambiental já estava totalmente a cargo do Governo liderado por Bolsonaro**, que tomou posse em 01 de janeiro de 2019 [grifo nosso] (Lusa, 2020c).

Já o Pantanal, bioma situado na região centro-oeste do Brasil, considerado a maior planície húmida do mundo e que tem 80% da sua área inundada na estação chuvosa, **vive atualmente a maior seca das últimas cinco décadas e tem sido foco de grandes incêndios que já destruíram cerca de 20% do bioma** [grifo nosso] (Lusa, 2020c).

Em um parágrafo, o autor diz que “pesquisadores e ativistas culpam Bolsonaro” pelo desmatamento e pelo enfraquecimento da fiscalização. Contudo, não são apresentadas fontes para reforçar a contraposição da declaração do presidente brasileiro.

O negacionismo de Bolsonaro sobre o desmatamento e as queimadas, que foram as maiores já registradas³⁹, também foi destacado no texto:

Sem citar estudos científicos para comprovar as suas declarações e contrariando diversos especialistas em meio ambiente, o Presidente brasileiro **negou os incêndios**

³⁹ Portal G1: “Queimadas no Amazonas em 2020 registram maior número da história”. Disponível em: <https://glo.bo/3vG1UZI>.

florestais e afirmou que a Amazônia é uma “floresta é húmida e não permite a propagação do fogo no seu interior” [grifo nosso] (Lusa, 2020c).

Um dos trechos mais polêmicos do discurso – e que teve grande repercussão no Brasil e em vários órgãos de comunicação do mundo – é a culpa atribuída a caboclos (que são os mestiços de índios com brancos) e indígenas pelas queimadas no entorno da floresta amazônica. Esta peça foi a única da Lusa que fez menção a este trecho do discurso. No entanto, não foi apresentada nenhuma posição contrária ou resposta de entidades ligadas a estes grupos.

3.1.4. “Políticos acusam Bolsonaro de ‘mentir’ na ONU sobre auxílio durante pandemia”

Esta peça da Lusa foi produzida com base em declarações de políticos de oposição que acusam o presidente de mentir na ONU. É uma peça que não ouviu diretamente nenhum parlamentar e que foi baseada em reproduções de publicações dos políticos na rede social *Twitter*. Em todas as vezes que a palavra “mentir” e suas variações aparecem no texto, elas são utilizadas entre aspas, deixando patente um cuidado em demonstrar que quem chama o presidente de brasileiro de mentiroso são os demais políticos, não a agência.

Contudo, **esse valor foi contestado por vários políticos da oposição**, que acusam o chefe de Estado de estar a “mentir” [grifo nosso] (Lusa, 2020d).

“(…) A quantidade de mentiras que Bolsonaro preparou para esse discurso (…)”, escreveu na plataforma social Twitter o senador Humberto Costa, do Partido dos Trabalhadores (Lusa, 2020d).

“Bolsona a mentir na ONU (…)”, indicou por sua vez a deputada federal Jandira Feghali, do Partido Comunista do Brasil (Lusa, 2020d).

“(…) Não é só um mentiroso patológico, é desvio de caráter mesmo”, criticou Gleisi [Hoffmann, presidente do PT] (Lusa, 2020d).

O ponto central da discussão é o valor do auxílio emergencial dado aos brasileiros durante a pandemia de Covid-19. No discurso, Bolsonaro afirmou que o valor total concedido a cada brasileiro foi de aproximadamente mil dólares, o que é uma inverdade, segundo as declarações dos políticos.

Nos penúltimos parágrafos do texto, a Lusa apresentou os cálculos dos valores conferidos aos brasileiros e fez a conversão de moedas de acordo com a cotação do dia em que o texto foi escrito (22 de setembro de 2020).

Tendo em conta a cotação atual do dólar, o valor de 600 reais pago pelo executivo nos primeiros cinco meses da pandemia equivale a cerca de 110 dólares mensais, num total de 550 dólares. Acrescentando as restantes quatro parcelas que serão pagas até ao final do ano, de 300 reais, o valor equivale a cerca de 55 dólares, totalizando 220 dólares. Ou seja, **feitas as contas, mesmo somando todas as parcelas, o valor não chega aos 1.000 dólares anunciados por Bolsonaro, rondando os 770 dólares** [grifo nosso] (Lusa, 2020d).

Ao final da peça há a transcrição da publicação no *Twitter* de uma vereadora de São Paulo. Trata-se de uma figura política sem nenhuma projeção nacional e de um pequeno partido que se declara independente do governo, mas que apoia Bolsonaro nas pautas econômicas no Congresso Nacional. Na publicação, a vereadora Janaína Lima, do partido de direita Novo criticou a declaração do presidente na ONU com os valores incorretos. Em nosso entender, a peça poderia, talvez, ser concluída com contraposições de outros líderes políticos com mandato na Câmara dos Deputados ou no Senado e que fazem oposição a Bolsonaro, já que há inúmeros outros partidos oposicionistas; ou mesmo com representantes do partido da vereadora no Congresso Nacional.

É importante ressaltar, ainda, que com exceção desta vereadora, os políticos com representação nacional citados na reportagem são todos de partidos de Esquerda (Partido dos Trabalhadores e Partido Comunista do Brasil). No entanto, a oposição a Bolsonaro no Congresso Nacional vai além de PT e PCdoB. Há outros partidos de Centro (como o PDT) e de Direita (como PSDB e Cidadania) que fazem oposição ao governo do presidente da República. Além disso, há vários parlamentares que atuam de forma independente e também criticaram o discurso.

3.1.5. “ONG consideram ‘delirante’ e ‘constrangedor’ discurso do Presidente do Brasil na ONU”

O quinto texto tem como base as declarações de representantes de Organizações Não Governamentais defensoras do Meio Ambiente, como a WWF-Brasil, Greenpeace e o Observatório do Clima. Assim como na peça anterior, a reportagem foi escrita com base em declarações e comunicados divulgados pelas entidades após o discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU.

“Jair Bolsonaro não fugiu do ‘script’ [roteiro] no discurso de abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas” e num discurso “calculadamente delirante, o Presidente mais uma vez expôs o país de forma constrangedora e confirmou as preocupações dos investidores internacionais que pensam em sair do Brasil”, **disse em comunicado o Observatório do Clima**, coligação de organizações criada para discutir as mudanças climáticas no Brasil em 2001 [grifo nosso] (Lusa, 2020e).

Já a organização **Greenpeace avaliou, também em comunicado**, que Governo brasileiro está sob intensa pressão nacional e internacional devido aos números crescentes de queimadas e ações de desflorestamento, e diante de um país que arde em chamas, o discurso negacionista do Presidente “envergonha o povo brasileiro e isola o Brasil do mundo” [grifo nosso] (Lusa, 2020e).

Utilizando as declarações da representante da WWF-Brasil, a peça destacou as contradições das declarações de Bolsonaro com as posições defendidas pelas ONG, como no exemplo:

“Declarar que as queimadas são provocadas pelos “índios e caboclos” [povos tradicionais descendentes de indígenas e brancos] é a maior delas. Como um roteiro de ficção, o discurso uniu palavras-chaves das Nações Unidas com descrições de um Brasil que não existiu em 2020, em completo negacionismo da realidade do país e desconsiderando a urgência e seriedade dos desafios globais que o secretário-geral da ONU, António Guterres, tão bem descreveu”, acrescentou [em comunicado a diretora de Sociedade Engajada do WWF-Brasil, Gabriela Yamaguchi] (Lusa, 2020e).

Assim como na peça anterior, neste texto foram usadas bastante aspas para diferenciar o texto escrito pelo jornalista da opinião dos comunicados e declarações. Esta tática jornalística, segundo Tuchman (1993), é uma das estratégias utilizadas pelos repórteres para invocar a sua objetividade. Dessa forma, os autores das peças remetem as opiniões para as fontes e se esquivam de expressá-las diretamente.

3.1.6. “Bolsonaro elogia Trump e diz que aproximação com Israel e árabes é nova política do Brasil”

A peça é bastante simples e com foco apenas nas declarações de Bolsonaro sobre a política externa brasileira, como a aproximação ideológica com os Estados Unidos (então presidido por Donald Trump) e com Israel, e sobre os acordos multilaterais entre os blocos Mercosul e União Europeia.

Como o texto foi produzido basicamente sobre o discurso de Bolsonaro, ele tem poucas informações extras de contextualização e de contraposições. A única existente é sobre os acordos envolvendo os blocos europeu e sul-americano:

O acordo de livre comércio entre a UE e o Mercosul foi fechado em 28 de junho de 2019, depois de 20 anos de negociações. O pacto abrange um universo de 740 milhões de consumidores, que representam um quarto da riqueza mundial. No entanto, **ações de desflorestação e queimadas registradas na Amazônia brasileira nos últimos dois anos levaram alguns países europeus a colocarem em causa a homologação do acordo**, que precisa de ser aprovado internamente pelos membros do bloco para entrar em vigor [grifo nosso] (Lusa, 2020f).

No final da peça, o autor faz referência à parte do discurso em que Bolsonaro menciona a “liberdade religiosa” e a “cristofobia”. O jornalista salienta que foi uma declaração vaga e sem explicações por parte do presidente brasileiro.

No fim do discurso, Bolsonaro fez “um apelo a toda a comunidade internacional pela liberdade religiosa e pelo combate à cristofobia”, **sem mencionar exatamente ao que se referia**, e concluiu dizendo que “o Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base” [grifo nosso] (Lusa, 2020f).

Em termos gerais, os materiais produzidos pela agência Lusa foram baseados ou no discurso de Bolsonaro na ONU ou em comunicados e declarações de redes sociais. Foram peças mais diretas, objetivas e sem o uso de adjetivações. Elas estão de acordo com as Normas Gerais do Livro de Estilo da Lusa, elaborado para orientação na produção de materiais.

Do mesmo modo, a busca de isenção exige o maior rigor na escolha do vocabulário. São abolidas as palavras com carga política ou ideológica, os termos pejorativos ou elogiosos que marquem posições de repúdio ou de preferência, assim como as expressões grosseiras, os insultos, as expressões preconceituosas, xenófobas ou racistas, puníveis além do mais pela lei portuguesa (Lusa, 2019: 6).

As peças cumpriram ainda, seguindo o Livro de Estilo da própria agência, o princípio do contraditório. Mesmo nos textos em que não foram ouvidas outras fontes para contrapor as declarações de Bolsonaro, a agência utilizou dados oficiais que contradiziam o chefe de Estado, como os dados do próprio governo sobre o desmatamento e o número de infectados e mortos pela pandemia de Covid-19.

3.2. O discurso de Bolsonaro nos jornais portugueses

Portugal tem cinco jornais de circulação nacional e que foram escolhidos pela sua abrangência e relevância para serem analisados: *Público*, *Expresso*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Jornal de Notícias*. Este último, no entanto, não produziu nenhum material original para os seus leitores. O *JN* apenas utilizou a matéria da Lusa “Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha brutal de desinformação sobre Amazónia”.

Interessante observar que o *JN* não deu crédito à Lusa na matéria publicada na internet em 22 de setembro de 2020. A peça foi assinada como “*JN/Agências*”, no plural. No entanto, o texto é praticamente o mesmo que foi feito pela agência de notícias. Foram feitas duas alterações pontuais: o título trouxe a palavra “brutal” entre aspas e o primeiro parágrafo foi trocada a palavra “hoje” por “esta terça-feira”. Além disso, foi corrigido um erro na digitação da palavra “Brasil” no último parágrafo. A Lusa escreveu “Brsil”, sem a letra “A”.



The image shows a screenshot of a news article from the Portuguese newspaper JN (Jornal de Notícias). The article is dated 22 September 2020 at 16:31. The title is "Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha "brutal" de desinformação sobre Amazónia". The article is signed "JN/Agências". There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, and a plus sign for more options. Below the icons is a "COMENTAR" button. To the left of the main image, there is a list of topics: "Mundo", "Brasil", "Amazónia", and "Bolsonaro". The main image shows Jair Bolsonaro speaking at a podium during a UN event, with a large screen behind him displaying his portrait and the Brazilian flag. The text "Jair Bolsonaro discursou na ONU" and "Foto: AFP" is visible at the bottom of the image.

Figura 5 - Texto publicado no *JN* a 22 de setembro de 2020. Foto: reprodução

Todos os demais jornais apontaram que Bolsonaro não foi completamente verdadeiro em seu discurso e negou a amplitude da pandemia e dos problemas ambientais no Brasil. Enquanto *Expresso*, *Público* e *Correio da Manhã* apontaram e contrapuseram vários trechos do discurso do líder político brasileiro, sem expressar as palavras “mentir”, “mentira” e outras variações, o *Diário de Notícias* afirmou, no título, que “Bolsonaro mentiu dez vezes na ONU”.

O enquadramento dado pelo *Diário de Notícias* foi direto e trouxe as evidências – baseadas em agências de checagem de fatos – de que o chefe de Estado faltou com a verdade inúmeras vezes. O *DN* foi, também, o único jornal que publicou a peça no seu site no dia posterior ao discurso. Enquanto todos os outros sites publicaram em 22 de setembro de 2020, a peça do *DN* é datada de 23 de setembro.

A seguir, apresentam-se as análises de cada uma das peças produzidas pelos jornais portugueses e publicadas nas suas páginas na internet.

3.2.1. A superficialidade do *Expresso*

O semanário *Expresso* publicou em seu portal duas peças sobre o discurso de Bolsonaro na ONU. Uma delas foi da Lusa – “Bolsonaro diz que se imprensa criticou discurso na ONU é porque ‘foi bom’” – com o devido crédito à agência. Já o outro foi um compilado do primeiro dia da Assembleia Geral, com brevíssimos trechos dos discursos proferidos pelo secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres; pelo presidente norte-americano, Donald Trump; e por Bolsonaro.

A peça jornalística produzida pelo jornal *Expresso* caracteriza-se pela superficialidade. A autora (Ana França) utilizou no título a expressão “Cristofobia”, proferida por Bolsonaro. Contudo, não é fornecida qualquer explicação sobre o sentido da mesma ou sobre o sentido que lhe foi atribuído pelo presidente brasileiro.

Exclusivo

INTERNACIONAL

Negacionismo, "Cristofobia" e um dedo apontado à China. Trump e Bolsonaro já falaram na 75.^a Assembleia Geral da ONU

Figura 6 – Expresso destaca participação de Bolsonaro e Trump na ONU. Foto: reprodução.

Dos oito parágrafos da peça, dois foram destinados à declaração de Bolsonaro. A autora deu ênfase ao discurso, e quase não apresentou dados ou argumentos que pudessem ajudar o leitor a interpretar criticamente as declarações ou a perceber as informações não verdadeiras ou pouco exatas proferidas pelo presidente brasileiro, como as exemplificadas abaixo:

Bolsonaro começou por defender o trabalho do seu Governo durante a pandemia, **apesar de os brasileiros contestarem fortemente a relativa abertura que Bolsonaro foi permitindo durante estes seis meses**, defendendo sempre que a proteção da economia é o mais importante [grifo nosso] (França, 2020).

O Presidente reservou ainda um espaço para pedir a proteção do culto religioso: "É preciso acabar com a Cristofobia" (França, 2020).

O único trecho do discurso rebatido pela jornalista é relativo às divergências existentes entre a declaração de Bolsonaro sobre a proteção ambiental no Brasil e as fortes queimadas que atingiram o país nos anos de 2019 e 2020:

"Somos vítimas de uma das campanhas mais brutais da história da desinformação porque na verdade somos líderes na conservação das florestas tropicais". **Só este ano arderam três milhões de hectares no Brasil, o Estado de Israel inteiro** [grifo nosso] (França, 2020).

No terceiro semestre de 2020, período em que aconteceu a 75.^a Assembleia Geral das Nações Unidas, o *Expresso* tinha mais de 45 mil assinaturas digitais, que são leitores que pagam para ter acesso diário às notícias publicadas pelo semanário na internet. É o jornal com o maior número de assinantes, conforme a Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e

Circulação. Dessa forma, pela posição que ocupa do cenário midiático português e pela sua amplitude, o *Expresso* poderia ter produzido um texto mais robusto e analítico e que trouxesse mais informações aos seus leitores.

3.2.2. O grande resumo do *Correio da Manhã*

Conhecido por ser um jornal popular e que valoriza mais notícias policiais e de celebridades, o *Correio da Manhã* elaborou uma peça curta, de apenas quatro parágrafos. O texto deu ênfase aos trechos relacionados ao Meio Ambiente e à proteção da Amazônia e do Pantanal.

Na linha de apoio (ou “entrada”, no jornalismo português), o repórter Domingos Grillo Serrinha traz informações de que o discurso de Bolsonaro foi bastante controverso, principalmente dentro da própria estrutura do Estado. Diplomatas brasileiros, que representam uma das mais altas posições dentro do serviço público, classificaram o discurso como “delirante”.



Figura 7 – Texto do *Correio da Manhã* destacou as questões ambientais. Foto: reprodução

Nos dois primeiros parágrafos, o texto faz uma contextualização do discurso e da Assembleia Geral das Nações Unidas. Já no terceiro parágrafo, o jornalista enuncia as contradições do discurso do presidente brasileiro:

O governante brasileiro afirmou, **contrariando as imagens chocantes de paredões de fogo com dezenas de metros de altura que há meses estão a devastar a floresta**, que a Amazônia, por ser uma área húmida, não queima, e que os poucos focos de incêndio ocorrem apenas nas suas bordas e são provocados, segundo ele, por índios que usam o fogo para limpar as suas terras e não morrerem de fome [grifo nosso] (Serrinha, 2020).

No quarto e último parágrafo, o autor, mais uma vez, desmonta o discurso de Bolsonaro ao concluir que mesmo propagando a proteção ambiental, o governo brasileiro reduziu os recursos para a fiscalização:

"O Brasil desponta como o maior produtor mundial de alimentos. E, por isso, há tanto interesse em propagar desinformações sobre o nosso ambiente", acusou Bolsonaro, que, **apesar de ter literalmente desmontado todos os órgãos de fiscalização e de proteção à Natureza no Brasil**, afirmou no discurso que o seu governo tem combatido com firmeza todo o tipo de crimes ambientais e que ele tem demonstrado "tolerância zero" com quem destrói a floresta [grifo nosso] (Serrinha, 2020).

É interessante observar que o texto do *Correio da Manhã* atende ao estilo mais popular do jornal, com conteúdo mais direto e com poucos e curtos parágrafos. A peça traz mais informações e análises do que a produzida pelo *Expresso*.

3.2.3. As contradições de Bolsonaro no *Público*

O *Público* não veiculou nenhuma das peças produzidas pela Lusa na internet. O jornal produziu uma matéria com destaque às questões ambientais e trouxe no título o polémico trecho em que Bolsonaro culpa os indígenas pelos incêndios na Amazônia. Já na linha de apoio do texto, o autor da peça, João Ruela Ribeiro, enfatizou a proximidade de Bolsonaro com Trump e as acusações feitas pelo presidente brasileiro contra a Venezuela.

BRASIL

Bolsonaro responsabiliza índios por incêndios na Amazônia

No discurso de abertura da Assembleia-Geral da ONU, o Presidente brasileiro elogiou as iniciativas de Trump no Médio Oriente e fez acusações graves à Venezuela.

João Ruela Ribeiro

22 de Setembro de 2020, 15:51

Read in english

Receber notificações



Como é tradição, o Presidente brasileiro abriu a Assembleia-Geral da ONU REUTERS/ADRIANO MACHADO

Figura 8 - Público destaca trecho em que Bolsonaro culpa índios pelas queimadas. Foto: reprodução

A peça do *Público* tem onze parágrafos. Destes, seis são relacionados ao Meio Ambiente, três sobre as declarações de Bolsonaro em relação à pandemia de Covid-19, um sobre as relações internacionais brasileiras e um último para criticar o trecho em que o presidente reduz as diversidades brasileiras (religiosa e familiar).

Logo nos primeiros parágrafos, o *Público* trouxe as imprecisões de Bolsonaro sobre as políticas de seu governo na proteção ao Meio Ambiente:

O discurso de Bolsonaro coincide, também como no ano passado, **com uma grave crise ambiental que está a concentrar a atenção do mundo. Nos últimos meses, a região do Pantanal tem sido dizimada por fortes incêndios, pondo em causa não só a fauna e a flora única deste bioma, mas também a sobrevivência dos povos indígenas locais** [grifo nosso] (Ribeiro, 2020).

“Temos tolerância zero com o crime ambiental”, defendeu-se, **embora números recentes mostrem que o número de multas aplicadas pelo Ibama caiu de forma acentuada no ano passado** [grifo nosso] (Ribeiro, 2020).

O jornalista enfatizou, ainda, que o político brasileiro fez acusações contra indígenas e caboclos sem apresentar provas e evidências. Bolsonaro afirmou que são estes grupos os responsáveis por colocar fogo nas matas nativas, e não os pecuaristas, madeireiros e grandes proprietários rurais, conforme indicam estudos e reportagens⁴⁰:

No entanto, Bolsonaro apontou precisamente o dedo aos índios e aos “caboclos” pelos incêndios justificados pela “busca da sobrevivência”, **sem fornecer qualquer prova desta acusação**. “Os incêndios acontecem praticamente, nos mesmos lugares, no entorno leste da floresta, onde o caboclo e o índio queimam os seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas”, afirmou [grifo nosso] (Ribeiro, 2020).

Sobre a gestão da pandemia do novo coronavírus, o *Público*, mais uma vez, mostrou as contradições entre o discurso de Bolsonaro e a realidade enfrentada pela população e pelos profissionais de saúde:

O chefe de Estado assegurou que “não faltaram, nos hospitais, os meios para combater a pandemia”, **contrariando diversos relatos feitos pelos profissionais de saúde sobre falta de equipamentos de proteção ou camas em unidades de cuidados intensivos durante a fase mais aguda da pandemia** [grifo nosso] (Ribeiro, 2020).

O *Público* cometeu um erro ao contrapor o trecho do discurso em que Bolsonaro afirmou que o Brasil criou o programa de auxílio emergencial para combater a pobreza durante a pandemia. Segundo este diário:

Bolsonaro saudou ainda o programa de subsídios entregues à população – que descreveu como “parcelas que somam aproximadamente 1000 dólares”, **embora, na verdade, o subsídio tenha sido de 600 reais mensais (94 euros) durante três meses** – que disse ser “o maior programa de assistência no Brasil e um dos maiores do mundo” [grifo nosso] (Ribeiro, 2020).

⁴⁰ Leia mais: “Incêndios no Pantanal e na Amazônia são de origem humana, diz climatologista”. Disponível em <https://bit.ly/3dgZFWb>.

Na verdade, à época do discurso já se sabia que o tempo do subsídio de 600 reais seria de cinco meses e que ele seria prorrogado até o final de 2020 no valor de 300 reais. Mesmo assim, o valor ficaria muito aquém dos mil dólares enfatizados na ONU.

Nas relações internacionais brasileiras, o *Público* enfatizou a proximidade ideológica do Brasil com os Estados Unidos de Donald Trump, sobretudo nas críticas à Venezuela relacionadas a um derramamento de óleo na costa brasileira. Mais uma vez, o jornal mostrou que Bolsonaro jogou a culpa sem apresentar provas:

Entre elogios às iniciativas diplomáticas do homólogo norte-americano, Donald Trump, no Médio Oriente, Bolsonaro acusou directamente a Venezuela de uma “agressão”, por causa do derramamento de petróleo ao largo da costa brasileira, no ano passado. **Não foi levada a cabo qualquer investigação que tenha concluído que o barco responsável pelo derrame seja venezuelano ou, sequer, que tenha sido intencional** [grifo nosso] (Ribeiro, 2020).

No último parágrafo da peça jornalística, o *Público* faz uma forte crítica a Bolsonaro por ter minimizado as inúmeras diferenças culturais, religiosas, etc, que formam a sociedade brasileira:

Numa só frase, a fechar o seu discurso, **Bolsonaro reduziu a pó a diversidade étnica, religiosa, e política de um país de dimensões continentais**, descrevendo-o como “um país cristão e conservador” e com “a família na sua base” [grifo nosso] (Ribeiro, 2020).

Em nosso entender, apesar da crítica ser bem elaborada, o jornal poderia ter explorado mais e explicar o porquê de não concordar com a declaração de Bolsonaro, podendo, inclusive, referir a grande miscigenação que compõe o povo brasileiro e a variedade de cultos e crenças presentes no país, além das conquistas e do espaço que a comunidade LGBTQ+ conseguiu alcançar, mesmo com todo o preconceito existente.

3.2.4. *Diário de Notícias* afirma que Bolsonaro mentiu

É do *Diário de Notícias* a peça jornalística mais interessante publicada em Portugal sobre o polémico discurso de Bolsonaro na ONU. Além de reproduzir em seu site uma das matérias da Lusa (“Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater a

pandemia, com a devida assinatura”), o periódico publicou um texto do seu correspondente no Brasil, João Almeida Moreira, e afirmou – no título e sem aspas – que Bolsonaro mentiu.

The image shows a screenshot of a news article from 'Diário de Notícias'. The article title is '"Delírio", "negacionismo": Bolsonaro mentiu dez vezes na ONU'. The sub-header is 'INÍCIO / MUNDO'. The byline is 'João Almeida Moreira, São Paulo' with the date '23 Setembro 2020 — 18:28'. There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, and a plus sign. Below that is a 'TÓPICOS' section with links to 'Mundo', 'Brasil', 'Jair Bolsonaro', and 'ONU'. A 'Relacionados' section shows a small thumbnail of the same article. The main image is a large photo of Jair Bolsonaro sitting at a podium with the Brazilian flag in the background. The photo is credited to '© AFP'.

Figura 9 – Peça do DN foi produzida por correspondente no Brasil. Foto: reprodução

Nos primeiros parágrafos, o repórter contextualiza o discurso de Bolsonaro e afirma que o presidente brasileiro “mentiu, pelo menos, dez vezes nos 15 minutos em que discursou” na ONU. Antes de apresentar as 10 mentiras do chefe de Estado, a peça informa que os dados partem de duas agências brasileiras de *fact checking* (Lupa e Aos Fatos) e que dão razão às críticas recebidas pelo político.

Também antes de enumerar as 10 mentiras de Bolsonaro, o texto apresenta as críticas ao discurso por parte de políticos e especialistas:

Da direita liberal, representada por João Amoêdo, ex-candidato à presidência pelo partido Novo, para quem “o discurso de Bolsonaro seguiu o padrão”, com “algumas mentiras, transferência de responsabilidades, não reconhecimento de erros” (...) (Moreira, 2020).

À esquerda, do deputado federal pelo PSOL Marcelo Freixo. “O discurso de Bolsonaro foi uma sucessão vergonhosa de mentiras, não restam dúvidas de que ele é o pior presidente do mundo” (Moreira, 2020).

(...) Jair Bolsonaro faz na ONU uma série de afirmações fakes (ou meio verdadeiras) a respeito da política e da situação socioambiental no Brasil”, resumiu André Lima, advogado socioambientalista e colunista do site Congresso em Foco (Moreira, 2020).

Para Marcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima, “ao arrasar a imagem internacional do Brasil como está arrasando os nossos biomas, Bolsonaro prova que seu patriotismo sempre foi de fachada” (Moreira, 2020).

O Greenpeace disse em nota que “o discurso negacionista de Bolsonaro envergonha o povo brasileiro e isola o Brasil do mundo” (Moreira, 2020).

Após apresentar as opiniões expostas acima, o jornalista frisa que elas são apenas pontos de vista de políticos e ativistas que não concordam com a gestão de Bolsonaro. Na sequência, a peça assinala dez mentiras proferidas pelo chefe de Estado, de acordo com as agências de checagem.

Trecho do Discurso	Contraposições
1. "Temos a matriz energética mais limpa e diversificada do mundo", disse Bolsonaro.	Segundo levantamento do Atlas de Energia da Associação Internacional de Energia, organização vinculada à OCDE, o Brasil tinha, em 2018, 45% do suprimento de energia decorrente de fontes renováveis. O mesmo relatório mostra que há países com matrizes mais limpas , como a Islândia (89%), Moçambique (78%) e Noruega (49%), sublinha a agência Aos Fatos.
2. "A nossa floresta é húmida e não permite a propagação do fogo no seu interior. Os incêndios acontecem, praticamente, nos mesmos lugares."	Dados da Organização Não Governamental Ipam e da Nasa apresentados pela Aos Fatos indicam que os focos de incêndio que atingiram a região em 2019 aconteceram em áreas previamente desmatadas.
3. "Os focos criminosos são combatidos com rigor e determinação. Mantenho a minha política de tolerância zero com o crime ambiental."	O número de multas ambientais aplicadas pelo Ibama, órgão estatal responsável pela execução da política de meio ambiente, caiu em 34% em 2019, o menor número em 24 anos , de acordo com reportagem do jornal <i>Folha de S. Paulo</i> . Em valores financeiros, a queda foi de 43,3%.
4. "As grandes queimadas são consequências inevitáveis da alta temperatura local, somada ao acúmulo de massa orgânica em decomposição."	Segundo investigações da Polícia Federal, uma das hipóteses do aumento das queimadas no Pantanal é a ação criminosa , conforme relatado na Operação Matáá, deflagrada no dia 14, em cidades da região do Pantanal para apurar a responsabilidade criminal pelas queimadas na região. [...]

	<p>Ainda de acordo com a polícia, o dano ambiental apurado supera mais de 25 mil hectares do bioma pantaneiro. Dados consolidados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais apontam que o bioma Pantanal registrou 16 119 queimadas de 1 de janeiro a 21 de setembro deste ano, contra 5652 no mesmo período do ano passado - um aumento de 185%.</p>
<p>5. "Somos líderes em conservação de florestas tropicais."</p>	<p>Um terço da perda de florestas tropicais primárias do mundo foi registrado no Brasil, segundo dados de junho de 2020 da Global Forest Watch, organização não governamental que faz a vigilância de florestas em todo o mundo, recolhidos pela agência Lupa.</p> <p>O país está em primeiro lugar na lista dos que perderam mais floresta primária em 2019.</p>
<p>6. "Em 2019, o Brasil foi vítima de um criminoso derramamento de óleo venezuelano."</p>	<p>Até ao momento, as investigações relacionadas a um derramamento de óleo que poluiu dois mil km do litoral brasileiro não indicaram culpados.</p>
<p>7. "Desde o princípio [da pandemia], alertei que tínhamos dois problemas para resolver: o vírus e o desemprego, e que ambos deveriam ser tratados simultaneamente e com a mesma responsabilidade."</p>	<p>Em levantamento feito nas redes e nos discursos do presidente, Aos Fatos conclui que Bolsonaro não tratou as duas questões com o mesmo peso, minimizando os efeitos da covid-19.</p>
<p>8. "Por decisão judicial, todas as medidas de isolamento e restrições de liberdade foram delegadas a cada um dos 27 governadores. Ao presidente coube o envio de recursos e meios a todo o país."</p>	<p>Esta informação falsa, das mais comuns entre Bolsonaro e aliados, ignora que decisão do Supremo Tribunal brasileiro determinou que o governo federal respeitasse a autonomia de estados e municípios nas medidas de isolamento contra a covid-19, mas que o dever de combater a pandemia era partilhado por todas as instâncias do poder público, presidência, claro, acima de todas.</p>
<p>9. "E, no primeiro semestre de 2020, apesar da pandemia, verificamos um aumento do ingresso de investimentos, em comparação com o mesmo período do ano passado. Isso comprova a confiança do mundo em nosso Governo."</p>	<p>Dados do Banco Central apontados pela Aos Fatos indicam diminuição e não aumento - segundo a instituição, nos primeiros seis meses de 2019, o Brasil recebeu 66,2 mil milhões em investimentos; em 2020, registou 61,4 bilhões, cerca de 7,3% a menos.</p>
<p>10. "O Governo estimulou, ouvindo profissionais de saúde, o tratamento precoce da doença."</p>	<p>Segundo a agência Lupa, a informação é falsa. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda não existe tratamento, remédio ou vacina efetiva contra a covid-19 e as maneiras mais eficazes de proteção a si e aos outros são lavagem das mãos, uso de máscaras e distância social de pelo menos um metro.</p> <p>Sobre o uso da cloroquina e hidroxicloroquina, a que Bolsonaro aludia, a OMS diz que as evidências</p>

	disponíveis sobre os seus benefícios são "insuficientes" e que há efeitos colaterais a ter em conta.
--	--

Quadro 2: As 10 mentiras de Jair Bolsonaro, segundo o *Diário de Notícias*. Fonte: elaboração própria.

O discurso utilizado pelo jornalista ao contrapor 10 inverdades ditas por Bolsonaro na 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas foi claro e direto e sempre utilizou argumentos baseados em dados e informações de órgãos oficiais. Vale ressaltar que foram utilizados materiais de duas agências de checagem de fatos. Assim, ao afirmar que Bolsonaro “mentiu” – inclusive no título desta peça jornalística – o repórter acaba por proteger-se de críticas, uma vez que tem o suporte de especialistas.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho procurou dar-se respostas à pergunta de partida desta dissertação: “Quais os enquadramentos e os discursos produzidos pela imprensa escrita portuguesa sobre a conferência do presidente brasileiro Jair Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas?”. O polémico discurso do político foi noticiado em inúmeros órgãos de comunicação de Portugal em quase todos os meios (jornais impressos e *online*, televisões, rádios e portais de notícia) e para esta dissertação foram selecionadas para análise as peças produzidas pelos maiores jornais generalistas do país (*Jornal de Notícias*, *Expresso*, *Correio da Manhã*, *Público* e *Diário de Notícias*) e pela agência Lusa, que é a maior produtora de conteúdo para os órgãos de comunicação. Ao total, foram analisados 10 textos.

A agência Lusa produziu seis peças jornalísticas. Com base nos títulos, três destes materiais tiveram foco no discurso de Bolsonaro na ONU. São elas: “Covid-19: Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater a pandemia”, “Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha brutal de desinformação sobre Amazónia” e “Bolsonaro elogia Trump e diz que aproximação com Israel e árabes é nova política do Brasil”.

Cada uma destas peças é sobre um assunto: pandemia de Covid-19, Meio Ambiente e política externa. As duas primeiras apresentam várias contraposições ao discurso de Bolsonaro. Por exemplo, quando o presidente brasileiro declarou que o governo investiu no tratamento precoce com a hidroxicloroquina, o texto informou que o medicamento não tem eficácia comprovada contra a Covid-19 e é usado para outras doenças. Quando o político negou os incêndios florestais, a peça contrapôs e afirmou que o discurso contrariou especialistas em meio ambiente e a ciência. Já o texto sobre política externa foi raso, pois não trouxe o contraditório e as explicações necessárias, como, por exemplo, o alinhamento ideológico de Bolsonaro com Donald Trump (então presidente dos Estados Unidos) não se refletir em um aumento das relações comerciais entre os dois países⁴¹.

Em outras duas peças, a Lusa deu destaque às críticas sofridas por Bolsonaro: “Políticos acusam Bolsonaro de ‘mentir’ na ONU sobre auxílio durante pandemia” e “ONG consideram ‘delirante’ e ‘constrangedor’ discurso do Presidente do Brasil na ONU”. Os dois textos foram

⁴¹ Revista Veja: Comércio entre Brasil e EUA atinge pior marca em 11 anos, disponível em <https://veja.abril.com.br/economia/comercio-entre-brasil-e-eua-atinge-pior-marca-em-11-anos/>.

feitos apenas com notas e comunicados emitidos pelas fontes em seus *sites* ou nas redes sociais, em particular o microblog *Twitter*.

Destaca-se, neste ponto, a importância que as redes sociais ganharam para a produção de conteúdo jornalístico e a dinamização da circulação da informação. Para Gabriela Zago, o *Twitter* “pode por vezes servir como fonte de notícias, como quando frases ditas por políticos ou celebridades na ferramenta servem de pauta para a produção de notícias em um determinado veículo” (2011: 62). A pesquisadora afirma, também, que um dos grandes diferenciais do microblog é que “os jornalistas dispõem de um meio para acompanhar o que dizem famosos e políticos o tempo todo, sem precisar sair da redação” (Zago, 2011: 63).

A sexta peça da Lusa é a que dá título a este trabalho: “Bolsonaro diz que se imprensa criticou discurso na ONU é porque ‘foi bom’”. A agência deu destaque a mais uma crítica de Bolsonaro aos órgãos de comunicação. Conhecido pelos ataques constantes aos jornalistas, o presidente brasileiro é classificado como um “Predador” pela Organização Não-Governamental Repórteres sem Fronteiras. Em 2021, entre 180 países classificados pela ONG, o Brasil ocupa a 111.^a posição no ranking de liberdade de imprensa. Dados como estes não foram abordados pela peça produzida pela Lusa e poderiam ser utilizados para contextualizar o constante conflito existente entre a imprensa e Bolsonaro.

Em um contexto geral, os enquadramentos escolhidos pela Lusa para dar manchete à conferência de Jair Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU privilegiaram os assuntos mais polêmicos do discurso do presidente brasileiro. Mesmo nas três peças que tiveram foco nas declarações do político, a polêmica deu-se porque é de notório conhecimento que o Brasil não lidou bem com as questões envolvendo a pandemia de Covid-19 (sendo que em julho de 2021 mais de 550 mil brasileiros perderam a vida por complicações decorrentes do vírus) e trabalhou pouco para controlar as queimadas nas matas e florestas do País (dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais apontam que, em 2020, o Brasil registrou o maior número de focos de queimadas da última década). Estes dois assuntos foram (e são) notícias constantes nos órgãos de comunicação do mundo.

Das seis peças produzidas pela agência noticiosa, em quatro Bolsonaro foi apresentado como negacionista (ou cético) em relação à pandemia ou às queimadas. Quando o presidente brasileiro foi acusado de “mentir”, a Lusa usou aspas neste verbo e suas variações para deixar claro que esta era a opinião das fontes. Quando não usou a palavra “mentir”, a agência mostrou

que Bolsonaro faltou com a verdade ao apresentar dados que o contradiziam, como no exemplo do valor do auxílio emergencial.

Em um contexto geral, os materiais produzidos pela Lusa seguem o “Livro de Estilo” do órgão: clareza, escrita viva e rigorosa (com frases curtas e diretas) e isenção. O tamanho das matérias também é limitado, em torno dos três mil caracteres, e isso contribuiu para que várias peças tenham sido escritas sobre o fato.

Em relação aos jornais, com exceção do *Diário de Notícias*, os outros três títulos – *Expresso*, *Correio da Manhã* e *Público* – também não afirmaram diretamente que Jair Bolsonaro “mentiu”. Em todas as vezes que as declarações do presidente brasileiro foram indicadas como sendo inverdades, foram apresentados fatos. Apenas o *DN* afirmou que o político mentiu e esta afirmação foi estampada no título da peça jornalística e, também, na primeira linha do texto: “Jair Bolsonaro mentiu, pelo menos, dez vezes [...]” (Moreira, 2020). O *Diário de Notícias* ainda apresentou no título a palavra “negacionista”, mas com aspas.

O *Expresso*, por sua vez, trouxe a palavra “negacionista” no título sem aspas: “Negacionismo, ‘Cristofobia’ e um dedo apontado à China. Trump e Bolsonaro já falaram na 75.^a Assembleia Geral da ONU”. No entanto, no título não ficou claro a quem se referia diretamente, já que os dois líderes são conhecidos por negarem fatos.

Nos títulos do *Público* e do *Correio da Manhã* a ênfase foi dada às questões ambientais. Enquanto o primeiro indicou claramente os problemas da floresta (“Bolsonaro responsabiliza índios e caboclos por incêndios na Amazônia”), o segundo fez uma chamada bastante geral do assunto sem mencionar o tema no título, mas que foi explicado no primeiro parágrafo (“‘Brasil é vítima de desinformação e de interesses’, diz Bolsonaro na ONU”).

Em seu discurso, Bolsonaro abordou sete temas. São eles: pandemia de Covid-19 (ações do governo, crítica à mídia e à oposição), economia e política econômica do governo brasileiro, meio ambiente, Direitos Humanos (refugiados venezuelanos e imigração), relações comerciais internacionais, liberdades pessoais (ordem democrática e liberdade religiosa) e relações internacionais.

Os temas mais recorrentes nos textos da agência e dos jornais foram a gestão da pandemia, os problemas envolvendo o meio ambiente e a relação destes com a economia brasileira. O breve trecho em que Bolsonaro trata dos Direitos Humanos e da recepção a mais de 400 mil refugiados venezuelanos foi citado apenas em uma peça, que foi produzida pela Lusa.

A “crisofobia”, mencionada pelo presidente brasileiro, ao se referir às liberdades religiosas, foi reportada apenas pelo *Expresso*, inclusive no título, e por uma peça produzida pela Lusa. Contudo, enquanto o semanário se limitou a reproduzir, a agência destacou que a declaração foi confusa e que não ficou contextualizada, já que Bolsonaro não mencionou “exatamente ao que se referia”.

Nos jornais, o ataque de Bolsonaro à imprensa durante o discurso foi registrado apenas no *Público* e no *Expresso*. Contudo, os dois jornais se limitaram a parafrasear o presidente brasileiro – que declarou que os órgãos de comunicação contribuíram para “espalhar o pânico” durante a pandemia – sem realizar nenhuma análise, assim como a Lusa.

Há, ainda, três pontos importantes a se ressaltar: 1) a ausência de material próprio do *Jornal de Notícias* e a falta de identificação da agência que produziu o conteúdo disponibilizado pelo periódico aos seus leitores; 2) os jornais *Público* e *Correio da Manhã* não utilizaram nenhuma das seis peças produzidas pela Lusa; e 3) o *Diário de Notícias* foi o único que produziu um material no dia seguinte ao fato e, por consequência, foi um texto mais analítico em que apontou as dez “mentiras” de Bolsonaro na 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas.

Por fim, seguindo os parâmetros de Rothberg (2010), ao analisar as peças jornalísticas, verificou-se que a agência de notícias Lusa e os textos dos quatro jornais que produziram materiais próprios utilizaram, predominantemente, os enquadramentos *episódicos* e de *conflitos*. O primeiro porque o que foi retratado foi um fato, um episódio, que foi o discurso de Bolsonaro na ONU. O segundo, porque todas as peças fizeram, também, uma análise e verificaram as contradições da manifestação do líder político brasileiro.

As dez peças analisadas também preferiram o enquadramento *noticioso* ao *interpretativo*. Assim, elas deram mais destaque ao acontecimento e não à interpretação deste fato, seguindo o modelo de Mauro Porto (2002). Até mesmo o texto do *Diário de Notícias* – foi publicado no dia seguinte ao discurso na ONU e que apresenta vários pontos falhos do discurso de Bolsonaro – apresenta um caráter muito mais *noticioso* que *interpretativo*.

Portanto, conclui-se que os enquadramentos apresentados e os discursos utilizados para se referir às declarações de Bolsonaro na ONU reforçam a ideia de um líder político polêmico, que nega os problemas ambientais do Brasil, que minimizou os efeitos da pandemia de Covid-19 desde o início e que faz declarações não comprometidas com a verdade e com muitas inconsistências, pois os próprios dados oficiais do governo brasileiro podem ser utilizados para rebater as declarações do chefe de Estado. Ou seja, os enquadramentos dados pela imprensa

portuguesa reverberaram não só o tom polêmico da participação de Bolsonaro na abertura da 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas, mas reafirmaram o quão controverso é o político brasileiro enquanto personalidade pública e líder de um governo.

Referências

- “Sou a favor da tortura”, diz Bolsonaro (2011). TV UOL. Consultado a 5 de julho de 2021 em <https://tvuol.uol.com.br/video/sou-a-favor-da-tortura-diz-bolsonaro-04020C9A3072D0810326/10>.
- ‘Sou homofóbico, sim, com muito orgulho’, diz Bolsonaro em vídeo. *Catraca Livre*. Consultado a 8 de julho de 2021 em <https://catracalivre.com.br/cidadania/sou-homofobico-sim-com-muito-orgulho-diz-bolsonaro-em-video/>.
- Afonso, A. (2014). *Rotinas, jornalistas e fontes na era digital: o caso da agência Lusa*. Relatório de estágio de mestrado. Escola Superior de Comunicação Social. Consultado a 11 de julho de 2021 em <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/4396>.
- Antunes, E. (2009). Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. *Revista Galáxia*, São Paulo, nº 18, 85-99.
- Avritzer, L. (2020). A crise da democracia e a ascensão do populismo de direita no Brasil. In A. Pinto, F. Gentile (Orgs). *Populismo: teoria e casos* (pp. 145-156).
- Barrucho, L. (2016). 'Enquanto me dava choques, Ustra me batia com cipó e gritava', diz torturado aos 19 anos. *BBC News Brasil*. Consultado a 7 de julho de 2021 em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419_torturado_ustr_bolsonaro_lgb.
- Benetti, M. (2007). A ironia como estratégia discursiva da revista Veja. *Líbero*. Ano X, nº 20, 37-46.
- Boadle, A. (2020). Brazil's Bolsonaro blames indigenous people for Amazon fires in U.N. speech. *Reuters*. Consultado a 15 de dezembro de 2020 em <https://www.reuters.com/article/idUSKCN26D26Q>.
- Bolsonaro afirma que vai "erradicar o comunismo" do Brasil. *Lusa*. Consultado a 8 de julho de 2021 em <https://www.tsf.pt/mundo/bolsonaro-afirma-que-vai-erradicar-o-comunismo-do-brasil-12979568.html>.
- Bolsonaro ameaça jornalista: 'Minha vontade é encher tua boca na porrada'. *Fantástico - G1*. Consultado a 8 de julho de 2021 em <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/08/23/bolsonaro-ameaca-jornalista-minha-vontade-e-enchere-tua-boca-na-porrada.ghtml>.
- Bolsonaro denuncia en la ONU una "brutal campaña" contra su política ambiental (2020). *Afência EFE*. Consultado a 15 de janeiro de 2021 em <https://www.efe.com/efe/america/mundo/bolsonaro-denuncia-en-la-onu-una-brutal-campana-contra-su-politica-ambiental/20000012-4349120>.
- Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha "brutal" de desinformação sobre Amazônia (2020, setembro 22). *Jornal de Notícias*. Consultado a 10 de janeiro de 2021 em <https://www.jn.pt/mundo/bolsonaro-diz-que-brasil-e-vitima-de-campanha-brutal-de-desinformacao-sobre-amazonia-12748859.html>.

- Bolsonaro e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG. *G1*. Consultado a 8 de julho de 2021 em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/25/bolsonaro-e-os-filhos-fizeram-469-ataques-jornalistas-e-veiculos-de-imprensa-em-2020-diz-ong.ghtml>.
- Bolsonaro já defendeu tortura para quem pediu para ficar em silêncio em CPI; assista. *Poder360*. Consultado a 2 de julho de 2021 em <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-ja-defendeu-tortura-para-quem-pediu-para-ficar-em-silencio-em-cpi/>.
- Bolsonaro, F. (2017). *Jair Messias Bolsonaro: mito ou verdade*. Rio de Janeiro. Editora Altadena.
- Bolsonaro, J. (2016). Sessão deliberativa. Câmara dos Deputados do Brasil. Brasília, 17 abr. 2016. Transcrição da autora. Consultado a 23 de julho de 2021 em <https://www.youtube.com/watch?v=V-u2jD7W3yU&t=14417s>.
- Bolsonaro: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. *Fórum*. Consultado a 6 de julho de 2021 em <https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-eu-tenho-5-filhos-foram-4-homens-a-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-e-veio-uma-mulher-3/>.
- Bolsonaro: “Quilombola não serve nem para procriar”. *Congresso em Foco*. Consultado a 7 de julho de 2021 em <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>.
- Bourdieu, P. (2007). A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In Bourdieu, P. *O poder simbólico*. Bertrand Brasil, 163-207.
- Bourdieu, P. (2011). O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (5), 193-216. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000100008>.
- Calgaro, F. (2014). Bolsonaro repete que não estupra deputada porque ela ‘não merece’. *G1*. Consultado a 06 de agosto de 2021 em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-repete-que-nao-estupra-deputada-porque-ela-nao-merece.html>.
- Carvalho, C. (2009). *O Enquadramento como Conceito Desafiador à Compreensão do Jornalismo* [Comunicação Oral]. Trabalho apresentado no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Brasil.
- Carvalho, L. (2019). *O cadete e o capitão: A vida de Jair Bolsonaro no quartel*. São Paulo. Todavia.
- Carvalho, M.; Dávila, S. (2020). Carta aos leitores do PÚBLICO e da Folha de S. Paulo. *Público*. Consultado a 18 de julho de 2021 em <https://www.publico.pt/2020/07/09/opiniao/editorial/carta-leitores-publico-folha-spaulo-1923602>.

- Castanheira, J. (2013). A História de 2080 semanas. *Expresso*. Consultado a 16 de julho de 2021 em https://expresso.pt/site_expresso_40_anos/a-historia-de-2080-semanas=f777795.
- Chalaby, J. (2003). O Jornalismo como invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). *Media & Jornalismo*, (3), 29-50.
- Cinco anos depois do ataque ao 'Charlie Hebdo'. *El País*. Consultado a 13 de fevereiro de 2021 a https://brasil.elpais.com/brasil/2020/01/06/album/1578323601_796219.html#foto_gal_3.
- Conheça a trajetória de Jair Messias Bolsonaro (s.d.). *Planalto*. Consultado a 5 de julho de 2021 em <https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/biografia-do-presidente>.
- Dias, D. (2015). Charlie Hebdo: Paris acolhe a grande Marcha Republicana. *EuroNews*. Consultado a 13 de fevereiro de 2021 em <https://pt.euronews.com/2015/01/11/charlie-hebdo-paris-prepara-se-para-a-grande-marcha-republicana>.
- Dias, M. (2020). Sem apresentar provas, Bolsonaro diz que houve fraude eleitoral e que foi eleito no 1º turno. *Folha de S.Paulo*. Consultado a 5 de julho de 2021 em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/sem-apresentar-provas-bolsonaro-diz-que-houve-fraude-eleitoral-e-que-foi-eleito-no-1o-turno.shtml>.
- Dibai, P. (2018). *A direita radical no Brasil pós-redemocratização: o caso de Jair Bolsonaro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Consultado a 2 de julho de 2021 em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28473>.
- Entman, R. (1993). Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, New York, 43 (4), 51-58.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. 3ª edição. São Paulo. Edições Loyola.
- França, A. (2020, setembro 22). Negacionismo, "Cristofobia" e um dedo apontado à China. Trump e Bolsonaro já falaram na 75.ª Assembleia Geral da ONU. *Expresso*. Consultado a 10 de janeiro de 2021 em <https://expresso.pt/internacional/2020-09-22-Negacionismo-Cristofobia-e-um-dedo-apontado-a-China.-Trump-e-Bolsonaro-ja-falaram-na-75.-Assembleia-Geral-da-ONU>.
- Franciscato, C. (2004). Contornos do jornalismo contemporâneo. In Franciscato, C. *A fabricação do presente*. Aracaju: UFS, 164-173.
- Gentile, F. (2020). Populismo e ciências sociais brasileiras: desafios teóricos e metodológicos In A. Pinto, F. Gentile (Orgs). *Populismo: teoria e casos* (pp. 76-90).
- Gomes, J. (2020). A imprensa diária do Porto na Ditadura Militar (1926-1927). In Baptista, C; Sousa, P. (Orgs). *Para uma história do Jornalismo em Portugal* (pp. 161-178). Consultado a 14 de julho de 2021 em <https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2020/05/Para-uma-histo%CC%81ria-do-jornalismo-em-Portugal-2020.pdf>.

- Gomes, P. (2012). A Imprensa na Revolução portuguesa: o caso do Diário de Notícias (1974-1975) In *Estudos em Jornalismo e Mídia* (pp.368-382). Vol. 9 Nº 2 – Julho a Dezembro de 2012. Consultado em 17 de julho de 2021 em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p368/23352>.
- Gomes, P. (2020). Jornais e lutas políticas na Revolução de Abril. IN *Revista de História da Sociedade e da Cultura* (pp. 299-319). Consultado a 18 de julho de 2021 em <https://impactum-journals.uc.pt/rhsc/article/view/7153/6991>.
- Gomes, W. (2011). O que há de comunicação na comunicação política. In Gomes, W. *Transformação da política na era da comunicação de massa*. São Paulo, Paulus, 41-82.
- Gonçalves, T. (2005). A Abordagem do Enquadramento nos Estudos do Jornalismo. *Caleidoscópio - Revista de Comunicação e Cultura*, n. 5/6, Lisboa.
- Gradim, A. (2016). *Framing*, o enquadramento das notícias. Livros Horizonte, Lda.
- Irajá, V. (2020). Comércio entre Brasil e EUA atinge pior marca em 11 anos. *Veja*. Acessado em 25 de julho de 2021 em <https://veja.abril.com.br/economia/comercio-entre-brasil-e-eua-atinge-pior-marca-em-11-anos/>.
- Jair Bolsonaro - Biografia. Consultado a 5 de julho de 2021 em <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>.
- Jair Bolsonaro chama jornalista da RedeTV! de "idiota" e "analfabeta". *Na Telinha - Uol*. Consultado a 8 de julho de 2021 em <https://natelinha.uol.com.br/noticias/2014/04/02/jair-bolsonaro-chama-jornalista-da-redetv-de-idiota-e-analfabeta-73476.php>.
- Jair Bolsonaro terá de pagar R\$ 150 mil por declaração homofóbica. *Estadão Conteúdo - Jornal do Comércio*. Consultado a 7 de julho de 2021 em https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/11/politica/595701-jair-bolsonaro-tera-de-pagar-r-150-mil-por-declaracao-homofobica.html.
- Jair Messias Bolsonaro - Biografia. CPDOC-FGV. Consultado a 6 de julho de 2021 em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-messias-bolsonaro>.
- Jorge, C. (2013). *A Agência Lusa como fonte na imprensa escrita generalista portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa. Consultada a 13 de julho de 2021 em https://run.unl.pt/bitstream/10362/12082/1/tese_final_corrigida.pdf.
- Lima, H. (2008). *Os Diários Portuenses e os Desafios da Actualidade na Imprensa: Tradição e rupturas*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto. Consultado a 14 de julho de 2021 em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/25675/2/tesedouthelenalima000104548.pdf>.
- Lima, H. (2018). O Jornal de Notícias: tradição e evolução para o modelo de imprensa popular In Sousa, J. (Org.) *Notícias em Portugal – Estudos sobre a imprensa informativa* (séculos XVI-XX) (pp. 239-251). Consultado a 15 de julho de 2021 em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/119339/2/320367.pdf>.

- Lusa (2007). Agências de Notícias de Portugal - Portuguese News Agency. Lisboa: Lusa - Agência de Notícias de Portugal S.A.
- Lusa (2019). *Livro de Estilo*. Consultado a 11 de julho de 2021 em <https://www.lusa.pt/Files/lusamaterial/PDFs/LivroEstilo.pdf>.
- Lusa (2020a). Bolsonaro diz que se imprensa criticou discurso na ONU é porque "foi bom". <https://www.lusa.pt/article/NeM6u3aM5aCVKnFVba85qDMSZM5iuSI1/bolsonaro-diz-que-se-imprensa-criticou-discurso-na-onu-%C3%A9-porque-foi-bom>.
- Lusa (2020b). Covid-19: Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater a pandemia. Consultado a 15 de dezembro de 2020 em <https://www.lusa.pt/article/REJIV7nS2UKG2nUDQaXsHjMSZM5iuSI1/covid-19-bolsonaro-diz-na-onu-que-agiu-de-forma-arrojada-para-combater-a-pandemia>.
- Lusa (2020c). Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha brutal de desinformação sobre Amazônia. Consultado a 15 de dezembro de 2020 em <https://www.lusa.pt/article/REJIV7nS2UI~yghaObhmKDMSZM5iuSI1/bolsonaro-diz-que-brasil-%C3%A9-v%C3%ADtima-de-campanha-brutal-de-desinforma%C3%A7%C3%A3o-sobre-amaz%C3%B3nia>.
- Lusa (2020d). Políticos acusam Bolsonaro de "mentir" na ONU sobre auxílio durante pandemia. Consultado a 15 de dezembro de 2020 em https://www.lusa.pt/article/REJIV7nS2UL8s_ECpc1VyDMSZM5iuSI1/pol%C3%ADticos-acusam-bolsonaro-de-mentir-na-onu-sobre-aux%C3%ADlio-durante-pandemia.
- Lusa (2020e). ONG consideram "delirante" e "constrangedor" discurso do Presidente do Brasil na ONU. Consultado a 15 de dezembro de 2020 em <https://www.lusa.pt/article/REJIV7nS2UIgr5raAV2NpjMSZM5iuSI1/ong-consideram-delirante-e-constrangedor-discurso-do-presidente-do-brasil-na-onu>.
- Lusa (2020f). Bolsonaro elogia Trump e diz que aproximação com Israel e árabes é nova política do Brasil. Consultado a 15 de dezembro de 2020 em <https://www.lusa.pt/article/REJIV7nS2UJc~lPaqEWT7DMSZM5iuSI1/bolsonaro-elogia-trump-e-diz-que-aproxima%C3%A7%C3%A3o-com-israel-e-%C3%A1rabes-%C3%A9-nova-pol%C3%ADtica-do-brasil>.
- Mangana, R. (2018). O enquadramento jornalístico e a construção de identidades: a Europa e os refugiados. In M. Oliveira & S. L. Évora (Eds.), *Livro de atas do XII Congresso da Lusocom – Cibercultura, regulação mediática e cooperação* (38-45). Braga: CECS.
- Mar, D. (2015). *A Agência Lusa e as eleições nos países Lusófonos*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra. Consultado a 14 de julho de 2021 em <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/29663/1/TESE%20DEFINITIVA.pdf>.
- Marini, L. (2018). Em 27 anos de Câmara, Bolsonaro prioriza militares e ignora saúde e educação. *Congresso em Foco*. Consultado a 5 de julho de 2021 em <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/na-camara-bolsonaro-prioriza-militares-e-ignora-saude-e-educacao>.

- Media Kit Correio da Manhã. Consultado a 18 de de julho de 2021 em <http://www.cofinadigital.pt/media/correio-da-manha>.
- Media Kit Diário de Notícias. Consultado em 18 de julho de 2021 em http://publicidade.dn.pt/files/2019/01/MEDIA_KIT_DN_JAN_2019.pdf.
- Media Kit Jornal de Notícias. Consultado a 18 de de julho de 2021 em http://publicidade.jn.pt/files/2019/02/MEDIA_KIT_JN_JAN_2019.pdf.
- Media Kit Público. Consultado a 18 de de julho de 2021 em https://comunique.publico.pt/publicidade/mediakit_2019_final.pdf.
- Meditsch, E. (1997). *O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?* In Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Consultado a 13 de abril de 2021 em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>.
- Melo, I. (2009). Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Ano 5, nº 11.
- Mendonça, A. (2021). TikTok e política: como Renan Bolsonaro, o '04', virou fenômeno nas redes. *Estado de Minas*. Consultado a 6 de julho de 2021 em https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/07/interna_politica,1274288/tiktok-e-politica-como-renan-bolsonaro-o-04-virou-fenomeno-nas-redes.shtml
- Mendonça, H. (2019). Negros são maioria nas universidades públicas do Brasil pela primeira vez. *El País Brasil*. Consultado a 7 de julho de 2021 em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039_261472.html.
- Mesquita, M (2004). Percepções Contemporâneas do Poder dos Media. In Mesquita, M. *O quarto equívoco - O poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 71-88.
- Milz, T. (2020). Opinião: Bolsonaro gosta de ser um negacionista. *DW*. Consultado a 10 de janeiro de 2021 em <https://www.dw.com/pt-br/opini%C3%A3o-bolsonaro-gosta-de-ser-um-negacionista/a-55019193>.
- Molinos, M.; Marques, N.; Ferreira, P. (2006). Dez anos de jornalismo digital no Jornal de Notícias. In *Comunicação E Sociedade*, 9(10), 141-146. [https://doi.org/10.17231/comsoc.9\(2006\).1162](https://doi.org/10.17231/comsoc.9(2006).1162).
- Moraes, C. (2018). *Noções teóricas para pensar o enquadramento discursivo* [Comunicação oral]. Trabalho apresentado no 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). São Paulo, Brasil.
- Moreira, J. (2020, setembro 23). "Delírio", "negacionismo": Bolsonaro mentiu dez vezes na ONU. *Diário de Notícias*. Consultado a 10 de janeiro de 2021 em <https://www.dn.pt/mundo/delirio-negacionismo-bolsonaro-mentiu-10-vezes-na-onu--12753066.html>.

- Moura, M. (2008) *Memória discursiva em Foucault e acontecimento jornalístico*. Texto da Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade Beira Interior.
- Nunes, M. (2002). *As origens da imprensa de massas em Portugal: o Diário de Notícias (1864-1889)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora. Consultado a 17 de julho de 2021 em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/15086>.
- Orlandi, E. (2001). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas. Pontes
- Orlandi, E. (2005). Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. *Estudos da Lingua(gem)*, nº 1, 9-13.
- Pacheco, N. (2018). No princípio eram zeros. E assim nasceu um jornal. *Público*. Consultado a 18 de julho de 2021 em <https://www.publico.pt/2018/03/05/sociedade/noticia/no-principio-eram-zeros-e-assim-nasceu-um-jornal-1805157>.
- Pereira, M. (2018). Crise económica e financeira: o enquadramento da sétima avaliação da troika ao Programa de Ajustamento Económico e Financeiro português (PAEF) no Jornal Negócios. *Estudos em Comunicação*, 1 (26), 119-150.
- Pinto, A. (2021). *O Regresso das Ditaduras*. Lisboa. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Porto, M. (2002) *Enquadramentos da Mídia e Política* [Comunicação oral]. Trabalho apresentado no 26º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu, Brasil.
- Predator: Jair Bolsonaro (s.d.). *Repórteres sem Frotas*. Acessado a 29 de julho de 2021 em <https://rsf.org/pt/predator/jair-bolsonaro>.
- Prudente, E. (2020). Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra. *Jornal da USP*. Consultado a 7 de julho de 2021 em <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>.
- Pupo, A. (2019). Bolsonaro: família é homem e mulher porque está na Constituição e na Bíblia. *Uol*. Consultado a 5 de julho de 2021 em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/08/10/bolsonaro-familia-e-homem-e-mulher-porque-esta-na-constituicao-e-na-biblia.htm>.
- Relatório e Contas 2020. *Lusa*. Consultado a 15 de julho de 2021 em https://www.lusa.pt/Files/lusamaterial/PDFs/Lusa_Relatorio_e_Contas2020.pdf.
- Ribeiro, A.; Barbosa, B.; Menezes, L.; Pacheco, P.; Ely, D. (2020). O que é e o que não é fato no discurso de Bolsonaro na abertura da Assembleia Geral da ONU. *Aos Fatos*. Consultado a 20 de junho de 2021 em <https://www.aosfatos.org/noticias/o-que-e-e-o-que-nao-e-fato-no-discurso-de-bolsonaro-na-abertura-da-assembleia-geral-da-onu/>.
- Ribeiro, J. (2020, setembro 22). Bolsonaro responsabiliza índios por incêndios na Amazônia. *Público*. Consultado a 10 de janeiro de 2021 em

<https://www.publico.pt/2020/09/22/mundo/noticia/bolsonaro-responsabiliza-indios-incendios-amazonia-1932459>.

Rothberg, D. (2010). O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In Christofolletti, R. (Org.). *Vitrine e vidraça: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo*. Covilhã, Livros LabCom.

Serra, L. (2018). *O jornal: um (possível) ator político? A Política no Expresso*. Relatório de Estágio de Mestrado. Escola Superior de Comunicação Social. Consultado a 17 de julho de 2021 a <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/9449>.

Serrinha, D. (2020, setembro 22). "Brasil é vítima de campanha de desinformação e de interesses", diz Bolsonaro na ONU. *Correio da Manhã*. Consultado a 10 de janeiro de 2021 em https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/brasil-e-vitima-de-campanha-de-desinformacao-e-de-interesses-diz-bolsonaro-na-onu?ref=Mais%20Sobre_BlocoMaisSobre.

Silveira, P. Marôpo, L. (2014). Jornalismo e construção social da realidade: um contributo para o debate teórico. *Revista Comunicando*, Vol. 3, 7-19.

Teixeira, C. (2004). "Correio da Manhã": o jornal que nasceu para responder às preocupações do "homem da rua". *Público*. Consultado a 16 de julho de 2021 em <https://www.publico.pt/2004/03/19/portugal/noticia/correio-da-manha-o-jornal-que-nasceu-para-responder-as-preocupacoes-do-homem-da-rua-1188980>.

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo*, porque as notícias são como são. Florianópolis, Insular.

Treze frases de Bolsonaro de natureza sexual e machista. *Congresso em Foco*. Consultado a 5 de julho de 2021 em <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/treze-frases-de-bolsonaro-de-natureza-sexual-e-machista/>.

Tuchman, G. (1978). News as frame. In Tuchman, G. *Making news: A study in the construction of reality*. New York: The Free Press, 1-14.

UN General Assembly: US-China tensions flare over coronavirus (2020). *BBC*. Consultado a 15 de janeiro de 2021 em <https://www.bbc.com/news/world-54253408>.

UNESCO (1953). *News agencies: their structure and operation*. Consultado a 11 de julho de 2021 em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000073446>.

Valadares, M. (2013). *A democracia na imprensa popular portuguesa*. Tese de Doutoramento. Universidade de Coimbra. Consultado em 14 de julho de 2021 em <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/24266/1/Democracia%20na%20Imprensa%20Popular%20Portuguesa.pdf>.

Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na 75ª Assembleia Geral da ONU (2020). *Agência Brasil*. Consultado a 15 de dezembro de 2020 em

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-09/veja-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-75a-assembleia-geral-da-onu>.

Votação eletrônica é realidade em mais de 30 países. *Tribunal Superior Eleitoral*. Consultado a 5 de julho de 2021 em <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Marco/votacao-eletronica-e-realidade-em-mais-de-30-paises>.

Withnall, A. (2015). Paris march: TV wide shots reveal a different perspective on world leaders at largest demonstration in France's history. *Independent*. Consultado a 13 de fevereiro de 2021 em <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/paris-march-tv-wide-shots-reveal-different-perspective-world-leaders-largest-demonstration-france-s-history-9972895.html>.

Zago, G. (2011). O Twitter como fonte para o jornalismo. *Animus*. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, 10(20). Consultado em 18 de julho de 2021 em <https://doi.org/10.5902/217549772786>.

ANEXOS



Política

Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na 75ª Assembleia Geral da ONU

Presidente fez discurso de abertura; edição deste ano é virtual



Publicado em 22/09/2020 - 12:53 Por Agência Brasil - Brasília

O presidente Jair Bolsonaro fez hoje (22) o discurso de abertura da 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU). Por causa da pandemia do novo coronavírus, a edição deste ano é virtual.

Um dos principais temas do discurso do presidente brasileiro foi o meio ambiente. Bolsonaro **disse que há interesses comerciais** por trás das notícias sobre queimadas e desmatamentos no Brasil e destacou o rigor da legislação ambiental brasileira.

No discurso, o presidente também falou sobre as ações de combate à covid-19 e enumerou as medidas econômicas adotadas pelo governo para enfrentar os efeitos da pandemia. Entre as ações, citou o pagamento do auxílio emergencial.

"[O governo] concedeu auxílio emergencial em parcelas que somam aproximadamente US\$ 1 mil para 65 milhões de pessoas, o maior programa de assistência aos mais pobres no Brasil e talvez um dos maiores do mundo", disse.

Leia a íntegra do discurso:

"Senhor secretário-geral da ONU, António Guterres, a quem tenho a satisfação de cumprimentar em nossa língua-mãe;

Chefes de Estado, de governo e de delegação;

Senhoras e senhores,

É uma honra abrir esta assembleia com os representantes de nações soberanas, num momento em que o mundo necessita da verdade para superar seus desafios.

A covid-19 ganhou o centro de todas as atenções ao longo deste ano e, em primeiro lugar, quero lamentar cada morte ocorrida.

Desde o princípio, alertei, em meu país, que tínhamos dois problemas para resolver: o vírus e o desemprego, e que ambos deveriam ser tratados simultaneamente e com a mesma responsabilidade.

Por decisão judicial, todas as medidas de isolamento e restrições de liberdade foram delegadas a cada um dos 27 governadores das unidades da Federação. Ao presidente, coube o envio de recursos e meios a todo o país.

Como aconteceu em grande parte do mundo, parcela da imprensa brasileira também politizou o vírus, disseminando o pânico entre a população. Sob o lema “fique em casa” e “a economia a gente vê depois”, quase trouxeram o caos social ao país.

Nosso governo, de forma arrojada, implementou várias medidas econômicas que evitaram o mal maior:

- Concedeu auxílio emergencial em parcelas que somam aproximadamente US\$ 1 mil para 65 milhões de pessoas, o maior programa de assistência aos mais pobres no Brasil e talvez um dos maiores do mundo;
- Destinou mais de US\$ 100 bilhões para ações de saúde, socorro a pequenas e microempresas, assim como compensou a perda de arrecadação dos estados e municípios;
- Assistiu a mais de 200 mil famílias indígenas com produtos alimentícios e prevenção à covid;
- Estimulou, ouvindo profissionais de saúde, o tratamento precoce da doença;
- Destinou US\$ 400 milhões para pesquisa, desenvolvimento e produção da vacina de Oxford no Brasil;

Não faltaram, nos hospitais, os meios para atender aos pacientes de covid.

A pandemia deixa a grande lição de que não podemos depender apenas de umas poucas nações para produção de insumos e meios essenciais para nossa sobrevivência. Somente o insumo da produção de hidroxicloroquina sofreu um reajuste de 500% no início da pandemia. Nesta linha, o Brasil está aberto para o desenvolvimento de tecnologia de ponta e inovação, a exemplo da indústria 4.0, da inteligência artificial, nanotecnologia e da tecnologia 5G, com quaisquer parceiros que respeitem nossa soberania, prezem pela liberdade e pela proteção de dados.

No Brasil, apesar da crise mundial, a produção rural não parou. O homem do campo trabalhou como nunca, produziu, como sempre, alimentos para mais de 1 bilhão de pessoas.

O Brasil contribuiu para que o mundo continuasse alimentado.

Nossos caminhoneiros, marítimos, portuários e aviários mantiveram ativo todo o fluxo logístico para distribuição interna e exportação.

Nosso agronegócio continua pujante e, acima de tudo, possuindo e respeitando a melhor legislação ambiental do planeta.

Mesmo assim, somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal.

A Amazônia brasileira é sabidamente riquíssima. Isso explica o apoio de instituições internacionais a essa campanha escorada em interesses escusos que se unem a associações brasileiras, aproveitadoras e impatrióticas, com o objetivo de prejudicar o governo e o próprio Brasil.

Somos líderes em conservação de florestas tropicais. Temos a matriz energética mais limpa e diversificada do mundo.

Mesmo sendo uma das 10 maiores economias do mundo, somos responsáveis por apenas 3% da emissão de carbono.

Garantimos a segurança alimentar a um sexto da população mundial, mesmo preservando 66% de nossa vegetação nativa e usando apenas 27% do nosso território para a pecuária e agricultura. Números que nenhum outro país possui.

O Brasil desponta como o maior produtor mundial de alimentos.

E, por isso, há tanto interesse em propagar desinformações sobre o nosso meio ambiente.

Estamos abertos para o mundo naquilo que melhor temos para oferecer, nossos produtos do campo. Nunca exportamos tanto. O mundo cada vez mais depende do Brasil para se alimentar.

Nossa floresta é úmida e não permite a propagação do fogo em seu interior. Os incêndios acontecem praticamente, nos mesmos lugares, no entorno leste da Floresta, onde o caboclo e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas.

Os focos criminosos são combatidos com rigor e determinação. Mantenho minha política de tolerância zero com o crime ambiental. Juntamente com o Congresso Nacional, buscamos a regularização fundiária, visando identificar os autores desses crimes.

Lembro que a região amazônica é maior que toda a Europa Ocidental. Daí a dificuldade em combater, não só os focos de incêndio, mas também a extração ilegal de madeira e a biopirataria. Por isso, estamos ampliando e aperfeiçoando o emprego de tecnologias e aprimorando as operações interagências, contando, inclusive, com a participação das Forças Armadas.

O nosso Pantanal, com área maior que muitos países europeus, assim como a Califórnia, sofre dos mesmos problemas. As grandes queimadas são consequências inevitáveis da alta temperatura local, somada ao acúmulo de massa orgânica em decomposição.

A nossa preocupação com o meio ambiente vai além das nossas florestas. Nosso Programa Nacional de Combate ao Lixo no Mar, um dos primeiros a serem lançados no mundo, cria uma estratégia para os nossos 8,5 mil quilômetros de costa.

Nessa linha, o Brasil se esforçou na COP25 em Madri para regulamentar os artigos do Acordo de Paris que permitiriam o estabelecimento efetivo do mercado de carbono internacional. Infelizmente, fomos vencidos pelo protecionismo.

Em 2019, o Brasil foi vítima de um criminoso derramamento de óleo venezuelano, vendido sem controle, acarretando severos danos ao meio ambiente e sérios prejuízos nas atividades de pesca e turismo.

O Brasil considera importante respeitar a liberdade de navegação estabelecida na Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar.

Entretanto, as regras de proteção ambiental devem ser respeitadas e os crimes devem ser apurados com agilidade, para que agressões como a ocorrida contra o Brasil não venham a atingir outros países.

Não é só na preservação ambiental que o país se destaca. No campo humanitário e dos direitos humanos, o Brasil vem sendo referência internacional pelo compromisso e pela dedicação no apoio prestado aos refugiados venezuelanos, que chegam ao Brasil a partir da fronteira no estado de Roraima.

A Operação Acolhida, encabeçada pelo Ministério da Defesa, recebeu quase 400 mil venezuelanos deslocados devido à grave crise político-econômica gerada pela ditadura bolivariana.

Com a participação de mais de 4 mil militares, a Força Tarefa Logística-Humanitária busca acolher, abrigar e interiorizar as famílias que chegam à fronteira.

Como um membro fundador da ONU, o Brasil está comprometido com os princípios basilares da Carta das Nações Unidas: paz e segurança internacional, cooperação entre as nações, respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais de todos. Neste momento em que a organização completa 75 anos, temos a oportunidade de renovar nosso compromisso e fidelidade a esses ideais. A paz não pode estar dissociada da segurança.

A cooperação entre os povos não pode estar dissociada da liberdade. O Brasil tem os princípios da paz, cooperação e prevalência dos direitos humanos inscritos em sua própria Constituição, e tradicionalmente contribui, na prática, para a consecução desses objetivos.

O Brasil já participou de mais de 50 operações de paz e missões similares, tendo contribuído com mais de 55 mil militares, policiais e civis, com participação marcante em Suez, Angola, Timor Leste, Haiti, Líbano e Congo.

O Brasil teve duas militares premiadas pela ONU na Missão da República Centro-Africana pelo trabalho contra a violência sexual.

Seguimos comprometidos com a conclusão dos acordos comerciais firmados entre o Mercosul e a União Europeia e com a Associação Europeia de Livre Comércio. Esses acordos possuem importantes cláusulas que reforçam nossos compromissos com a proteção ambiental.

Em meu governo, o Brasil, finalmente, abandona uma tradição protecionista e passa a ter na abertura comercial a ferramenta indispensável de crescimento e transformação.

Reafirmo nosso apoio à reforma da Organização Mundial do Comércio que deve prover disciplinas adaptadas às novas realidades internacionais.

Estamos igualmente próximos do início do processo oficial de acesso do Brasil à OCDE. Por isso, já adotamos as práticas mundiais mais elevadas em todas as áreas, desde a regulação financeira até os domínios da segurança digital e da proteção ambiental.

No meu primeiro ano de governo, concluímos a reforma da Previdência e, recentemente, apresentamos ao Congresso Nacional duas novas reformas: a do sistema tributário e a administrativa.

Novos marcos regulatórios em setores-chave, como o saneamento e o gás natural, também estão sendo implementados. Eles atrairão novos investimentos, estimularão a economia e gerarão renda e emprego.

O Brasil foi, em 2019, o quarto maior destino de investimentos diretos em todo o mundo. E, no primeiro semestre de 2020, apesar da pandemia, verificamos um aumento do ingresso de investimentos, em comparação com o mesmo período do ano passado. Isso comprova a confiança do mundo em nosso governo.

O Brasil tem trabalhado para, em coordenação com seus parceiros sul-atlânticos, revitalizar a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul.

O Brasil está preocupado e repudia o terrorismo em todo o mundo.

Na América Latina, continuamos trabalhando pela preservação e promoção da ordem democrática como base de sustentação indispensável para o progresso econômico que desejamos.

A liberdade é o bem maior da humanidade.

Faço um apelo a toda a comunidade internacional pela liberdade religiosa e pelo combate à cristofobia.

Também quero reafirmar minha solidariedade e apoio ao povo do Líbano pelas recentes adversidades sofridas.

Creemos que o momento é propício para trabalharmos pela abertura de novos horizontes, muito mais otimistas para o futuro do Oriente Médio.

Os acordos de paz entre Israel e os Emirados Árabes Unidos, e entre Israel e o Bahrein, três países amigos do Brasil, com os quais ampliamos imensamente nossas relações durante o meu governo, constitui excelente notícia.

O Brasil saúda também o Plano de Paz e Prosperidade lançado pelo Presidente Donald Trump, com uma visão promissora para, após mais de sete décadas de esforços, retomar o caminho da tão desejada solução do conflito israelense-palestino.

A nova política do Brasil de aproximação simultânea a Israel e aos países árabes converge com essas iniciativas, que finalmente acendem uma luz de esperança para aquela região.

O Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base.

Deus abençoe a todos!

E o meu muito obrigado!"

Edição: Juliana Andrade

[Jair Bolsonaro](#)

[ONU](#)

[Assembleia Geral da ONU](#)



Relacionadas

[Política](#)

[Brasil é vítima de desinformação sobre meio ambiente, diz Bolsonaro](#)

[Política](#)

[Em discurso para líderes mundiais, Bolsonaro fala sobre meio ambiente](#)

23/09/2020 01:43

(LUSA)

Bolsonaro diz que se imprensa criticou discurso na ONU é porque "foi bom"

Brasília, 23 set 2020 (Lusa) - O Presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, afirmou na terça-feira que se a imprensa está a criticar o seu discurso na abertura da 75.ª sessão da Assembleia-Geral das Nações Unidas (ONU) é porque "foi bom".

"Se a 'mídia' [imprensa] está a criticar, é porque o discurso foi bom", disse o chefe de Estado, citado pelo jornal Folha de S.Paulo, a um apoiante que tentou estabelecer uma relação entre os discursos de Bolsonaro e o do seu homólogo norte-americano, Donald Trump.

No seu polémico discurso na ONU, o Presidente do Brasil disse que foi arrojado e implementou medidas para impedir que a pandemia de covid-19 causasse um mal maior à economia do seu país.

Bolsonaro, um dos chefes de Estado mais cétricos em relação à gravidade da pandemia, também aproveitou para atacar empresas de comunicação social e jornalistas por problemas ocorridos durante a pandemia, ao dizer que uma "parcela da imprensa brasileira também politizou o vírus, disseminando o pânico entre a população", considerando que "sob o lema 'fique em casa' e 'a economia a gente vê depois' quase trouxeram o caos social ao país".

Outro dos polémicos temas abordados pelo Presidente foi a Amazónia, afirmando que o Brasil é vítima de uma "campanha brutal de desinformação".

"O agronegócio [do Brasil] continua pujante e, acima de tudo, possuindo e respeitando a melhor legislação ambiental do planeta. Mesmo assim, somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazónia e o Pantanal", declarou Bolsonaro.

Bolsonaro responsabilizou ainda os indígenas pelos incêndios que lavram na Amazónia.

"Os incêndios acontecem praticamente nos mesmos lugares, no entorno leste da floresta, onde o caboclo [descendentes de indígenas e brancos] e o índio queimam os seus roçados [terrenos] em busca de sua sobrevivência, em áreas já desflorestadas", disse.

Contudo, essas declarações do Presidente foram consideradas "delirantes" e "constrangedoras" por organizações de defesa da preservação ambiental.

No total, a agência de verificação Lupa classificou quatro declarações de Bolsonaro na ONU como falsas, cinco como exageradas, duas como insustentáveis (não há dados públicos que comprovem a informação) e duas como verdadeiras.

No seu discurso, na 75.ª sessão da Assembleia-Geral da ONU, Bolsonaro elogiou ainda Donald Trump, por intermediar acordos de paz entre países do Médio Oriente.

“O Brasil saúda também o Plano de Paz e Prosperidade lançado pelo Presidente Donald Trump, com uma visão promissora para, após mais de sete décadas de esforços, retomar o caminho da tão desejada solução do conflito israelo-palestino”, disse Bolsonaro, um confesso administrador do seu homólogo norte-americano.

As relações entre o Brasil e os Estados Unidos (EUA) têm-se intensificado desde que Bolsonaro chegou ao poder, em janeiro de 2019.

Na segunda-feira, Jair Bolsonaro anunciou que o Brasil vai receber uma quota adicional para exportar, com imposto reduzido, 80 mil toneladas de açúcar para os Estados Unidos.

"A quota para o açúcar brasileiro nos EUA passa de 230 para 310 mil toneladas e, por lei, beneficiará exclusivamente os produtores do Nordeste", escreveu Bolsonaro, nas suas redes sociais, num acordo que não é inédito, mas que faz parte das negociações abertas no início do mês entre os dois países.

A aproximação do Brasil aos EUA deverá ser fortalecida com aprovação nesta terça-feira, pelo Senado, do diplomata Nestor Forster como novo embaixador brasileiro em Washington.

Na sua audição no Senado brasileiro, Forster disse haver perspectiva para o aumento na cooperação com os EUA nas áreas militar e de defesa, e indicou que as duas nações têm "interesses comuns" na Amazónia.

MYMM (CYR) // JMC

Lusa/Fim

ID:

29641092

Localização:

Brasilia, Brasil

Temas:

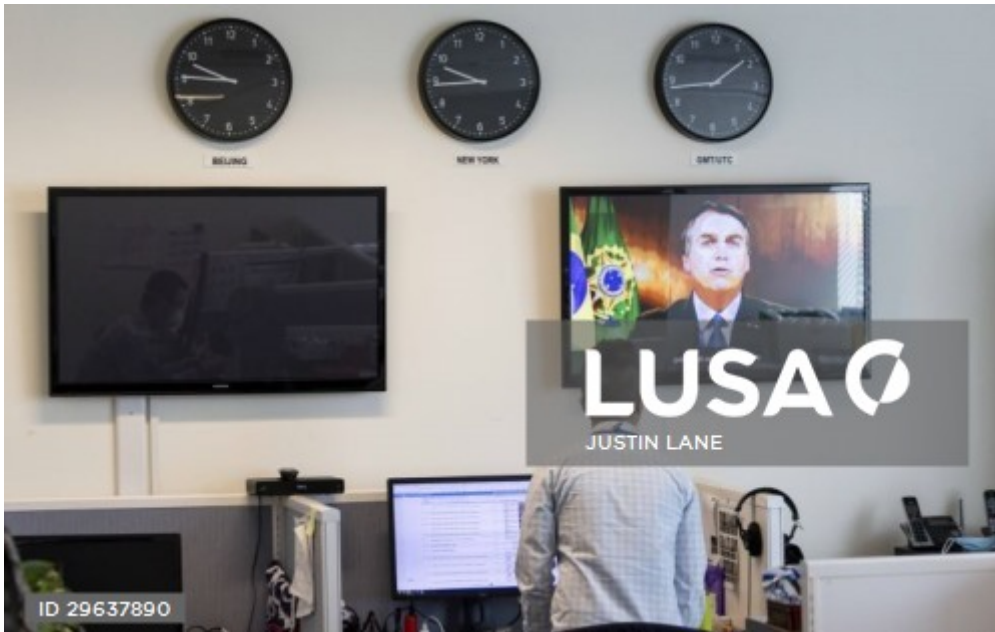
Política, Diplomacia, relações internacionais, governo, chefes de estado, departamentos
constitucionais

Copyright:

22/09/2020 17:14

(LUSA)

Covid-19: Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater a pandemia



O Presidente do Brasil disse hoje que foi arrojado e implementou medidas para impedir que a pandemia de covid-19 causasse um mal maior à economia do seu país, na abertura dos debates da 75.ª sessão da Assembleia-Geral das Nações Unidas.

Nações Unidas, 22 set 2020 (Lusa) – O Presidente do Brasil disse hoje que foi arrojado e implementou medidas para impedir que a pandemia de covid-19 causasse um mal maior à economia do seu país, na abertura dos debates da 75.ª sessão da Assembleia-Geral das Nações Unidas (ONU).

“Desde o princípio, alertei, no meu país, que tínhamos dois problemas para resolver: o vírus e o desemprego, e que ambos deveriam ser tratados simultaneamente e com a mesma responsabilidade (...) O nosso governo, de forma arrojada, implementou várias medidas económicas que evitaram o mal maior”, disse Jair Bolsonaro, num discurso gravado e transmitido pela ONU.

Bolsonaro também aproveitou o discurso para atacar empresas de comunicação social e jornalistas por problemas ocorridos durante a pandemia ao dizer que uma “parcela da imprensa [] brasileira também politizou o vírus, disseminando o pânico entre a população”,

considerando que “sob o lema “fique em casa” e “a economia a gente vê depois”, quase trouxeram o caos social ao país”.

O chefe de Estado brasileiro citou, entre as medidas que considerou favoráveis e que foram tomadas pelo seu Governo, um apoio de emergência em parcelas que somam aproximadamente mil dólares [cerca de 854 euros] para 65 milhões de pessoas, recursos destinados para ações de saúde, apoio a pequenas empresas e a perda de arrecadação dos estados e municípios.

O Presidente brasileiro destacou que “estimulou, ouvindo profissionais de saúde, o tratamento precoce da doença, destinou 400 milhões de dólares para pesquisa, desenvolvimento e produção da vacina de Oxford no Brasil”, frisando que “não faltaram, nos hospitais, os meios para atender os pacientes de covid-19”.

As declarações de Bolsonaro a outros líderes globais sobre o sucesso de sua gestão na pandemia contrariam dados do Ministério da Saúde, que colocam o país entre os mais afetados em número de mortes, com 137.272 óbitos registados - atrás apenas dos Estados Unidos -, e o terceiro em número de casos confirmados, com 4,5 milhões de infeções.

O chefe de Estado brasileiro também afirmou que “a pandemia deixa a grande lição” de que não se pode “depende apenas de umas poucas nações para a produção de insumos e meios essenciais” à sobrevivência.

“Somente o insumo da produção de hidroxiquina sofreu um reajuste de 500% no início da pandemia”, declarou Bolsonaro, citando uma substância que defende para o tratamento do novo coronavírus, que não tem eficácia contra a doença cientificamente comprovada.

A cloroquina e a hidroxiquina [que tem quase a mesma composição] são usadas no tratamento de doenças como a malária e o lúpus, sem efeito comprovado contra o vírus que provoca a covid-19.

O governante brasileiro sempre defendeu a sua aplicação para o tratamento da covid-19 e disse ter tomado ele mesmo a substância quando anunciou estar infetado pelo novo coronavírus, em julho passado.

O Brasil abriu, como é tradicional, as intervenções de líderes na Assembleia-Geral da ONU. Este ano, a organização multilateral celebra 75 anos e o encontro iniciado hoje, que tem a pandemia de covid-19 como pano de fundo, impediu a presença de todos os participantes, levando-a para o formato de videoconferências.

O Brasil é o país lusófono mais afetado pela pandemia e um dos mais atingidos no mundo, ao contabilizar o segundo número de mortos (mais de 4,5 milhões de casos e 137.272 óbitos), depois dos Estados Unidos.

CYR // VM

l im

22/09/2020 16:01

(LUSA)

Bolsonaro diz que Brasil é vítima de campanha brutal de desinformação sobre Amazónia

Nações Unidas, 22 set 2020 (Lusa) – O Presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, disse hoje que o Brasil é vítima de uma “campanha brutal de desinformação sobre a Amazónia”, intervindo na abertura do debate geral na 75.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU).

“O agronegócio [do Brasil] continua pujante e, acima de tudo, possuindo e respeitando a melhor legislação ambiental do planeta. Mesmo assim, somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazónia e o Pantanal”, afirmou Bolsonaro.

“A Amazónia brasileira é sabidamente riquíssima. Isso explica o apoio de instituições internacionais a essa campanha escorada em interesses escusos que se unem a associações brasileiras, aproveitadoras e impatrióticas, com o objetivo de prejudicar o Governo e o próprio Brasil”, acrescentou o chefe de Estado.

A declaração de Bolsonaro responde a uma série de críticas que o país sofre devido às queimadas e o avanço de ações de desflorestação em biomas importantes como a floresta amazónica e o Pantanal, que se acentuaram no seu mandato.

Segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), a desflorestação da Amazónia, maior floresta tropical do mundo, aumentou 34% de agosto de 2019 a julho de 2020 em comparação com o mesmo período do ano anterior.

Este número anual inclui estações de seca e de chuva e também diz respeito a um período em que a gestão ambiental já estava totalmente a cargo do Governo liderado por Bolsonaro, que tomou posse em 01 de janeiro de 2019.

Já o Pantanal, bioma situado na região centro-oeste do Brasil, considerado a maior planície húmida do mundo e que tem 80% da sua área inundada na estação chuvosa, vive atualmente a maior seca das últimas cinco décadas e tem sido foco de grandes incêndios que já destruíram cerca de 20% do bioma.

“O nosso Pantanal, com área maior que muitos países europeus, assim como a Califórnia, sofre dos mesmos problemas. As grandes queimadas são consequências inevitáveis da alta temperatura local, somada ao acúmulo de massa orgânica em decomposição”, justificou Bolsonaro ao citar o bioma.

Pesquisadores e ativistas culpam Bolsonaro por incentivar a derrubada e venda ilegal de madeira, mineradores e especuladores de terras nas florestas ao enfraquecer a fiscalização ambiental e defender a mineração e a agricultura na como maneiras de desenvolver a economia do país.

Ignorando estas críticas, o Presidente brasileiro disse que o seu país garante a “segurança alimentar a um sexto da população mundial”, usando apenas 27% do território para a pecuária e agricultura e, portanto, isto teria despertado interesse em rivais económicos a criticar o Governo brasileiro.

“E, por isso, há tanto interesse em propagar desinformações sobre o nosso meio ambiente. Estamos abertos para o mundo naquilo que melhor temos para oferecer, nossos produtos do campo. Nunca exportámos tanto. O mundo cada vez mais depende do Brasil para se alimentar”, disparou o líder brasileiro.

Sem citar estudos científicos para comprovar as suas declarações e contrariando diversos especialistas em meio ambiente, o Presidente brasileiro negou os incêndios florestais e afirmou que a Amazónia é uma “floresta é húmida e não permite a propagação do fogo no seu interior”.

“Os incêndios acontecem praticamente nos mesmos lugares, no entorno leste da floresta, onde o caboclo [descendentes de indígenas e brancos] e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas”, declarou.

O Presidente brasileiro também frisou que a Amazónia é maior que toda a Europa Ocidental e, portanto, há alguma dificuldade em “combater, não só os focos de incêndio, mas também a extração ilegal de madeira e a biopirataria”.

“Por isso, estamos ampliando e aperfeiçoando o emprego de tecnologias e aprimorando as operações interagências, contando, inclusive, com a participação das Forças Armadas”, concluiu.

O Brasil abriu, como é tradicional, as intervenções de líderes na Assembleia Geral da ONU. Em 2020 a organização multilateral celebra 75 anos e o encontro iniciado hoje, que tem a pandemia de covid-19 como pano de fundo, impediu a presença de todos os participantes, levando-a para o formato de videoconferências.

CYR // JH

Lusa/Fim

ID:

? 368

Localização:

22/09/2020 19:52

(LUSA)

Políticos acusam Bolsonaro de "mentir" na ONU sobre auxílio durante pandemia

Brasília, 22 set 2020 (Lusa) - Políticos brasileiros acusaram hoje o Presidente, Jair Bolsonaro, de "mentir" na 75.ª sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), ao referir que concedeu um auxílio de aproximadamente mil dólares para 65 milhões de pessoas na pandemia.

No seu discurso de abertura da 75.ª sessão da Assembleia Geral da ONU, Bolsonaro declarou que o seu Governo "concedeu um auxílio de emergência, em parcelas que somam aproximadamente 1.000 dólares [854 euros ou 5.470 reais, no câmbio atual], para 65 milhões de pessoas, o maior programa de assistência aos mais pobres no Brasil e talvez um dos maiores do mundo".

Contudo, esse valor foi contestado por vários políticos da oposição, que acusaram o chefe de Estado de estar a "mentir".

"É surreal assistir o que Bolsonaro fez hoje. É ridículo. Irresponsabilidade sem tamanho. O Governo que ofereceu 200 reais [31 euros] para o povo falando em mil dólares de auxílio????? (...) Mentira: os brasileiros não receberam 1.000 dólares. (...) A quantidade de mentiras que Bolsonaro preparou para esse discurso na 75.ª Assembleia Geral da ONU", escreveu na plataforma social Twitter o senador Humberto Costa, do Partido dos Trabalhadores (PT).

"Bolsonaro a mentir na ONU. Para variar. Nenhum centavo a menos! Precisamos que o parlamento vote a MP (Medida Provisória) 1.000 e amplie o valor do auxílio de 300 para 600 reais!!!!", indicou por sua vez a deputada federal Jandira Feghali, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Jandira Feghali partilhou ainda a análise feita pelo ator brasileiro Armando Babaioff: "Mesmo somando todas as parcelas do auxílio emergencial, o valor não chegaria a 1.000 dólares como foi anunciado pelo Presidente, aliás ele e a sua equipa defendiam o benefício no valor 200 reais e hoje usa o auxílio para falar bem da própria 'gestão' durante a pandemia. Faça-me o favor".

Já a presidente nacional do PT, a deputada federal Gleisi Hoffmann classificou Bolsonaro de "mentiroso patológico" e de "desvio de caráter".

"Devastação do Pantanal/Amazónia, fome, desemprego, economia em queda livre, mas o Brasil de Bolsonaro é um universo paralelo. Enumera mentiras na ONU como auxílio de 1.000 dólares, e faz queimadas são os indígenas e caboclos. Não é só um mentiroso patológico, é desvio de caráter mesmo", criticou Gleisi.

Em causa está um subsídio mensal, no valor de 600 reais (cerca de 93,5 euros), que começou a ser atribuído pelo Ministério da Economia do Brasil em abril, para ajudar as pessoas com baixos rendimentos a enfrentar a crise provocada pela pandemia do novo coronavírus.

Esse auxílio mensal de emergência de 600 reais tinha um prazo inicial de três meses, mas acabou por ser prorrogado por mais dois meses, até agosto. Já no início de setembro, o executivo de Bolsonaro anunciou que estenderá a ajuda até ao final do ano, mas em parcelas menores, reduzindo o valor para 300 reais mensais (46,7 euros).

Contudo, a gestão de Bolsonaro frisou que só terá acesso às parcelas finais quem recebeu o primeiro montante, em abril, deixando de fora muitos cidadãos carenciados que só se conseguiram inscrever no programa depois desse período.

Segundo os critérios do próprio Governo, têm direito a esta ajuda trabalhadores informais (sem contrato de trabalho) ou por conta própria, desempregados e micro empreendedores.

Tendo em conta a cotação atual do dólar, o valor de 600 reais pago pelo executivo nos primeiros cinco meses da pandemia equivale a cerca de 110 dólares mensais, num total de 550 dólares. Acrescentando as restantes quatro parcelas que serão pagas até ao final do ano, de 300 reais, o valor equivale a cerca de 55 dólares, totalizando 220 dólares.

Ou seja, feitas as contas, mesmo somando todas as parcelas, o valor não chega aos 1.000 dólares anunciados por Bolsonaro, rondando os 770 dólares.

"O auxílio de emergência vai ter, ao todo, nove parcelas: 5x de 600 reais e 4x de 300 reais. Total de 4.200 reais = 771 dólares. Bolsonaro inflou o valor em quase 30%, mas vocês não estão preparados para essa conversa", analisou a vereadora Janaína Lima, do partido Novo.

MYMM // LFS

Lusa/Fim

ID:

29639735

Localização:

Brasília, Brasil

Temas:

Economia, Negócios e Finanças, Economia (geral), Saúde, Doenças, doenças contagiosas, Epidemias e pragas, Política, Governo (sistema), governo, chefes de estado, departamentos governamentais, Partidos e movimentos, finanças públicas, Organizações internacionais, Saúde, Morte

Copyright:

22/09/2020 19:10

(LUSA)

ONG consideram "delirante" e "constrangedor" discurso do Presidente do Brasil na ONU



O discurso do Presidente do Brasil proferido hoje na abertura da 75.ª sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) foi considerado "delirante" e "constrangedor" por organizações de defesa da preservação ambiental.

São Paulo, 22 set 2020 (Lusa) – O discurso do Presidente do Brasil proferido hoje na abertura da 75.ª sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) foi considerado "delirante" e "constrangedor" por organizações de defesa da preservação ambiental.

"Jair Bolsonaro não fugiu do 'script' [roteiro] no discurso de abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas" e num discurso "calculadamente delirante, o Presidente mais uma vez expôs o país de forma constrangedora e confirmou as preocupações dos investidores internacionais que pensam em sair do Brasil", disse em comunicado o Observatório do Clima, coligação de organizações criada para discutir as mudanças climáticas no Brasil em 2001.

A organização acrescentou que "ao negar simultaneamente a crise ambiental e a pandemia, o Presidente dá a trilha sonora para o desinvestimento e o cancelamento de acordos comerciais no momento crítico de recuperação económica pós-covid".

O Presidente brasileiro afirmou hoje na abertura dos debates da Assembleia Geral da ONU que o seu governo é vítima de uma “campanha brutal de desinformação sobre a Amazónia.

“O Agronegócio [do Brasil] continua pujante e, acima de tudo, possuindo e respeitando a melhor legislação ambiental do planeta. Mesmo assim, somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazónia e o Pantanal”, afirmou Bolsonaro.

Sobre a crítica feita por Bolsonaro, que no passado chamou as organizações não-governamentais (ONG) que lutam em defesa da preservação da Amazónia de “cancro”, o Observatório do Clima observou que Bolsonaro “acusou um conluio inexistente entre ONG e potências estrangeiras contra o país, mas, ao negar a realidade e não apresentar nenhum plano para os problemas”.

Mantendo a linha de colocar em causa as declarações feitas pelo líder brasileiro, Gabriela Yamaguchi, diretora de Sociedade Engajada do WWF-Brasil, considerou que o Bolsonaro proferiu “uma fala cheia de acusações infundadas e ilações sem base científica que não condiz com o papel de um chefe de Estado”.

“Declarar que as queimadas são provocadas pelos “índios e caboclos”[povos tradicionais descendentes de indígenas e brancos] é a maior delas. Como um roteiro de ficção, o discurso uniu palavras-chaves das Nações Unidas com descrições de um Brasil que não existiu em 2020, em completo negacionismo da realidade do país e desconsiderando a urgência e seriedade dos desafios globais que o secretário-geral da ONU, António Guterres, tão bem descreveu”, acrescentou.

Já a organização Greenpeace avaliou, também em comunicado, que Governo brasileiro está sob intensa pressão nacional e internacional devido aos números crescentes de queimadas e ações de desflorestamento, e diante de um país que arde em chamas, o discurso negacionista do Presidente “envergonha o povo brasileiro e isola o Brasil do mundo”.

A ONG lembrou que o país sul-americano detém uma parcela considerável da maior floresta tropical do mundo, a Amazónia, em seu território, além da maior planície interior inundável do mundo, o Pantanal, mas não está a preservar estes biomas que sofrem com queimadas e ações de desflorestação nos últimos anos.

“Desde que Bolsonaro assumiu o poder, o país está se transformando em líder mundial em desflorestamento. Segundo dados da Global Forest Watch, o Brasil foi o país que mais destruiu suas florestas em 2019, e este ano, os dados mostram que a situação só se agravou. Os efeitos de tamanha destruição se refletem nas queimadas que estão avançando sobre alguns dos principais biomas brasileiros, como o Pantanal, a Amazónia e o Cerrado”, frisou a Greenpeace.

A organização ambientalista concluiu que “o mundo está vendo, horrorizado”, a forma como o Governo brasileiro trata as florestas a partir do desmonte sistemático das estruturas e políticas públicas que promovem a proteção ambiental.

O Presidente do Brasil abriu hoje, como é tradicional, as intervenções de líderes na Assembleia Geral da ONU. Este ano, a organização multilateral celebra 75 anos e o encontro iniciado hoje, que tem a pandemia de covid-19 como pano de fundo, impediu a presença de todos os participantes,

levando-a para o formato de videoconferências.

CYR // LFS

Lusa/Fim

ID:

29639542

Localização:

São Paulo, Brasil

Temas:

Ambiente, Políticas ambientais, Doenças, doenças contagiosas, Epidemias e pragas, Política, Diplomacia, governo, Autoridades locais, Partidos e movimentos, Organizações internacionais

Legenda:

O discurso do Presidente do Brasil proferido hoje na abertura da 75.^a sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) foi considerado “delirante” e “constrangedor” por organizações de defesa da preservação ambiental.

Copyright:

© 2020 LUSA - Agência de Notícias de Portugal, S.A.

← (https://www.lusa.pt/subscriber/article/29639735?srv_id=101&list_id=8205620000658809852&hist=-2)

[Voltar](#)

[Imprimir \(https://www.lusa.pt/subscriber/print/29639542\)](https://www.lusa.pt/subscriber/print/29639542)

[Download](#)

[Adicionar ao cesto](#)

→ (https://www.lusa.pt/subscriber/article/29639379?srv_id=101&list_id=8205620000658809852&hist=-2)

Sede da Agência

🏠 Rua Dr. João Couto Lote C

☎ (+351) 217116500

✉ [agencialusa@lusa.pt \(mailto:agencialusa@lusa.pt\)](mailto:agencialusa@lusa.pt)

Social

22/09/2020 17:58

(LUSA)

Bolsonaro elogia Trump e diz que aproximação com Israel e árabes é nova política do Brasil

Nova Iorque, 22 set 2020 (Lusa) – O Presidente do Brasil elogiou o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e declarou que o seu país promove uma aproximação com Israel e os povos árabes, na 75.ª sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU).

“Os acordos de paz entre Israel e os Emirados Árabes Unidos, e entre Israel e o Bahrein, três países amigos do Brasil, com os quais ampliamos imensamente nossas relações durante o meu governo, constitui excelente notícia”, declarou Jair Bolsonaro.

O chefe de Estado brasileiro, no seu discurso na Assembleia Geral da ONU, acrescentou que “o Brasil saúda também o Plano de Paz e Prosperidade lançado pelo Presidente Donald Trump, com uma visão promissora para, após mais de sete décadas de esforços, retomar o caminho da tão desejada solução do conflito” israelo-palestiniano.

O Presidente brasileiro fez questão de frisar que existe uma “nova política do Brasil” de procurar uma aproximação simultânea a Israel e aos países árabes que “converge com essas iniciativas, que finalmente acendem uma luz de esperança para aquela região”, referindo-se aos conflitos no Médio Oriente.

“Também quero reafirmar minha solidariedade e apoio ao povo do Líbano pelas recentes adversidades sofridas. Cremos que o momento é propício para trabalharmos pela abertura de novos horizontes, muito mais otimistas para o futuro” do Médio Oriente, destacou Bolsonaro.

O chefe de Estado brasileiro disse que a imagem de seu Governo tem sido prejudicada por “uma de campanha brutal de desinformação sobre a Amazônia” e defendeu sua atuação na pandemia, embora o Brasil seja um dos países mais afetados pela covid-19.

Sobre sua política externa, o governante disse que o Brasil é referência internacional pelo compromisso e pela dedicação no apoio prestado aos refugiados venezuelanos, que chegam a partir do estado de Roraima, que faz fronteira com a Venezuela.

“A Operação Acolhida, encabeçada pelo Ministério da Defesa, recebeu quase 400 mil venezuelanos deslocados devido à grave crise político-económica gerada pela ditadura bolivariana. Com a participação de mais de 4 mil militares, a Força Tarefa Logística-Humanitária tem acolher, abrigar e interiorizar as famílias que chegaram à fronteira”, declarou.

Bolsonaro lembrou que como membro fundador da ONU, o Brasil está comprometido com os princípios basilares da Carta das Nações Unidas, frisando que a “cooperação entre os povos não pode estar dissociada da liberdade”.

“O Brasil tem os princípios da paz, cooperação e prevalência dos direitos humanos inscritos em sua própria Constituição, e tradicionalmente contribui, na prática, para a consecução desses objetivos”, frisou.

Abordando o multilateralismo, o governante disse que segue comprometido com a conclusão dos acordos comerciais firmados entre o Mercado Comum do Sul (Mercosul, bloco formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) e a União Europeia (UE).

“Esses acordos possuem importantes cláusulas que reforçam nossos compromissos com a proteção ambiental”, defendeu Bolsonaro.

O acordo de livre comércio entre a UE e o Mercosul foi fechado em 28 de junho de 2019, depois de 20 anos de negociações. O pacto abrange um universo de 740 milhões de consumidores, que representam um quarto da riqueza mundial.

No entanto, ações de desflorestação e queimadas registadas na Amazônia brasileira nos últimos dois anos levaram alguns países europeus a colocarem em causa a homologação do acordo, que precisa de ser aprovado internamente pelos membros do bloco para entrar em vigor.

No fim do discurso, Bolsonaro fez “um apelo a toda a comunidade internacional pela liberdade religiosa e pelo combate à cristofobia”, sem mencionar exatamente ao que se referia, e concluiu dizendo que “o Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base”.

O Brasil abriu, como é tradicional, as intervenções de líderes na Assembleia Geral da ONU. Este ano, a organização multilateral celebra 75 anos e o encontro iniciado hoje, que tem a pandemia de covid-19 como pano de fundo, impediu a presença de todos os participantes, levando-a para o formato de videoconferências.

CYR // LFS

Lusa/Fim

ID:

29638975

Localização:

São Paulo, Brasil

Temas:

Doenças, doenças contagiosas, Epidemias e pragas, Política, Diplomacia, relações internacionais, / lades locais, Política (geral), Organizações internacionais

Copyright:



Exclusivo

INTERNACIONAL

Negacionismo, "Cristofobia" e um dedo apontado à China. Trump e Bolsonaro já falaram na 75.ª Assembleia Geral da ONU



Fabrice Coffrini/Getty

A lista é longa e as preocupações imensas. A 75.ª reunião da Assembleia Geral da ONU já está a acontecer em Nova Iorque, pela primeira vez através da internet, e apesar de o secretário-geral, António Guterres, ter pedido um reforço do multilateralismo e criticado bastante os líderes que apenas pensam em formas de encontrar uma vacina para a sua própria população, os primeiros discursos, de Donald Trump e Jair Bolsonaro, olharam principalmente para dentro, defendendo cooperação, sim, mas uma que nunca coloque em causa os interesses nacionais



22 SETEMBRO 2020 15:44



Ana França
Jornalista

MAIS VISTAS



Covid. A história do pescador português em coma depois de ter sido infetado num navio - e ninguém se responsabiliza pelo que aconteceu



Câmara de Lisboa cede terreno do Aquaparque com renda de 80 euros/mês



Ventura reage a Costa e diz que estaria na mesma situação com ou sem vacina. “Não é, seguramente, a mesma coisa”, corrige imunologista



Breve mas relevante fotogaleria de 23 voluntários que ajudam a combater a pandemia - Portugal passou o milhão de infetados

A Organização Mundial das Nações Unidas chegou aos 75 anos, e como um corpo humano, precisa de mais cuidados agora do que algum dia precisou. O diálogo como caminho preferencial para a resolução de problemas, ainda que este seja um resumo muito rústico do papel da ONU, está em causa porque o multilateralismo está em causa. Quando cada país se vira para dentro, a ONU perde a razão de ser e por isso mesmo a primeira pessoa a falar nesta primeira assembleia geral conduzida através da internet focou os seus discursos nas ameaças que pendem sobre este organismo e viu-se obrigada a sublinhar aquele conceito básico que é qualquer coisa como a solidariedade entre povos: mais um resumo demasiado simplista, talvez, mas ainda assim a base que esteve na origem da criação da ONU.

Primeiro falou o secretário-geral, António Guterres, que não quis destoar do tom apocalíptico que tem definido este ano de 2020. Como já tinha feito em discursos anteriores, Guterres voltou a falar dos “cavaleiros no meio de nós” que põem em causa o nosso futuro comum. Eram quatro (as “maiores tensões geoestratégicas globais em anos”, uma “crise climática existencial”, a “desconfiança global profunda e crescente” e o “lado negro do mundo digital”) mas agora há um quinto problema: um “quinto cavaleiro à espreita nas sombras juntando-se aos outros quatro e aumentando a fúria de cada um”, disse Guterres, numa referência à pandemia.

Depois de falar dos sinais encorajadores de cessar-fogo que chegam de alguns cenários de guerra, Guterres condenou os países que mesmo num tempo de enorme provação “assinam contratos de compra de vacinas exclusivamente para as suas próprias populações”. Chamou-se “vacinacionalismo”. “Ninguém está seguro até estarmos todos seguros.”

O primeiro chefe de Estado a falar foi Jair Bolsonaro, do Brasil. Desde 1955 que a tradição se mantém, já que, no início das reuniões anuais da ONU, nenhum outro Estado se voluntariou para falar em primeiro lugar e assim nasceu uma regra não escrita. Bolsonaro começou por defender o trabalho do seu Governo durante a pandemia, apesar de os brasileiros contestarem fortemente a relativa abertura que Bolsonaro foi permitindo durante estes seis meses, defendendo sempre que a

proteção da economia é o mais importante. O vírus e o desemprego, ambos devem ser tratados simultaneamente e com a mesma noção de responsabilidade. Alguns meios de comunicação espalharam o pânico dizendo às pessoas "fiquem em casa que depois logo vemos o que se faz com a economia" e quase lançaram o Brasil no "caos total", disse Bolsonaro enumerando a seguir os milhões que acionou para as várias ajudas sociais aos brasileiros durante a pandemia. O Presidente reservou ainda um espaço para pedir a proteção do culto religioso: "É preciso acabar com a Cristofobia".

E não deixou de falar para a sua base: os empresários do sector agropecuário. "O homem do campo não parou de trabalhar nunca", disse ele, culpando a desinformação pelo dilúvio de más notícias sobre os incêndios na Amazónia. "Somos vítimas de uma das campanhas mais brutais da história da desinformação porque na verdade somos líderes na conservação das florestas tropicais". Só este ano arderam três milhões de hectares no Brasil, o Estado de Israel inteiro.

Logo a seguir um seu aliado: Donald Trump, que a representante dos EUA na ONU, Kelly Craft, teve a "estupenda honra" de apresentar. Depois de umas palavras de vanglorização em nome próprio, Trump passou para uma espécie de ataque em todas as frentes à atuação chinesa em... todas as frentes. "Estamos envolvidos numa luta global contra um inimigo invisível, o vírus da China, e temos de responsabilizar a nação que enviou esta para o mundo", disse o Presidente dos Estados Unidos antes de elencar os falhanços da China na proteção do ambiente e das liberdades individuais.

No entender de Trump, a ONU tem de se focar nos "problemas reais" do mundo como o terrorismo, os genocídios, a liberdade religiosa, os direitos das mulheres, o tráfico de droga e o tráfico de seres humanos. Áreas nas quais, assumiu o Presidente, os Estados Unidos já lideram. "A prosperidade dos Estados Unidos é o garante da paz mundial", disse para finalizar um discurso que durou menos do que os 15 minutos autorizados.



+ **Exclusivos**

"Brasil é vítima de campanha de desinformação e de interesses", diz Bolsonaro na ONU

Diplomatas brasileiros classificam como "delirante" o discurso de Bolsonaro na abertura da Assembleia-Geral da ONU, em Nova Iorque.

Domingos Grilo Serrinha e correspondente no Brasil

22 de Setembro de 2020 às 19:52



FOTO: Direitos Reservados
Jair Bolsonaro

Num discurso considerado "delirante" por diplomatas brasileiros e que a imprensa do país avaliou não poder ser levado a sério, o presidente Jair Bolsonaro declarou esta terça-feira na abertura da Assembleia-Geral da ONU, em Nova Iorque, que o Brasil é um exemplo para o mundo na questão ambiental mas que, pelas riquezas das suas florestas, está a ser vítima de uma campanha de desinformação e de interesses escusos, principalmente em relação à Amazónia e ao Pantanal. Devido à pandemia da Covid-19, a sessão deste ano da Assembleia-Geral da ONU foi virtual e o discurso de Bolsonaro foi previamente gravado.

"Somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazónia e o Pantanal. A Amazónia brasileira é riquíssima, isso explica o apoio de instituições internacionais a essa campanha, escorada em interesses escusos, que se unem a associações brasileiras, aproveitadoras e impatrióticas, com o objetivo de prejudicar o governo e o próprio Brasil", afirmou Bolsonaro no seu discurso, aludindo às fortes críticas de instituições e governos da Europa à gigantesca desflorestação da Amazónia e às denúncias que Organizações Não Governamentais brasileiras têm feito do descaso do governo em relação a essa tragédia ambiental e humana.

O governante brasileiro afirmou, contrariando as imagens chocantes de paredes de fogo com dezenas de metros de altura que há meses estão a devastar a floresta, que a Amazónia, por ser uma área húmida, não queima, e que os poucos focos de incêndio ocorrem apenas nas suas bordas e são provocados, segundo ele, por índios que usam o fogo para limpar as suas terras e não morrerem de fome. Mais uma vez, e como tem repetido insistentemente ao responder à vaga de críticas de governos europeus, Bolsonaro voltou a dizer que a Europa critica o seu governo não porque esteja preocupada com o ambiente mas sim por questões ligadas à força do agro-negócio brasileiro.

LEIA TAMBÉM

"O Brasil desponta como o maior produtor mundial de alimentos. E, por isso, ha tanto interesse em propagar desinformações sobre o nosso ambiente", acusou Bolsonaro, que, apesar de ter literalmente desmontado todos os órgãos de fiscalização e de proteção à Natureza no Brasil, afirmou no discurso que o seu governo tem combatido com firmeza todo o tipo de crimes ambientais e que ele tem demonstrado "tolerância zero" com quem destrói a floresta.

LEIA TAMBÉM

BRASIL

Bolsonaro responsabiliza índios por incêndios na Amazônia

No discurso de abertura da Assembleia-Geral da ONU, o Presidente brasileiro elogiou as iniciativas de Trump no Médio Oriente e fez acusações graves à Venezuela.

João Ruela Ribeiro

22 de Setembro de 2020, 15:51



Como é tradição, o Presidente brasileiro abriu a Assembleia-Geral da ONU REUTERS/ADRIANO MACHADO

O Presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, culpou os índios pelos incêndios na Amazônia, durante o discurso de abertura da 75.^a Assembleia-Geral das Nações Unidas esta terça-feira.

Tal como no ano passado, em que Bolsonaro se estreou nas Nações Unidas (<https://www.publico.pt/2019/09/24/mundo/noticia/socialismo-colonialismo-bolsonaro-apresentou-novo-brasil-onu-1887783>), o meio ambiente ocupou grande parte do seu discurso, este ano gravado previamente e transmitido por vídeo no hemisfério, em Nova Iorque. O Presidente brasileiro denunciou “uma das maiores campanhas de desinformação sobre a Amazônia e Pantanal”, com origem em “interesses escusos”, com o objectivo de desestabilizar o Governo e pôr em causa a soberania brasileira sobre estes territórios.

O discurso de Bolsonaro coincide, também como no ano passado, com uma grave crise ambiental que está a concentrar a atenção do mundo. Nos últimos meses, a região do Pantanal tem sido dizimada por fortes incêndios (<https://www.publico.pt/2020/08/18/fotogaleria/incendios-pantanal-arderam-155-milhoes-hectares-desde-inicio-ano-402266>), pondo em causa não só a fauna e a flora única deste bioma, mas também a sobrevivência dos povos indígenas locais.

No entanto, Bolsonaro apontou precisamente o dedo aos índios e aos “caboclos” pelos incêndios justificados pela “busca da sobrevivência”, sem fornecer qualquer prova desta acusação. “Os incêndios acontecem praticamente, nos mesmos lugares, no entorno leste da floresta, onde o caboclo e o índio queimam os seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas”, afirmou.

A generalidade dos observadores atribui os incêndios aos proprietários rurais, interessados em desflorestar grandes áreas (<https://www.publico.pt/2020/05/12/mundo/noticia/brasil-prestes-aprovar-legalizacao-terras-ocupadas-ilegalmente-amazonia-1916252>) para usar como pastagem ou, simplesmente, para reduzir o seu valor futuro.

Bolsonaro justificou também a subida do número de incêndios no Pantanal (<https://www.publico.pt/2020/09/15/mundo/noticia/jaguares-queimados-tornados-fogo-chamas-zonas-humidas-brasil-lancam-avisos-clima-1931588>) à “alta temperatura” e à “acumulação de massa orgânica em decomposição”. “Temos tolerância zero com o crime ambiental”, defendeu-se, embora números recentes mostrem que o número de multas aplicadas pelo Ibama caiu de forma acentuada (<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/12/14/numero-de-multas-aplicadas-pelo-ibama-em-2019-e-o-menor-em-15-anos-diz-observatorio-do-clima.ghtml>) no ano passado.

A pandemia da covid-19

(<https://www.publico.pt/2020/08/08/mundo/noticia/brasil-chega-100-mil-mortos-covid19-fimde semana-1927506>), que no Brasil matou mais de 137 mil pessoas, também foi abordada por Bolsonaro, que começou por lamentar “cada morte ocorrida”. O Presidente tinha sido criticado por raramente ter dirigido uma palavra de solidariedade às famílias das vítimas (<https://www.publico.pt/2020/04/29/mundo/noticia/covid19-bolsonaro-lamenta-mortos-brasil-nao-faz-milagres-1914325>) durante a progressão da doença.

Bolsonaro defendeu a sua perspectiva de que tanto o vírus como o “desemprego” são problemas a ser tratados em simultâneo e voltou a criticar os defensores das medidas de confinamento e distanciamento físico. Acusou ainda a imprensa de “politizar a pandemia e espalhar o pânico”.

O chefe de Estado assegurou que “não faltaram, nos hospitais, os meios para combater a pandemia”, contrariando diversos relatos feitos pelos profissionais de saúde sobre falta de equipamentos de protecção ou camas em unidades de cuidados intensivos durante a fase mais aguda da pandemia. Bolsonaro saudou ainda o programa de subsídios entregues à população - que descreveu como “parcelas que somam aproximadamente 1000 dólares”, embora, na verdade, o subsídio tenha sido de 600 reais mensais (94 euros) durante três meses - que disse ser “o maior programa de assistência no Brasil e um dos maiores do mundo”.

Entre elogios às iniciativas diplomáticas do homólogo norte-americano, Donald Trump, no Médio Oriente

(

unidos-anunciam-normalizacao-relacoes-1928010), Bolsonaro acusou directamente a Venezuela de uma “agressão”, por causa do derramamento de petróleo ao largo da costa brasileira (<https://www.publico.pt/2019/10/31/mundo/noticia/petroleo-nordeste-brasil-1891963>), no ano passado. Não foi levada a cabo qualquer investigação que tenha concluído que o barco responsável pelo derrame seja venezuelano ou, sequer, que tenha sido intencional.

Numa só frase, a fechar o seu discurso, Bolsonaro reduziu a pó a diversidade étnica, religiosa, e política de um país de dimensões continentais, descrevendo-o como “um país cristão e conservador” e com “a família na sua base”.



INÍCIO / MUNDO

"Delírio", "negacionismo": Bolsonaro mentiu dez vezes na ONU

Após o discurso, o presidente do Brasil foi acusado por especialistas de "delírio", de "negacionismo", de "viver numa realidade paralela". Duas agências de confirmação de dados contabilizaram meias verdades, frases exageradas, posições insustentáveis e, no mínimo, uma dezena de *fake news*.



© AFP

João Almeida Moreira,
São Paulo

23 Setembro 2020 — 18:28

TÓPICOS

- Mundo
- Brasil
- Jair Bolsonaro
- ONU

Jair Bolsonaro mentiu, pelo menos, dez vezes nos 15 minutos em que discursou na abertura da 75.^a Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque, na terça-feira (dia 22), de acordo com a contabilidade cruzada pelo DN dos dados de duas das principais agências de *fact checking* brasileiras, [a Lupa](#) e [a Aos Fatos](#). As agências dão em boa medida razão às críticas que se ouviram nas últimas horas de especialistas e da oposição à comunicação do presidente do Brasil.

Relacionados



COVID-19

Bolsonaro diz na ONU que agiu de forma arrojada para combater a pandemia

MUNDO

Rio de Janeiro adia Carnaval de 2021 indefinidamente

BRASIL

Lava-Jato (2014-2020). "Acabei com ela porque não há corrupção no meu..."

Da direita liberal, representada por João Amoêdo, ex-candidato à presidência pelo partido Novo, para quem "o discurso de Bolsonaro seguiu o padrão", com **"algumas mentiras, transferência de responsabilidades, não reconhecimento de erros, culpabilização da imprensa e mistura de estado com religião"**, num, sublinha, "prejuízo da imagem do país".

À esquerda, do deputado federal pelo PSOL Marcelo Freixo. "O discurso de Bolsonaro foi uma sucessão vergonhosa de mentiras, **não restam dúvidas de que ele é o pior presidente do mundo.**"

Subscreva as newsletters **Diário de Notícias** e receba as informações em primeira mão.

SUBSCREVER

Passando pela ambientalista Marina Silva, líder do Rede e três vezes candidata presidencial: **"O Brasil é um pária ambiental.** Está de parabéns? Não, presidente, é uma lástima."

Fora da política também houve críticas contundentes: "Seguindo à risca a cartilha do General Heleno [ministro do gabinete de segurança] de promover a 'guerra de narrativas', ao invés da guerra aos ilícitos e à corrupção ambiental reinante no país, Jair Bolsonaro faz na ONU uma série de afirmações *fakes* (ou meio verdadeiras) a respeito da política e da situação socioambiental no Brasil", resumiu André Lima, advogado socioambientalista e colunista do *site* Congresso em Foco.

Para Marcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima, **"ao arrasar a imagem internacional do Brasil como está arrasando os nossos biomas, Bolsonaro prova que seu patriotismo sempre foi de fachada"**.

O Greenpeace disse em nota que "o discurso negacionista de Bolsonaro envergonha o povo brasileiro e isola o Brasil do mundo". Mariana Mota, coordenadora de Políticas Públicas da entidade, lembrou que "já estamos habituados a ouvir o presidente faltar com a verdade, desqualificar a ciência e buscar culpabilizar terceiros ao invés de assumir a responsabilidade constitucional que possui".

Gabriela Yamaguchi, diretora de compromisso da organização, divulgou uma nota criticando o que chamou de uma comunicação **"cheia de acusações infundadas e ilações sem base científica"** e citou como exemplo o ponto em que Bolsonaro diz que as queimadas são provocadas pelos índios e caboclos.

Yamaguchi destaca ainda que o presidente descreveu **"um Brasil que não existiu em 2020, em completo negacionismo da realidade do país"**.

Veja aqui o discurso na íntegra:

BR Brazil - President Addresses General Debate, 75th Sessio



PUBLICIDADE ■ CONTINUE A LEITURA A SEGUIR

Meias verdades, dados infundados e mentiras

Independentemente das opiniões, as agências de confirmação de dados contabilizaram dezenas de meias verdades, dados infundados e, simplesmente, mentiras. Eis dez delas, seis relativas a questões ambientais e quatro sobre o combate à pandemia de covid-19.

1. "Temos a matriz energética mais limpa e diversificada do mundo", disse Bolsonaro. Segundo levantamento do Atlas de Energia da Associação Internacional de Energia, organização vinculada à OCDE, o Brasil tinha, em 2018, 45% do suprimento de

energia decorrente de fontes renováveis. O mesmo relatório mostra que há países com matrizes mais limpas, como a Islândia (89%), Moçambique (78%) e Noruega (49%), sublinha a agência Aos Fatos.

2. "A nossa floresta é húmida e não permite a propagação do fogo no seu interior. Os incêndios acontecem praticamente, nos mesmos lugares." Dados da Organização Não Governamental Ipam e da Nasa apresentados pela Aos Fatos indicam que os focos de incêndio que atingiram a região em 2019 aconteceram em áreas previamente desmatadas.

3. "Os focos criminosos são combatidos com rigor e determinação. Mantenho a minha política de tolerância zero com o crime ambiental."

O número de multas ambientais aplicadas pelo Ibama, órgão estatal responsável pela execução da política de meio ambiente, caiu em 34% em 2019, o menor número em 24 anos, de acordo com reportagem do jornal *Folha de S. Paulo*. Em valores financeiros, a queda foi de 43,3%.

PUBLICIDADE ■ CONTINUE A LEITURA A SEGUIR

Segundo levantamento feito pela Agência Pública, entretanto, o Ibama multou 40% a menos entre janeiro e julho de 2020 em relação ao mesmo período de 2019, acrescenta a Agência Lupa.

4. "As grandes queimadas são consequências inevitáveis da alta temperatura local, somada ao acúmulo de massa orgânica em decomposição."

Segundo investigações da Polícia Federal, uma das hipóteses do aumento das queimadas no Pantanal é a ação criminosa, conforme relatado na Operação Matáá, deflagrada no dia 14, em cidades da região do Pantanal para apurar a responsabilidade criminal pelas queimadas na região.

Quatro fazendas vêm sendo investigadas por terem iniciado as queimadas na região, reforçando a suspeita de incêndio proposital, conforme a polícia.

Ainda de acordo com a polícia, o dano ambiental apurado supera mais de 25 mil hectares do bioma pantaneiro. Dados consolidados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais apontam que o bioma Pantanal registrou 16 119 queimadas de 1 de janeiro a 21 de setembro deste ano, contra 5652 no mesmo período do ano passado - um aumento de 185%.

PUBLICIDADE ■ CONTINUE A LEITURA A SEGUIR

5. "Somos líderes em conservação de florestas tropicais."

Um terço da perda de florestas tropicais primárias do mundo foi registado no Brasil, segundo dados de junho de 2020 da Global Forest Watch, organização não governamental que faz a vigilância de florestas em todo o mundo, recolhidos pela agência Lupa.

O país está em primeiro lugar na lista dos que perderam mais floresta primária em 2019.

Além disso, segundo o Índice de Desempenho Ambiental, estudo publicado em julho de 2020 pelas universidades de Yale e Columbia, nos Estados Unidos, **o Brasil ocupa o 114.º lugar na categoria que mede a perda anual de área florestal proporcional ao território, considerando a média dos últimos cinco anos. Nesta categoria, o país está atrás de todos os outros países amazônicos: Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname.**

6. "Em 2019, o Brasil foi vítima de um criminoso derramamento de óleo venezuelano."

Até ao momento, as investigações relacionadas a um derramamento de óleo que poluiu dois mil km do litoral brasileiro

não indicaram culpados.

7. "Desde o princípio [da pandemia], alertei que tínhamos dois problemas para resolver: o vírus e o desemprego, e que ambos deveriam ser tratados simultaneamente e com a mesma responsabilidade."

Em levantamento feito nas redes e nos discursos do presidente, Aos Fatos conclui que Bolsonaro não tratou as duas questões com o mesmo peso, minimizando os efeitos da covid-19.

8. "Por decisão judicial, todas as medidas de isolamento e restrições de liberdade foram delegadas a cada um dos 27 governadores. Ao presidente coube o envio de recursos e meios a todo o país."

Esta informação falsa, das mais comuns entre Bolsonaro e aliados, ignora que decisão do Supremo Tribunal brasileiro determinou que o governo federal respeitasse a autonomia de estados e municípios nas medidas de isolamento contra a covid-19, mas que o dever de combater a pandemia era partilhado por todas as instâncias do poder público, presidência, claro, acima de todas.

9. "E, no primeiro semestre de 2020, apesar da pandemia, verificámos um aumento do ingresso de investimentos, em comparação com o mesmo período do ano passado. Isso comprova a confiança do mundo em nosso Governo."

Dados do Branco Central apontados pela Aos Fatos indicam diminuição e não aumento - **segundo a instituição, nos primeiros seis meses de 2019, o Brasil recebeu 66,2 mil milhões em investimentos; em 2020, registou 61,4 bilhões, cerca de 7,3% a menos.**

10. "O Governo estimulou, ouvindo profissionais de saúde, o tratamento precoce da doença."

Segundo a agência Lupa, a informação é falsa. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda não existe tratamento, remédio ou vacina efetiva contra a covid-19 e as maneiras mais eficazes de proteção a si e aos outros são lavagem

das mãos, uso de máscaras e distância social de pelo menos um metro.

Sobre o uso da cloroquina e hidroxicloroquina, a que Bolsonaro aludia, a OMS diz que as evidências disponíveis sobre os seus benefícios são "insuficientes" e que há efeitos colaterais a ter em conta.

Em junho, o próprio Ministério da Saúde do Governo de Bolsonaro diz que a orientação para a prescrição do medicamento não é obrigatória.

PARTILHAR

.....